

Daniel Barbosa Reis

“CIBERLITURGIA”?

**LIMITES E POSSIBILIDADES DA EXPERIÊNCIA LITÚRGICA NO
AMBIENTE DIGITAL**

Dissertação de Mestrado em Teologia

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Sampaio Costa

Coorientador: Prof. Dr. Washington Paranhos

Apoio: CAPES

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2026

Daniel Barbosa Reis

“CIBERLITURGIA”?

**LIMITES E POSSIBILIDADES DA EXPERIÊNCIA LITÚRGICA NO
AMBIENTE DIGITAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia Sistemática

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Sampaio Costa

Coorientador: Prof. Dr. Washington Paranhos

FICHA CATALOGRÁFICA

	Reis, Daniel Barbosa
R375c	“Ciberliturgia”?: limites e possibilidades da experiência litúrgica no ambiente digital / Daniel Barbosa Reis. - Belo Horizonte, 2026. 85 p. Orientador: Prof. Dr. Alfredo Sampaio Costa. Coorientador: Prof. Dr. Washington Paranhos. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia. 1. Liturgia. I. Costa, Alfredo Sampaio. II. Paranhos, Washington da Silva. III. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. IV. Título. CDU 264

Elaborada por Zita Mendes Rocha – Bibliotecária – CRB-6/1697

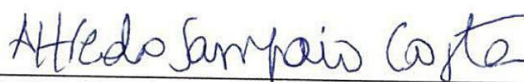
Daniel Barbosa Reis

“CIBERLITURGIA”?
LIMITES E POSSIBILIDADES DA EXPERIÊNCIA LITÚRGICA NO
AMBIENTE DIGITAL

Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 10 de abril de 2026.

COMISSÃO EXAMINADORA:



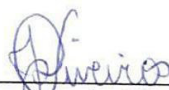
Prof. Dr. Alfredo Sampaio Costa / FAJE (Orientador)

Documento assinado digitalmente



WASHINGTON DA SILVA PARANHOS
Data: 17/04/2026 13:22:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Washington da Silva Paranhos / FAJE (Coorientador)



Profa. Dra. Rosana Araujo Viveiros / FAJE

Documento assinado digitalmente



MOISES SBARDELOTTO
Data: 16/04/2026 14:39:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Moises Sbardelotto / PUC MG (Visitante)

Dedico este trabalho ao povo de Deus,
a quem sirvo com toda a alegria do coração.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho não é fruto de um percurso solitário. A experiência acadêmica, ainda que marcada pelo silêncio da escrita e pelas exigências próprias da reflexão, é sustentada por presenças, estímulos e gestos de generosidade que tornam possível o caminho.

Entre essas presenças, reconheço, antes de todas, aquela em que, para mim, pulsa o sentido que sustenta todas as minhas buscas: Deus, a quem devo a perseverança e a lucidez para a realização deste trabalho.

À minha família, agradeço pela presença constante, discreta e sempre próxima. Presença feita de gestos simples, de palavras cotidianas, de proximidade concreta. Nela encontro não apenas apoio, mas o chão sereno que sustenta os passos da vida.

À Stéphanie, minha noiva, agradeço pela presença que qualifica o tempo, suavizando os dias e trazendo leveza aos momentos de maior exigência. Entre o toque, a palavra e a beleza da nossa convivência, seu cuidado tornou-se lugar de descanso.

Às leigas, leigos e clérigos, amigas e amigos que comigo se lançam à missão evangelizadora, agradeço pela convivência, pela escuta e pelas experiências compartilhadas. Com vocês aprendo mais do que ensino, em um intercâmbio fecundo que recorda, a cada encontro, que toda reflexão permanece enraizada na vida concreta.

Ao corpo docente da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, registro meu agradecimento pela excelência do ensino, pela seriedade acadêmica e pela dedicação intelectual que marcaram decisivamente minha formação. Aos funcionários, agradeço pela paciência, disponibilidade e colaboração, essenciais para a sustentação da vida acadêmica.

Aos colegas de caminhada, agradeço pela partilha, pelas conversas, pelas inquietações comuns e pelo apoio mútuo que tornam o percurso acadêmico uma experiência de comunhão, construída na convivência, no diálogo e na riqueza insubstituível dos encontros.

Ao meu coorientador, Pe. Washington Paranhos, minha gratidão pelo incentivo e diligência para que eu ingressasse no programa de pós-graduação, bem como por todo o direcionamento e suporte ao longo da jornada.

Ao meu orientador, Pe. Alfredo Costa, agradeço imensamente pela paciência, compreensão, confiança e pelo acompanhamento sereno e generoso. Sua condução, profundamente humana e espiritual, foi fundamental para a realização deste trabalho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

De tudo, ficaram três coisas:
a certeza de que ele estava sempre começando,
a certeza de que era preciso continuar e a certeza
de que seria interrompido antes de terminar.
Fazer da interrupção um caminho novo.
Fazer da queda um passo de dança,
do medo uma escada,
do sono uma ponte,
da procura um encontro.

Fernando Sabino

RESUMO: Esta dissertação analisa os limites e as possibilidades da experiência litúrgica cristã-católica no ambiente digital, examinando criticamente as dinâmicas implicadas na interseção entre as linguagens ritual e digital. A investigação identifica limites que emergem desse encontro, particularmente no que se refere à corporalidade, à espacialidade, à temporalidade e à participação ativa e plena dos fiéis, aspectos estruturantes da experiência litúrgico-sacramental. O trabalho reconhece, igualmente, possibilidades legítimas de experiências espirituais nesse contexto, considerando o ambiente digital em sua potencialidade pastoral-evangelizadora. A análise demonstra que, embora as experiências digitais não substituam a celebração litúrgica realizada no corpo da assembleia fisicamente reunida, podem contribuir para sua preparação, aprofundamento e prolongamento.

PALAVRAS-CHAVE: Liturgia. Ambiente digital. Espiritualidade. Ritualidade. Sacramentalidade.

RIASSUNTO: Questa dissertazione analizza i limiti e le possibilità dell'esperienza liturgica cristiano-cattolica nell'ambiente digitale, esaminando criticamente le dinamiche implicate nell'intersezione tra i linguaggi rituale e digitale. L'indagine individua i limiti che emergono da tale incontro, in particolare per quanto riguarda la corporeità, la spazialità, la temporalità e la partecipazione attiva e piena dei fedeli, aspetti strutturanti dell'esperienza liturgico-sacramentale. Il lavoro riconosce, inoltre, possibilità legittime di esperienze spirituali in questo contesto, considerando l'ambiente digitale nella sua potenzialità pastorale-evangelizzatrice. L'analisi dimostra che, sebbene le esperienze digitali non sostituiscano la celebrazione liturgica realizzata nel corpo dell'assemblea fisicamente riunita, possono contribuire alla sua preparazione, al suo approfondimento e al suo prolungamento.

PAROLE CHIAVE: Liturgia. Ambiente digitale. Spiritualità. Ritualità. Sacramentalità.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIC	Catecismo da Igreja Católica
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DCIB	Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil
DD	<i>Desiderio Desideravi</i>
DPPL	Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
GS	<i>Gaudium et Spes</i>
IGLH	Instrução Geral da Liturgia das Horas
IGMR	Instrução Geral do Missal Romano
IM	<i>Inter Mirifica</i>
MR	Missal Romano
PCCS	Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais
SC	<i>Sacrosanctum Concilium</i>
VD	<i>Verbum Domini</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ-CATÓLICA NO AMBIENTE DIGITAL ATUAL	15
1.1 Experiências espirituais no ciberespaço.....	15
1.2 Liturgia: a experiência espiritual cristã por excelência.....	21
1.3 Transmissões de celebrações litúrgicas	28
2 LITURGIA E CIBERESPAÇO: REALIDADES, DINÂMICAS E LINGUAGENS	33
2.1 A realidade sacramental da Liturgia	34
2.2 A realidade virtual do ciberespaço.....	37
2.3 Linguagem ritual e linguagem digital	40
3 LIMITES DO CIBERESPAÇO PARA A EXPERIÊNCIA LITÚRGICA	44
3.1 Limitação corpóreo-sensorial	45
3.2 Limitação espaço-temporal.....	50
3.3 Limitação à participação dos fiéis	56
4 POSSIBILIDADES DO CIBERESPAÇO PARA A ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA..	63
4.1 Sacramentalidade da Sagrada Escritura	63
4.2 Liturgia das Horas.....	67
4.3 Indicações pastorais	72
CONCLUSÃO.....	77
REFERÊNCIAS	82

INTRODUÇÃO

O ambiente digital¹ tornou-se uma extensão comum da vida de grande parte da humanidade. O que, para alguns, poderia parecer apenas um conjunto de ferramentas tecnológicas opcionais com recursos de entretenimento, já há algum tempo configura-se como um espaço vital indispensável, onde se desenrolam laços afetivos, decisões profissionais, trocas culturais e, naturalmente, buscas espirituais. O ciberespaço, termo que há poucas décadas evocava um horizonte distante de ficção científica, tornou-se um ambiente significativo da sociedade contemporânea. Trata-se de um lugar que não ocupa território físico, mas que molda a vida cotidiana com força e presença inquestionáveis.

Se a digitalização não é mais um fenômeno restrito ao trabalho ou ao lazer, mas atravessa todos os campos da vida humana e alcança também o âmbito religioso, essa vida, podemos afirmar, gerou uma nova camada de realidade, feita de conexões, imagens e interações mediadas por vários dispositivos tecnológicos que sustentam as redes digitais. Por isso, é preciso reconhecer que “[...] o ciberespaço não é algo meramente acrescentado às sociedades que se tornaram extremamente complexas, mas tornou-se uma parte intrínseca do próprio tecido da nossa cultura, gostando-se ou não”². Cada mensagem, *like*, consulta, postagem etc., deixa rastros de uma presença que é, simultânea e paradoxalmente, concreta e imaterial.

Essa configuração de viver e nos relacionar tem valores e benefícios incontestáveis, tais como a ampliação do acesso ao conhecimento, uma comunicação instantânea entre pessoas separadas por longas distâncias, diversos entretenimentos, a democratização da informação e tantos outros. Entretanto, seria ingenuidade de nossa parte ignorar os desafios e tensões que emergem dessa mesma realidade. O ambiente digital, ao mesmo tempo que aproxima, pode isolar; promove a informação, mas também pode desorientar; estabelece conexões, mas tem o condão de dissolver ligações mais profundas da identidade e interioridade humanas. A

¹ Para além da discussão terminológica relacionada ao tema, que não constitui o objeto desta pesquisa, ao nos referirmos às relações e experiências da vida humana proporcionadas pela mediação digital, utilizaremos, indistintamente, os termos: ambiente digital, ciberespaço, espaço digital, mundo digital, redes digitais, *online* etc. Tal opção não supõe a existência de realidades paralelas ou de um “outro mundo” distinto do mundo humano concreto e histórico-social. Pelo contrário, parte da compreensão de que se trata do mesmo mundo vivido, ainda que sob mediações específicas. No entanto, a linguagem nos impõe limites e reclama o uso de expressões que permitam referências claras ao fenômeno investigado. Trata-se, portanto, não de afirmações ontológicas ou metafísicas, mas de um recurso linguístico e metodológico adotado conscientemente para viabilizar a reflexão proposta, sem deslocar o foco da pesquisa para debates terminológicos mais refinados.

² “[...] *il cyberspazio non è qualcosa di meramente aggiuntivo alle società divenute estremamente complesse, è diventato una parte intrinseca del tessuto stesso della nostra cultura, che piaccia o no.* GELDHOF, Joris. *Homo adorans* in tempi di digitalizzazione? Prospettive teologiche su un’antropologia liturgica per il futuro. In: JURCZAK, Dominik; SARR, Olivier-Marie; TYMISTER, Markus. *Liturgia “virtuale”?* Atti del XII Congresso Internazionale di Liturgia. Napoli: Editrice Domenicana Italiana (EDI), 2022, p. 41, tradução nossa.

hiperconexão, paradoxalmente, pode conduzir à distração e à superficialidade. O excesso de estímulos, com a velocidade e a quantidade de informações lançadas, literalmente, em nossos olhos, pode gerar um esgotamento mental e emocional, além de acionar nossas ansiedades.

Como espelho da nossa realidade e projeção das nossas aspirações, nas redes sociais, por exemplo, “nos comparamos não apenas a nossos colegas de escola, vizinhos e colegas de trabalho, mas ao mundo todo, tornando fácil demais nos convenceremos de que deveríamos ter feito mais, ou conseguido mais, ou apenas viver de outro modo”³. Além disso, o mundo digital não é imune à lógica de consumo que domina nossa sociedade, havendo nele também o risco de reduzir os usuários a meros dados estatísticos ou a produtos de mercado. Naturalmente, tal lógica não tem no ciberespaço sua causa, mas são questões culturais que, como todas as outras, a ele se estendem.

No campo religioso, esses desafios tornam-se particularmente sensíveis. A espiritualidade, que por natureza busca profundidade, pode ser ameaçada pela lógica da rapidez, da dispersão e do consumo. Por outro lado, seria reducionista condenar o ambiente digital como um inimigo da vida espiritual. A história da fé cristã sempre se caracterizou pela capacidade de encarnar-se nas linguagens e contextos de cada época, e o ciberespaço é, sem dúvida, um ambiente onde o ser humano busca e é alcançado por Deus. Em meio às contradições do tempo presente, o espaço digital pode ser tanto espelho das fragilidades humanas quanto sinal da presença divina que se manifesta em novas linguagens. Entre o clique e o silêncio, o algoritmo e a oração, o dado e o mistério, desenha-se o horizonte de uma espiritualidade chamada a ser encarnada e conectada. Afinal de contas, como indaga o professor Moisés Sbardelotto: “[...] se o ‘Verbo se fez carne’, como diz o Evangelho de João, por que não poderia se fazer bit?”⁴.

As redes digitais não são o oposto do real, mas sua expansão, como indicam reflexões contemporâneas no campo da filosofia e das ciências da comunicação que serão aqui apresentadas. A presença evangelizadora da Igreja nessas realidades é um imperativo missionário, mas como em todas as searas em que se pretenda anunciar e testemunhar o Evangelho do Reino, sobretudo no que diz respeito à Liturgia, surgem questionamentos que exigem discernimento teológico, tais como: quais os elementos constitutivos da experiência litúrgica? Qual é o papel do corpo, da copresença física, do tempo e do espaço na ação ritual? Essas dimensões podem ser mediadas digitalmente sem comprometer a participação dos fiéis,

³ LEMBKE, Anna. *Nação dopamina*: por que o excesso de prazer está nos deixando infelizes e o que podemos fazer para mudar. São Paulo: Vestígio, 2025, p. 210.

⁴ SBARDELOTTO, Moisés. *E o Verbo se fez bit*: a comunicação e a experiência religiosa na Internet. Aparecida, SP: Santuário, 2012, p. 22.

a linguagem ritual e a natureza sacramental da Liturgia? Em relação ao ciberespaço, importa indagar: como entender a realidade digital? Como a presença nele se manifesta? Qual é sua linguagem? Quais são suas vantagens e desvantagens?

Sem qualquer ambição de oferecer respostas acabadas ou muito menos de esgotar o tema, a presente reflexão tem como objetivo analisar, à luz da teologia litúrgico-sacramental, os limites e as possibilidades da experiência litúrgica no ambiente digital. De modo mais específico, propõe-se identificar algumas formas de espiritualidade cristã presentes nesse contexto, avaliá-las criticamente a partir da linguagem ritual e discernir possibilidades pastorais legítimas que respeitem a natureza simbólica e sacramental da Liturgia.

Para empreender o supracitado percurso, no primeiro capítulo serão apresentadas algumas formas de espiritualidade cristã espalhadas no mundo digital e avaliadas de uma perspectiva teológico-pastoral (1.1). Dentre elas, serão destacadas as transmissões de celebrações litúrgicas, analisando-se seu alcance e seu valor (1.2). Serão, ainda, reafirmadas a primazia e a excelência das celebrações litúrgicas para a experiência espiritual dos fiéis (1.3), à luz das afirmações e princípios da constituição litúrgica do Concílio Vaticano II, a *Sacrosanctum Concilium* (SC). O segundo capítulo tratará das dinâmicas e linguagens da Liturgia e do ciberespaço, delineando o funcionamento e as especificidades de cada uma dessas realidades. O terceiro abordará os limites do ciberespaço em relação à experiência litúrgica, em termos de limitações à sensorialidade corporal (3.1), ao alcance espaço-temporal (3.2) e à plena e ativa participação dos fiéis (3.3). O quarto e último capítulo refletirá sobre as possibilidades do ciberespaço em relação às experiências com a Sagrada Escritura (4.1), à Liturgia das Horas (4.2) e apontará algumas sugestões para momentos orantes em reuniões pastorais, de inspiração litúrgica, no espaço digital (4.3).

O estado atual da reflexão sobre a relação entre fé cristã e ambiente digital tem se desenvolvido a partir de diferentes campos do saber. Neste trabalho, esse panorama é assumido em diálogo com autores e perspectivas que ajudam a compreender essa relação. No âmbito da filosofia, recorre-se de modo particular a Pierre Lévy, cujas categorias conceituais permitem pensar as especificidades da realidade virtual. No campo da antropologia, integram-se contribuições como as de David Le Breton, especialmente no que diz respeito às questões do corpo, da presença e das relações, fundamentais para a compreensão da experiência humana e ritual. No âmbito da comunicação e da reflexão pastoral, o trabalho dialoga com autores como Moisés Sbardelotto⁵ e Antonio Spadaro, que analisam o ambiente digital como espaço no qual

⁵ Recomenda-se a consulta ao amplo material acadêmico produzido pelo Prof. Dr. Moisés Sbardelotto, disponível em: <https://somos.pucminas.br/professor/mois-es-sbardelotto>. Acesso em: 25 fev. 2026.

a fé cristã é comunicada e vivida por meio da linguagem digital. Já no campo da teologia litúrgica, a pesquisa se apoia em autores fundamentais, como Cipriano Vagaggini, Dionísio Borobio e Matias Augé, bem como em reflexões recentes de liturgistas palestrantes do XII Congresso Internacional de Liturgia (2021), sobre o tema em questão, promovido pelo Pontifício Instituto Litúrgico Santo Anselmo, em Roma. O trabalho considera, ainda, contribuições mais recentes de Giorgio Bonaccorso e Andrea Grillo, no âmbito da antropologia litúrgica e da ritualidade. Todo esse percurso se desenvolve em consonância com o Magistério conciliar e pós-conciliar da Igreja, que oferece os critérios teológicos para a compreensão da natureza ritual e sacramental da Liturgia e de seus limites próprios.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa de caráter teológico-reflexivo, fundamentada em revisão bibliográfica e análise conceitual, que articula diferentes áreas do saber pertinentes ao tema, delimitando-se à experiência litúrgica cristã-católica, considerada em sua relação com o ambiente digital contemporâneo.

1 A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ-CATÓLICA NO AMBIENTE DIGITAL ATUAL

Refletir sobre a espiritualidade cristã no ambiente digital é um exercício de discernimento cultural e teológico, pois “especialmente a partir do surgimento das mídias digitais, percebemos que a internet passa a ser também um ambiente para as práticas religiosas, que caracterizam um fenômeno de mediatização das sociedades contemporâneas”¹. Não é proveitoso para a reflexão teológica demonizar o ciberespaço como uma ameaça à experiência espiritual, mas compreendê-lo como um dos contextos nos quais a experiência religiosa hoje também se manifesta. Levantar questões sobre essas práticas é uma forma de indagar sobre os caminhos pelos quais a graça divina continua a tocar a história humana, fazendo dela a História da Salvação.

1.1 Experiências espirituais no ciberespaço

A categoria “experiência”, cara a diversas áreas do conhecimento, é também fundamental para a Teologia Espiritual, entendida pelo professor jesuíta Charles André Bernard como “aquela disciplina teológica que, fundamentada sobre princípios da revelação, estuda a experiência espiritual cristã, descreve-lhe o desenvolvimento progressivo e faz que sejam conhecidas suas estruturas e leis”². A experiência expressa o modo como nos compreendemos e nos relacionamos com a realidade à nossa volta e é axial para nossa existência, uma vez que é por meio dela que nos abrimos ao mundo, aos outros, a nós mesmos e a Deus.

É pela experiência concreta, histórica e relacional que reconhecemos a presença e a ação de Deus em nossa própria história. É pela experiência com a pessoa de Jesus, Verbo Encarnado, que compreendemos plenamente quem somos, pois é n’Ele que Deus nos revela nossa verdadeira vocação: viver como filhos e filhas no Filho, participando de sua vida, de seu amor e de sua missão salvífica. Como afirmou magistralmente a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*: “Só no mistério do Verbo Encarnado se esclarece verdadeiramente o mistério do homem. [...] Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime” (GS, n. 22). Nesse sentido, também o Papa Bento XVI nos apontou a fundamental experiência cristã: “No início do ser cristão não há uma

¹ SBARDELOTTO, Moisés. *E o Verbo se fez bit: a comunicação e a experiência religiosa na Internet*. Aparecida, SP: Santuário, 2012, p. 23.

² BERNARD, Charles André. *Introdução à teologia espiritual*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 68.

decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (*Deus caritas est*, n. 1).

A experiência espiritual³, em sua essência, é sempre resposta a uma iniciativa divina que se manifesta na história. O encontro transformador com o Verbo Encarnado, que inaugurou a fé dos primeiros discípulos e discípulas, continua a acontecer nas múltiplas realidades, onde quer que o coração humano se abra à manifestação divina, incluindo o ambiente digital. O ciberespaço, há muito integrado ao tecido da vida cotidiana, tornou-se também lugar de oração. A experiência espiritual cristã, que sempre se valeu das formas culturais de seu tempo, encontra no ambiente digital uma continuidade natural. Importa perceber, como nos aponta Moisés Sbardelotto, que:

[...] Nesses ambientes, além de *informações sobre* a religião, também se promovem e se incentivam a *relação e o vínculo* do fiel com seu Deus: o fiel também *pratica sua fé* no âmbito digital online. Ou seja, as pessoas passam a encontrar uma oferta de experiência religiosa não apenas nas igrejas de pedra, nos padres de carne e osso e nos rituais palpáveis, mas também na religiosidade existente e disponível nos bits e pixels da internet⁴.

Tal constatação de ordem sociológica, antropológica e teológica, revela que o fenômeno da fé digital não é periférico nem passageiro, mas integra a vida espiritual contemporânea. A espiritualidade encontra nesse ambiente novas formas de expressão, nascidas do mesmo dinamismo do Espírito que move a Igreja ao longo da história. Sobre a potencialidade evangelizadora dos meios de comunicação social, hoje tão variados e expandidos, já o Concílio Vaticano II, no decreto *Inter Mirifica*, reconheceu neles uma força a serviço da evangelização: “A mãe Igreja sabe que estes meios, se retamente utilizados, prestam ajuda valiosa ao gênero humano, enquanto contribuem para recrear e cultivar os ânimos e para propagar e consolidar o Reino de Deus” (IM, n. 2). Desde então, a Igreja tem acompanhado o desenvolvimento desse ambiente com atenção pastoral.

A presença de fiéis, comunidades, movimentos e agentes pastorais nesses ambientes revela que a fé cristã encontrou novas moradas, ampliando seus modos de interação. A professora emérita de estudos litúrgicos da Universidade de Yale (EUA), Teresa Berger, aponta que “[...] qualquer pessoa interessada em práticas religiosas, incluindo oração e culto, terá que

³ No presente trabalho, a expressão “experiência espiritual” não é utilizada em sentido subjetivista ou meramente emocional, mas como experiência teológica mediada, situada na história e orientada ao encontro com Cristo no seio da Igreja.

⁴ SBARDELOTTO, 2012, p. 28.

observar atentamente os mundos digitais e as práticas religiosas que neles ocorrem”⁵. Assim, apenas para citar algumas dessas práticas espirituais cristãs no ambiente digital atual, temos: transmissões ao vivo de momentos de oração, reza do terço, reflexões diárias de meditação bíblica, novenas de santos e santas, grupos de *Lectio Divina* por videoconferência, capelas virtuais, breves orações publicadas no Instagram, transmissões de celebrações litúrgicas, dentre outros. Plataformas como YouTube e TikTok, tornaram-se verdadeiras praças digitais da fé, onde padres, religiosos(as) e leigos(as) postam homilias, reflexões, cânticos e testemunhos que alcançam milhões de pessoas. Também podemos verificar a proliferação de aplicativos religiosos, tais como o *Hallow*, *Pocket Terço*, *Pray as You Go*, *YouVersion*, *Glorify*, *Click to Pray* e tantos outros, evidenciando como a vida espiritual vem se adaptando ao ritmo e às linguagens da digitalização contemporânea. Essas práticas, embora legítimas em si mesmas, não possuem o mesmo estatuto teológico nem o mesmo peso eclesial, exigindo discernimento quanto à sua natureza, finalidade e relação com a Liturgia. Contudo, não há dúvida que tais expressões espirituais no ambiente digital evidenciam o papel decisivo das mídias na configuração da experiência religiosa, como indica Sbardelotto: “Em uma sociedade em mediatização, o religioso já não pode ser explicado nem entendido sem se levar em conta o papel das mídias”⁶.

Essa presença crescente da espiritualidade no ambiente digital suscita uma questão que não pode ser ignorada: que tipo de experiência humana e espiritual se constituem nesse espaço? O ambiente digital não é apenas um meio externo através do qual conteúdos circulam, mas um contexto no qual se formam modos de perceber, sentir e se relacionar com a realidade. É nesse horizonte que se torna necessário considerar o alcance formativo do ciberespaço para a experiência espiritual cristã. Como afirma o pensador americano Samuel James:

A natureza espiritualmente formativa da internet é incrivelmente poderosa justamente porque ela é tão imersiva e se tornou constitutiva da vida moderna, que estamos nos tornando - física e psicologicamente - pessoas de um tipo diferente por causa dela. E como o ensinamento cristão não nos permite separar o que acontece com nossas mentes e afetos do que acontece com nosso espírito, a capacidade que a internet tem de nos remodelar como pessoas adquire, assim, um caráter espiritual⁷.

⁵ [...] anyone interested in religious practices, those of prayer and worship included, will have to look closely at digital worlds and religious practices in them. BERGER, Teresa. *@Worship: Liturgical Practices in Digital Worlds*. London; New York: Routledge, 2018, p. 3, tradução nossa.

⁶ SBARDELOTTO, 2012, p. 30.

⁷ The spiritually formative nature of the web is incredibly powerful precisely because it is so immersive and so assumed in our modern life, and we are becoming - physically and psychologically - different kinds of people because of it. And because Christian teaching will not let us divide what happens to our minds and affections from what happens to our spirits. The web's ability to reshape us as people becomes a spiritual ability.

A espiritualidade digital se move no compasso da vida moderna, marcada pela transitoriedade, pela velocidade das comunicações e pelo ritmo frenético imposto à grande parcela da sociedade mundial. O fiel de hoje vive em constante deslocamento, mudando de espaço, de contexto, de linguagem e de atenção a cada instante. Nesse cenário, a experiência religiosa também se transforma e exige uma espiritualidade em movimento, capaz de acompanhar esse fluxo. A espiritualidade digital responde a essa demanda, fazendo-se acessível à fé de quem vive entre ônibus, trens, carros, prazos e telas; de quem reza no intervalo do trabalho, partilha a Palavra em grupos de WhatsApp e em outras plataformas.

O ambiente digital traduz o conteúdo da fé em formatos breves e imagéticos que facilitam o exercício espiritual: orações em vídeos curtos, frases bíblicas em arte visual, *reels* com breves meditações, citações de santos e santas em animação gráfica, dentre outros. São recursos que mostram como a espiritualidade cristã dialoga com a sensibilidade estética e veloz da cultura digital. O ciberespaço pode tornar-se, assim, um lugar de revelação onde Deus se manifesta na linguagem própria de uma era em movimento. Em meio ao ritmo acelerado, à dispersão e à superficialidade que marcam a vida urbana e globalizada, muitos experimentam aridez e sede espirituais. É justamente aí que a espiritualidade digital pode oferecer pontos de reconexão com o Senhor, ajudando a saciar o coração humano que “tem sede de Deus” (Sl 42,3).

Importa notar, ainda, que o ambiente digital tem se tornado uma expressão concreta da sinodalidade eclesial e da desclericalização, pois, embora muitos rostos em destaque nas mídias ainda sejam de ministros ordenados, cresce a presença e o testemunho de leigas e leigos que partilham a fé com criatividade e profundidade. Essa pluralidade de vozes guarda o potencial para revelar a beleza de uma Igreja viva, de comunhão, participação e missão. Essa “democratização” reafirma a corresponsabilidade de todos os batizados e batizadas na missão de anunciar o Evangelho do Reino no “mundo inteiro” (Mc 16,15), incluindo seu aspecto digital. Como indica o Documento Final do Sínodo sobre a Sinodalidade:

As comunidades e os grupos digitais cristãos, especialmente de jovens, são também chamados a refletir sobre o modo como criam laços de pertença, promovem o encontro e o diálogo, oferecem formação entre pares, desenvolvendo uma modalidade sinodal de ser Igreja. A rede, constituída por conexões, oferece novas oportunidades para viver melhor a dimensão sinodal da Igreja (Documento Final da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, n. 113).

Se, por um lado, o ambiente digital tem se revelado um espaço fértil para o testemunho da fé e para a experiência espiritual cristã, por outro, ele traz consigo tensões e ambiguidades que exigem discernimento. O ciberespaço, com suas promessas de conexão e proximidade, é também um território marcado pela fragmentação e pela superficialidade. A mesma rede que une pode isolar. O mesmo ambiente que parece profundo em possibilidades para a fé pode reduzi-la a experiências superficiais e voláteis, próprias de um ambiente marcado pelo consumo rápido de conteúdos. Tais características somam-se à dinâmica própria dos nossos tempos, que nos dão “[...] razões para considerar ‘fluidez’ ou ‘liquidez’ como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, *nova* de muitas maneiras, na história da modernidade”⁸. Assim, as práticas espirituais nesse contexto, embora significativas e inspiradoras, como afirmamos, correm o risco de se tornarem experiências excessivamente fugazes, desprovidas de enraizamento.

Sobre esses riscos, é preciso identificá-los com honestidade intelectual e lucidez teológica. Consideramos ser o principal deles a fomentação de práticas espirituais que podem reforçar o devocionismo já existente, marcado por elementos fervorosos em sua forma, mas frágeis teologicamente em seu conteúdo. Tais expressões podem acabar por se restringir ao despertar de afetos religiosos, sem, contudo, conduzir a uma fé amadurecida, capaz de fazer com que o encontro com Cristo desemboque na vivência dos valores de seu Reino.

Embora possam servir como porta de entrada, ou mesmo como um modo de manter aquecida a espiritualidade cristã, as devoções não bastam por si mesmas, nem podem ocupar o núcleo ou o carro-chefe da evangelização. Além disso, a simples transposição de práticas da piedade popular para o ambiente digital, sem o devido discernimento pastoral e teológico, pode acabar concretizando o alerta evangélico: “Ninguém costura remendo de pano novo em roupa velha, senão o remendo novo repuxa o tecido e o rasgão fica maior ainda (Mc 2,21). Ao invés de discernir e propor novos caminhos que favoreçam o amadurecimento e a solidez da fé, repisam-se devoções, apresentadas com roupagem moderna e tecnológica, como se fossem suficientes para nutrir a vida espiritual. O Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia, ressaltando o valor da piedade popular, aponta seus possíveis desvios:

O Magistério, que mostra os inegáveis valores da piedade popular, não deixa de apontar alguns perigos que podem ameaçá-la: a insuficiente presença de elementos essenciais da fé cristã, tais como o significado salvífico da Ressurreição de Cristo, o sentido da pertença à Igreja, a pessoa e a ação do divino Espírito, a desproporção entre a estima pelo culto aos Santos e a consciência da absoluta soberania de Jesus Cristo e do seu mistério; o raro contato direto com a Sagrada Escritura; o afastamento da vida

⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 9.

sacramental da Igreja; a tendência de separar o momento cultural dos compromissos da vida cristã; a concepção utilitarista de algumas formas de piedade; a utilização de sinais, gestos e fórmulas, que talvez adquiram uma importância excessiva, até à procura do espetacular; em casos extremos, o risco de incentivar o ingresso de seitas e levar até mesmo à superstição, à magia, ao fatalismo e à opressão (DPPL, n. 65).

Outro risco é o de uma espiritualidade fragmentada ou diluída. As práticas oracionais no ambiente digital, frequentemente, acontecem em meio a interrupções por notificações sonoras e visuais que dispersam a atenção do(a) orante. Isso faz com que a concentração, condição essencial de toda forma de espiritualidade, se torne mais difícil. Rezar diante de uma tela, entre mensagens que chegam e *feeds* que se atualizam, fragmenta e fragiliza a oração, fazendo da prática mais assemelhada ao consumo de um conteúdo qualquer do que uma experiência espiritual. Como mencionamos há pouco, a dinâmica das plataformas digitais, somada à nossa “modernidade líquida”, favorece essa tendência. O formato curto e rápido, a linguagem imagética e o apelo emocional imediato podem gerar uma espiritualidade marcada pela instantaneidade, tantas vezes sem a continuidade e a profundidade necessárias.

Essa mesma dinâmica leva a outro desafio: o da fragilidade dos vínculos. O ambiente digital, apesar de gerar uma certa proximidade, muitas vezes carece de estabilidade e de contato físico. Como afirmou o Dicastério para a Comunicação: “É importante apreciar o mundo digital e reconhecê-lo como parte da nossa vida. No entanto, é na complementaridade das experiências digitais e físicas que se constroem a vida e a jornada humanas” (DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO, 2023, n. 17). A ausência de uma comunidade que se reúne fisicamente, situada em um lugar tangível, com rostos, gestos e relações concretas, enfraquece o caráter eclesial-comunitário da fé. Sem a mediação da Igreja sensível, a experiência pode se tornar individualista, reduzida ao “eu e Deus” na tela. Sem o contato direto, a fé pode se reduzir a um exercício mental e abstrato, desvinculado da dor e das necessidades concretas do povo, perdendo, em grande parte, seu caráter diaconal e profético.

O ambiente digital, no entanto, não substitui o cuidado pessoal, manifestado na solidariedade material e no toque compassivo junto aos que mais sofrem. Infelizmente, tantas vezes, nem mesmo a comunidade que se reúne fisicamente consegue garantir essa assistência tangível. Por outro lado, a solidariedade *online* pode ser bem concreta: arrecadações para custear tratamentos médicos ou reconstruir moradias após desastres, mobilizações para encontrar pessoas desaparecidas, campanhas de doação de sangue e de órgãos etc. Nessa direção, Papa Francisco afirmou: “Se a rede é uma oportunidade para me aproximar de casos e

experiências de bondade ou de sofrimento distantes fisicamente de mim, para rezar juntos e, juntos, buscar o bem na descoberta daquilo que nos une, então é um recurso”⁹.

Em síntese, a espiritualidade digital, amalgamada à tessitura cultural e religiosa atual, é um espaço real de expressão da fé e busca de Deus. É preciso discerni-la, com suas vantagens e desvantagens, à luz do Evangelho e da teologia, reconhecendo nela tanto as oportunidades quanto os desafios próprios de toda experiência espiritual. A espiritualidade, seja ela vivida junto à comunidade fisicamente reunida ou no ciberespaço, permanece convocada a uma mesma fidelidade: a partir do encontro com o Senhor, anunciar e testemunhar seu Reino de justiça e de amor. Contudo, para alimentar e renovar essa fidelidade, o primeiro e insubstituível lugar para experimentar esse encontro com Ele é a Liturgia, da qual trataremos a seguir.

1.2 Liturgia: a experiência espiritual cristã por excelência

Nos primeiros séculos do Cristianismo, a Liturgia era o sustentáculo das comunidades de fé, o núcleo em torno do qual orbitava toda a vida eclesial. O livro dos Atos dos Apóstolos descreve com clareza essa vitalidade originária:

Eles eram perseverantes no ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações. Apossava-se de todos o temor, e pelos apóstolos realizavam-se numerosos prodígios e sinais. Todos os que abraçavam a fé, viviam unidos e possuíam tudo em comum; vendiam suas propriedades e seus bens e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um. Perseverantes e bem unidos, frequentavam diariamente o templo, partiam o pão pelas casas e tomavam a refeição com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e eram estimados por todo o povo (At 2,42-47a).

Nessa breve síntese está contido o coração da vida cristã: a Liturgia, especialmente a Celebração Eucarística, como fonte da fé e expressão visível da comunhão fraterna. Eram dos ritos e preces (“ensinamento dos apóstolos”, “fração do pão” e “orações”) que brotavam a força missionária e a identidade espiritual das primeiras comunidades de discípulos e discípulas de Jesus. Celebrar significava participar do Mistério Pascal e reconhecer-se como Corpo de Cristo reunido e corresponsável no cuidado com os irmãos e irmãs. Da Liturgia, portanto, brotava um compromisso ético-social bem concreto, não limitado a um cuidado meramente virtual, no

⁹ FRANCISCO. *Mensagem para o 53º Dia Mundial das Comunicações Sociais: “Somos membros uns dos outros”* (Ef 4, 25): das comunidades de redes sociais à comunidade humana. 24 jan. 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20190124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 10 out. 2025.

sentido de apenas rezarem e desejarem o bem aos irmãos e irmãs, mas de serem esse bem uns para os outros.

Com o passar dos séculos, esse vigor litúrgico foi gradualmente perdendo força. Diversos fatores históricos, culturais e teológicos - que não serão tratados diretamente neste trabalho - contribuíram para deslocar a centralidade da Liturgia na vida espiritual da Igreja. Nesse processo, as celebrações comunitárias da fé foram progressivamente privatizadas: de um lado, pela onda clericalista, que concentrou na figura dos ministros ordenados a ação litúrgica, transformando a assembleia em espectadora passiva dos ritos; de outro, pelo próprio laicato, que, ao sentir-se aliado das celebrações litúrgicas, buscou compensação espiritual mediante a intensificação de práticas devocionais de caráter pessoal e intimista. Como recorda o eminente liturgista brasileiro e grande pesquisador da história da Liturgia, Fr. José Ariovaldo da Silva: “O crescente individualismo religioso atinge o seu auge no chamado ‘outono da Idade Média’ (séculos XIV e XV). Trata-se de um período em que a vida e a espiritualidade litúrgicas decaem de forma acentuadamente progressiva”¹⁰. A Liturgia, antes espaço de comunhão eclesial e de experiência pascal partilhada, converteu-se pouco a pouco em um exercício fragmentado, vivido ora como espetáculo sagrado, ora como devoção individual. Embora esse período tenha sido marcado por forte privatização da experiência litúrgica, não se ignora a presença de autênticas experiências de fé surgidas nesse contexto histórico, as quais, contudo, não serão aqui abordadas.

Nos séculos seguintes, as folhas do “outono da Idade Média” continuaram a cair e a cobrir o envolvimento do povo nas celebrações, sufocando ainda mais a dimensão comunitária da Liturgia. No século XIX e início do século XX, com o surgimento e as atividades do Movimento Litúrgico, a Igreja começou a tomar consciência da urgência de uma renovação. Não se tratou de um movimento uniforme, mas de uma corrente de inspiração que floresceu em diversos lugares da Europa, entrelaçado a outros movimentos de renovação teológica, bíblica e pastoral. Seu impulso mais vigoroso nasceu em torno de mosteiros beneditinos, que aos poucos se tornaram verdadeiros laboratórios da renovação litúrgico-eclesial. Destacaram-se as abadias de Solesmes, na França, e as de Beuron e de Maria Laach, na Alemanha, onde a redescoberta e o estudo de antigos sacramentários despertaram um novo interesse pela Liturgia, como objeto privilegiado de reflexão teológica e de renovação eclesial. Nasceu, assim, um esforço de retorno às fontes, redescobrimo a vitalidade espiritual dos ritos litúrgicos que, por séculos, em grande

¹⁰ SILVA, José Ariovaldo da. O mistério celebrado no segundo milênio da era cristã: panorama histórico geral. In: BUYST, Ione; SILVA, José Ariovaldo da. *O mistério celebrado: memória e compromisso I*. 2. ed. Valência: Siquem; São Paulo: Paulinas, 2006, v. 9, p. 47.

parte ficaram reduzidos a um formalismo legalista e a uma piedade predominantemente devocional e individualista.

Dentre as atividades do Movimento Litúrgico, destaca-se o Congresso de Malines, na Bélgica, realizado em setembro de 1909. Nesse evento, Dom Lambert Beauduin, monge beneditino de Maredsous e um dos principais expoentes do Movimento, proferiu a célebre conferência “A verdadeira oração da Igreja”. Nessa conferência, como recorda o padre jesuíta Washington Paranhos, mesmo passados tantos séculos, Beauduin constatou que na Liturgia ainda “[...] reinava o individualismo religioso, [que] as assembleias litúrgicas tinham perdido o seu caráter comunitário e os fiéis buscavam Deus apenas em uma forma devocional, por isso a Liturgia se empobrecia cada vez mais”¹¹.

As intuições que emergiram do Movimento Litúrgico, em grande parte amadurecidas no silêncio dos mosteiros e nas experiências pastorais de algumas dioceses europeias, começaram a ser acolhidas e endossadas pelo Magistério pontifício ao longo da primeira metade do século XX. Documentos como o *motu proprio Tra le sollecitudini* (Pio X, 1903), sobre a música sacra e a participação dos fiéis; a encíclica *Divini Cultus Sanctitatem* (Pio XI, 1928), sobre a dignidade do culto divino e a encíclica *Mediator Dei* (Pio XII, 1947), sobre a natureza teológica da Liturgia, marcaram um importante reconhecimento das reflexões suscitadas pelo Movimento.

Esse caminho paciente e fecundo, iniciado pelo Movimento Litúrgico, encontrou sua plena maturação no Concílio Vaticano II (1962-1965), verdadeiro cume e síntese de todo o esforço da renovação litúrgica que o precedeu. O que foi plantado em alguns mosteiros e grupos de reflexão, como semente lançada na terra discreta da história, floresceu no coração da Igreja universal. No dia 04 de dezembro de 1963, foi promulgado o primeiro documento do Concílio Vaticano II: a Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* – Sobre a Sagrada Liturgia. A escolha de iniciar o Concílio pela Liturgia não foi casual. Tratava-se de um gesto profundamente simbólico e teológico para devolver o primeiro lugar e recolocar no centro da vida eclesial aquilo que é, desde as origens, o coração pulsante da fé cristã: o Mistério Pascal de Cristo celebrado e atualizado, “*per ritus et preces*” (SC, n. 48), na assembleia litúrgica. Como afirma o próprio texto conciliar: “O interesse pelo incremento e renovação da Liturgia é considerado como um sinal dos desígnios providenciais de Deus sobre o nosso tempo, como uma passagem do Espírito Santo pela sua Igreja [...]” (SC, n. 43). De fato, o Espírito de Deus, que faz novas todas as coisas (cf. Ap 21,5), inspirou os padres conciliares para que recolocassem

¹¹ PARANHOS, Washington. *O contexto litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica*. São Paulo: Paulus, 2022, p. 127.

a Liturgia em seu lugar central, reconhecendo-a como o “cume para o qual tende a ação da Igreja e a fonte de onde promana toda a sua força” (SC, n. 10).

Preocupados com o deslocamento que ao longo dos séculos havia privatizado e elitizado a Liturgia, bem como desejosos de devolverem a ela seu *status* de sustentáculo da vida espiritual da Igreja, os padres conciliares afirmaram, magistralmente, que “[...] ela é a primeira e necessária fonte onde os fiéis hão de beber o espírito genuinamente cristão [...]” (SC, n. 14). Assim, foi resgatada a concepção fundamental do lugar que a Liturgia deveria ocupar: o primeiro e fontal.

Sacrosanctum Concilium reconhece que “a vida espiritual, contudo, não se limita unicamente à participação na sagrada Liturgia” (SC, n. 12), mas reforça que “toda celebração litúrgica, por ser obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo que é a Igreja, é ação sagrada por excelência, não se igualando em eficácia e grau por nenhuma outra ação da Igreja” (SC, n. 7). Corrigiu-se, assim, a inversão de ordem que se verificou em determinado momento da história, quando, por diversos fatores, os atos de piedade passaram a ocupar lugar de maior destaque do que a própria Liturgia na vida espiritual cristã.

O Concílio Vaticano II, ao reafirmar a primazia da ação litúrgica, recordou que tais atos “devem estar em harmonia com os tempos litúrgicos e se articularem com a Sagrada Liturgia, pois dela derivam e a ela, que por sua natureza é muito superior a todas as práticas, devem conduzir o povo” (SC, n. 13). Nesse sentido, afirma o renomado monge beneditino Cipriano Vagaggini, figura importantíssima do Movimento Litúrgico italiano e um dos elaboradores dos esquemas que acabaram se tornando a Constituição *Sacrosanctum Concilium*:

É tempo agora de dissipar essa ilusão. A espiritualidade litúrgica não é uma entre tantas outras escolas de espiritualidade admitidas ou mesmo recomendadas pela Igreja. [...] Mas é a espiritualidade da Igreja a um título que não convém a nenhuma outra¹².

A experiência espiritual promovida pela Liturgia reivindica essa primazia em virtude de sua natureza comunitário-ecclesial: “As ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da Igreja, ‘sacramento da unidade’. São, pois, ações de todo o corpo da Igreja” (SC, n. 26). Essa afirmação faz entrever o estatuto próprio da experiência litúrgica, que não se deixa reduzir meramente à esfera da interioridade e da individualidade, mas se inscreve no dinamismo próprio da ação celebrativa. Como explica Castellano:

¹² VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 578.

Concretamente, a experiência litúrgica no âmbito cristão distingue-se de outras experiências de tipo religioso, centradas mais em uma linha cultural ascendente, ou em uma dimensão ascensional orante ou de purificação ascética do que em uma convicção da acolhida do Deus que nos amou primeiro, revelou-se por sua própria iniciativa com palavras e obras e se nos comunicou em Cristo no mistério e nos mistérios de sua humanidade, que passaram agora para os sacramentos da Igreja, segundo a feliz expressão de São Leão Magno¹³.

O amor divino que se fez tangível em Cristo é experimentado genuinamente através dos ritos da Liturgia, fazendo da celebração o momento histórico da salvação. A Liturgia, como a experiência espiritual por excelência da comunidade cristã, estrutura-se e desenvolve-se na inteligência própria dos ritos e preces (cf. SC, n. 48). Faz-se necessário, portanto, redescobrir a espiritualidade da ritualidade, reconhecendo que a experiência com a pessoa de Jesus Cristo, proposta pela Liturgia, é manifestada nos ritos, entendidos como os gestos de Jesus reiterados pela assembleia celebrante a fim de assimilá-los e traduzi-los na vida.

Para essa redescoberta, é preciso afastar o preconceito sobre o rito, que nasce, em grande parte, de uma mentalidade pragmática e utilitarista, que valoriza apenas aquilo que parece imediatamente útil ou produtivo e desconfia de tudo o que exige tempo, repetição e processo. Esse preconceito é ainda alimentado por uma compreensão excessivamente racional da fé, que reduz a experiência religiosa a ideias e explicações, esquecendo que o ser humano aprende e se transforma também por gestos, símbolos, objetos, cores, cheiros, sons etc. Soma-se a isso a reação a formas históricas de ritualismo vazio e simbolismo alegórico, nas quais as ações rituais foram vividas sem autenticidade, levando muitos a confundir o abuso com a própria essência da Liturgia. Como alertou Papa Francisco: “A tarefa não é fácil porque o homem moderno tornou-se analfabeto, já não sabe ler os símbolos, quase nem sequer pressente a sua existência” (DD, n. 44). Esse analfabetismo simbólico-ritual da cultura contemporânea tornam os ritos estranhos e opacos, especialmente para quem não foi neles iniciados ou o foram de modo insuficiente.

Essa dificuldade contemporânea em reconhecer e habitar a linguagem simbólico-ritual não surge de modo espontâneo. Ela se inscreve em um longo processo histórico, no qual o rito foi progressivamente marginalizado no interior da própria reflexão filosófica e teológica. Como observa Giorgio Bonaccorso:

O liame entre corpo e rito é evidente, mas dado que o rito foi frequentemente ligado à religião, e esta foi compreendida numa perspectiva doutrinária em que tinham a primazia mente, alma, interioridade, o rito foi deixado de lado ou foi reduzido a um instrumento das doutrinas e das devoções. Na base disso está, em grande medida, a

¹³ CASTELLANO, Jesús. *Liturgia e vida espiritual*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 91.

reflexão filosófica e teológica, que, tendo adotado um modelo dualista caracterizado pelo domínio da alma/mente, submeteu o corpo à suspeição e à desvalorização, não obstante essa desvalorização entrasse em rota de colisão com outros aspectos fundamentais da vida humana e religiosa¹⁴.

É fundamental, porém, distinguir claramente ritualidade de ritualismo. A ritualidade pertence à própria lógica da encarnação: o Deus que salva entra na história, assume mediações humanas, fala por gestos, símbolos e palavras repetidas, capazes de moldar interiormente quem as vive. O ritualismo, por sua vez, é a degeneração dessa ritualidade. O sufixo “*ismo*”, que em tantas áreas indica uma espécie de inflamação ou desvio, ajuda a compreender o problema: quando o rito se inflama de si mesmo, perde sua transparência ao mistério e se fecha numa autorreferencialidade estéril. Como alerta o liturgista Matias Augé:

Há de novo o perigo de que tudo seja reduzido a uma ritualidade formalmente cumprida, mas sem *pathos*, sem aquela carga de participação consciente e ativa que é condição para que a celebração se torne espaço de autêntica experiência espiritual. Porque é evidente que não se trata de seguir simplesmente uma prescrição, mas de “interpretar” um rito eclesial para torná-lo vivo, para inseri-lo vitalmente no ritmo global da celebração e permitir, assim, à assembleia cultural, exprimir a sua fé e realizar o encontro vital com o Senhor¹⁵.

É precisamente nesse horizonte que se compreende a advertência do Papa Francisco ao afirmar: “A *ars celebrandi* não se pode reduzir à mera observância de um aparato de rubricas” (DD, n. 48). As rubricas são necessárias, pois protegem o rito e garantem sua fidelidade eclesial; contudo, quando absolutizadas, correm o risco de sufocar aquilo a que deveriam servir. Da mesma forma, Francisco recorda: “[...] mesmo que a qualidade e a norma da ação celebrativa estejam garantidas, isso não bastaria para tornar plena a nossa participação” (DD, n. 23). Aqui se revela o limite do ritualismo, pois embora consiga alcançar uma maior correção formal, mostra-se incapaz de gerar, por si só, participação plena, isto é, uma participação que envolva a totalidade da pessoa: corpo, afetos, emoções, inteligência etc. A verdadeira ritualidade, ao contrário, educa lentamente o fiel para entrar no mistério, permitindo que o rito modele a vida e que a vida, por sua vez, encontre no rito sua fonte e seu critério.

A Liturgia não pode mais ser compreendida como um mero cumprimento de normas, nem como um conjunto de fórmulas mágicas que, aplicadas corretamente, produzem automaticamente a graça. Tal compreensão não apenas empobrece o rito, mas distorce sua verdade teológica. A graça não é o resultado mecânico de uma execução perfeita, mas dom

¹⁴ BONACCORSO, Giorgio. *Rito*. São Paulo: Loyola, 2024, p. 99.

¹⁵ AUGÉ, Matias. *Espiritualidade litúrgica*. São Paulo: Ave Maria, 2002, p. 19.

pascal que se oferece numa ação celebrativa viva, na qual Cristo “[...] associa sempre a si a Igreja, sua esposa muito amada, a qual invoca o seu Senhor e por meio dele rende culto ao Eterno Pai” (SC, n. 7). Superar o ritualismo não significa empobrecer ou flexibilizar a Liturgia, mas resgatar sua densidade espiritual e antropológica. Cuidar do rito é permitir que ele cumpra sua finalidade mais profunda: ser lugar de encontro, escola de fé e espaço privilegiado no qual Deus continua a falar e a agir no meio do seu povo reunido para celebrá-Lo.

A Liturgia, que é organicamente ritual, não empobrece a experiência espiritual, mas pelo contrário, a estrutura, a educa e a aprofunda. Ela é o lugar onde a fé toma corpo, tempo, gesto e palavra. Nela Deus se comunica não apenas por conceitos, mas por sinais eficazes (cf. SC, n. 7). Por isso, como apontou o Papa Bento XVI, ela “constitui o âmbito privilegiado onde Deus nos fala” (VD, n. 52). Nela, somos convocados pelo próprio Deus para adentrarmos na relação de amor da Trindade, pois a Liturgia é sua obra (*opus trinitatis*). Após fazermos a experiência deste amor pleno do Senhor, somos por Ele enviados mundo afora para amar. A Liturgia, assim, como experiência espiritual por excelência, é o coração da Igreja, que nos convoca (sístole) e nos envia (diástole) para pulsarmos no mundo o amor que nela experimentamos. É o que nos indica Augé: “A vida dos cristãos, moldando-se à existência de Jesus, torna-se também ela verdadeiro culto agradável ao Pai. A Liturgia, celebração memorial do mistério de Cristo, é a mediação ritual deste culto existencial”¹⁶.

Para que aprendamos a nos oferecer como “sacrifício vivo, santo e agradável a Deus” (Rm 12,1) e, assim, sermos no mundo um sacrifício de louvor, o Senhor nos convoca e nos reúne para sermos recriados “à sua imagem e semelhança” (Gn 1,27), imagem esta que o pecado vai apagando em nós e nos desfigurando. A experiência espiritual da Liturgia nos coloca diante da “[...] exigência de uma assimilação contemplativa e vital e de um compromisso pessoal, comunitário e social”¹⁷, a fim de resgataremos a “[...] verdade de uma experiência que parte da celebração e leva para a vida, para depois voltar da experiência vivida para a celebração”¹⁸.

Essa circularidade, da celebração à vida e da vida à celebração, expressa o dinamismo próprio da fé que se encarna, se nutre e se renova continuamente no mistério celebrado. Essa dinâmica nos revela que a Liturgia não apenas instrui a assembleia celebrante, mas a forma em Cristo. Pela inteligência dos ritos e preces, essa formação não é apenas intelectual, mas profundamente existencial. O Papa Francisco aponta, com clareza, que essa assimilação do jeito

¹⁶ AUGÉ, 2002, p.10.

¹⁷ CASTELLANO, 2008, p. 9-10.

¹⁸ CASTELLANO, 2008, p. 9-10.

de ser de Jesus constitui o objetivo próprio da ação transformadora do Espírito em nós, realizada de modo eminente na Liturgia:

O conhecimento do mistério de Cristo, questão decisiva para a nossa vida, não consiste numa assimilação mental de uma ideia, mas numa real implicação existencial com a sua pessoa. Neste sentido, a Liturgia não diz respeito ao ‘conhecimento’ e a sua finalidade não é primariamente pedagógica (embora tenha um grande valor pedagógico: cf. *Sacrosanctum Concilium*, n. 33), mas é o louvor, a ação de graças pela Páscoa do Filho, cuja força de salvação alcança a nossa vida. A celebração diz respeito à realidade do nosso ser dóceis à ação do Espírito que nela opera, até que Cristo seja formado em nós (cf. Gl 4,19). A plenitude da nossa formação é a conformação a Cristo. Repito: não se trata de um processo mental, abstrato, mas de chegar a ser Ele. É esta a finalidade para a qual foi dado o Espírito, cuja ação é sempre e só a de fazer o Corpo de Cristo. É assim com o pão eucarístico, é assim para todos os batizados chamados a tornarem-se cada vez mais aquilo que receberam em dom no Batismo, isto é, a serem membros do Corpo de Cristo (DD, n. 41).

A Liturgia é o lugar privilegiado para a ação renovadora do Espírito, que nos reconfigura a Cristo e faz de nós seu Corpo. Nela, o Mistério Pascal celebrado deixa de ser um acontecimento distante e se torna experiência viva, na carne, que molda a nossa existência. Os ritos são os cinzéis com os quais o Pai, pelo movimento do Espírito Santo, nos esculpe em Cristo. Para usar outra imagem, podemos também recorrer ao livro do profeta Jeremias, que narra a ação modeladora do Senhor sobre seu povo:

“Levanta-te e desce à casa do oleiro, e lá te farei ouvir as minhas palavras”, diz o Senhor. E desci à casa do oleiro, e eis que ele estava fazendo a sua obra. Como o vaso, que ele fazia de barro, quebrou-se na mão do oleiro, tornou a fazer dele outro vaso, conforme o que pareceu bem aos olhos do oleiro fazer. Então veio a mim a Palavra do Senhor, dizendo: “Não poderei eu fazer de vós como fez este oleiro, ó casa de Israel? Eis que, como o barro na mão do oleiro, assim sois vós na minha mão” (Jr 18, 2-6).

Como ao profeta, o Senhor também nos convida à sua casa para que sejamos remodelados, até que possamos dizer: “Já não sou eu quem vive, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Em cada celebração litúrgica somos continuamente recriados, pois ali o Oleiro divino toca o barro da nossa existência e faz de nós sua obra prima: a imagem viva de Cristo no mundo.

1.3 Transmissões de celebrações litúrgicas

De 3 a 9 de julho de 1972, em Apucarana - PR, com todo o incentivo e diligência de seu primeiro bispo diocesano, Dom Romeu Alberti, que foi membro da Comissão Nacional de Liturgia da CNBB e presidente do departamento de Liturgia do CELAM, realizou-se o “I

Encontro Nacional de Liturgia de Rádio e Televisão”. As conclusões desse encontro, publicadas no volume 33 da coleção “Estudos da CNBB”, traz uma afirmação que, embora do início da década de 70, aplica-se também aos dias de hoje: “É uma realidade que há um grande público no Brasil que gosta de Missa de Rádio e Televisão, movido por um sentimento religioso que não podemos menosprezar” (Estudos da CNBB 33, n. 16).

Esse mesmo sentimento religioso, afirmado em 1972, permanece vivo e, em muitos aspectos, foi potencializado pelas novas formas de comunicação surgidas com o avanço da tecnologia. Se, inicialmente, rádio e televisão constituíam os principais canais para a transmissão de celebrações litúrgicas, o incremento da Internet possibilitou o surgimento de diversas plataformas digitais que facilitaram e multiplicaram essas transmissões, tais como serviços de *streaming*, canais em redes sociais, aplicativos de mensagens, *sites*, ampliando significativamente seu alcance e acessibilidade.

Diante das telas, pessoas de várias idades acompanham as transmissões e, de alguma forma, se sentem unidos a elas. Em especial, idosos e enfermos que, por limitação ou impossibilidade de se deslocarem até a igreja, encontram nessas transmissões uma forma de manter acesa a chama da fé. Também uma forma dessas pessoas sentirem que continuam ligadas à própria comunidade eclesial e/ou de conservarem uma rotina espiritual. Basta pensar em alguém que, após décadas de participação nas celebrações e na vida eclesial de determinada comunidade, até mesmo engajada em algum ministério, pastoral, movimento ou grupo, encontre-se impossibilitado dessa participação e envolvimento. Assistir às celebrações de sua comunidade pode proporcionar esse sentimento de proximidade, como oportunidade de rever seus coirmãos, escutar a homilia do padre, se inteirar dos acontecimentos paroquiais pelos avisos ao fim da celebração etc. Como reconhece o Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil (DCIB): “As transmissões têm valor evangelizador, pois, por meio delas, o anúncio da Boa-Nova vai ao encontro dos enfermos, das pessoas com idade avançada ou impossibilitadas de participar fisicamente das comunidades” (DCIB, n. 123).

É necessário, pois, reconhecer a potencial força evangelizadora dessas transmissões, capazes de semear o Verbo nos diversos rincões do mundo. Pela beleza do espaço e da execução dos ritos com seus hinos, vestes, objetos, gestos e todo o complexo simbólico de que são constituídos, suas transmissões podem atrair os olhares e despertar ou reavivar o desejo por Deus e a prática dos valores de seu Reino. Como afirmou o Papa Francisco: “A Igreja evangeliza e se evangeliza com a beleza da Liturgia [...]” (EG, n. 24). Essa dimensão estética das celebrações litúrgicas, longe de ser acessória, é constitutiva e teologicamente significativa,

pois como recorda o liturgista espanhol Dionísio Borobio: “A beleza é chave do mistério e apelo ao transcendente”¹⁹.

Recordemo-nos das transmissões das grandes celebrações vaticanas: Páscoa, Natal e, especialmente, as exéquias pontificias e mesmo as celebrações ligadas ao último conclave, que alcançaram picos de audiência nas mídias e figuraram entre os *top trends* nas redes sociais. Nesses momentos, a Igreja, reunida e celebrante (*Ecclesia orans*), revela ao mundo a comunhão que nasce e se volta (*fons et culmen*, cf. SC, n. 10) ao Mistério Pascal de Cristo. Difunde-se, assim, a contemplação do mistério da Igreja, que se visibiliza, eminentemente, quando se reúne para celebrar. Como ensina a Constituição *Sacrosanctum Concilium*:

A Liturgia, enquanto edifica aqueles que estão na Igreja em templo santo do Senhor, em habitação de Deus no Espírito, até atingir a medida da plenitude de Cristo, ao mesmo tempo e de modo admirável robustece as suas forças para que anunciem o Cristo; e aos que estão fora, **ela mostra a Igreja como estandarte erguido diante das nações**, sob o qual os filhos dispersos de Deus possam reunir-se na unidade, para que haja um só rebanho e um só pastor (SC, n. 2, grifo nosso).

Resta evidente que a beleza da fê celebrada é capaz de atrair a atenção do mundo. Isso porque, como apontou o Papa Bento XVI, “a Liturgia, como aliás a revelação cristã, tem uma ligação intrínseca com a beleza: é esplendor da verdade (*veritatis splendor*)” (*Sacramentum Caritatis*, n. 35). Essa beleza também resplandece através das transmissões, que permitem ao mundo contemplar o rosto orante da Igreja. Ao manifestar a beleza do Povo de Deus reunido em oração e pela força de sua Palavra ali proclamada, as transmissões podem despertar no espectador o desejo de se integrar ou de retornar a esse corpo, que é o Corpo de Cristo.

Não é por acaso que já no principal documento do Magistério da Igreja em matéria litúrgica, a *Sacrosanctum Concilium*, encontramos uma ordem expressa no que diz respeito às transmissões das celebrações: “Façam-se com discrição e dignidade, sob a direção de pessoa competente, para tal designada pelos Bispos, as transmissões radiofônicas ou televisivas das ações sagradas, especialmente da Missa” (SC, n. 20). No mesmo sentido, uma instrução promulgada em 1980, pela então denominada Sagrada Congregação para os Sacramentos e o Culto Divino, orientou: “Particular vigilância e cuidados especiais são recomendados com respeito às Missas transmitidas pela mídia audiovisual. Devido à sua grande difusão, essas celebrações devem ser de exemplar qualidade” (*Inestimabile Donum*, n. 19).

¹⁹ BOROBIO, Dionisio. *A dimensão estética da liturgia: arte sagrada e espaços para celebração*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 15.

Com a “dignidade” e a “qualidade” mencionadas nos supracitados documentos, as transmissões poderão contribuir para a evangelização. Caso contrário, seriam um desserviço à própria Igreja, como, infelizmente, acontece inúmeras vezes. Por óbvio, o descuido para com as celebrações gera prejuízos à espiritualidade tanto dos que delas participam, no mesmo tempo e lugar, quanto aos que assistem às transmissões dessas celebrações. Leituras mal proclamadas, repertório musical inadequado e mal executado, emprego de uma “criatividade selvagem” (cf. DD, n. 48) ou de um “sentimentalismo mole” (cf. DD, n. 50), homilias ruins etc. Em relação à qualidade da *ars celebrandi* de quem preside as celebrações, é digno de destaque os apontamentos feitos pelo Papa Francisco:

Eis uma possível lista de atitudes que, embora sendo opostas entre si, caracterizam a presidência de modo certamente inadequado: rigidez austera ou criatividade exagerada; misticismo espiritualizante ou funcionalismo prático; precipitação apressada ou lentidão acentuada; descuido negligente ou excessiva minúcia; excessiva afabilidade ou impassibilidade hierática. Apesar da variedade desta amostra, penso que a inadequação destes modelos de presidência tem uma raiz comum: um personalismo exacerbado do estilo celebrativo que, por vezes, manifesta uma mal disfarçada mania de protagonismo. **Isto torna-se ainda mais evidente quando as nossas celebrações são transmitidas em rede**, o que nem sempre é oportuno e sobre o qual devemos refletir (DD, n. 54, grifo nosso).

Com a pandemia da Covid-19 testemunhamos, em escala global, a viralização das transmissões de celebrações litúrgicas, especialmente da Missa. Com essa multiplicação, escancarou-se o despreparo e o descuido em relação à Liturgia, não só no que tange à sua execução, mas também em relação à sua (in)compreensão teológica. Nas redes sociais encontramos, com fartura, imagens e recortes de vídeos que sintomatizam tal descuido, tornando-se “memes” que, se por um lado arrancam algumas risadas, por outro ridicularizam, ocultam ou enfraquecem a beleza evangelizadora da Liturgia. Como aponta o liturgista italiano Paolo Tomatis: “[...] trata-se, aqui, de reconhecer, por um lado, a vontade de não encorajar, de modo algum, a redução da celebração a um espetáculo a ser assistido e, por outro, a oportunidade de cobrir com um véu de piedade tanta miséria e desleixo”²⁰. O autor continua e afirma que esses descuidos, embora possam ser relevados internamente, “aos de fora, pelo contrário, podem tornar-se apenas motivo de crítica e vergonha”²¹.

²⁰ [...] *si tratta qui di riconoscere da una parte la volontà di non incoraggiare in alcun modo la riduzione della celebrazione a spettacolo da guardare, dall'altra l'opportunità di coprire con un velo di pietà troppa miseria e sciatteria* [...].

TOMATIS, Paolo. Liturgia registrata e trasmessa. In: JURCZAK, Dominik; SARR, Olivier-Marie; TYMISTER, Markus. *Liturgia “virtuale”?* Atti del XII Congresso Internazionale di Liturgia. Napoli: Editrice Domenicana Italiana (EDI), 2022, p. 79, tradução nossa.

²¹ “[...] *dal di fuori, invece, può solo diventare motivo di critica o di vergogna.*”
TOMATIS; JURCZAK; SARR; TYMISTER, 2022, p. 79, tradução nossa.

Em que pese haver o risco de se transmitir liturgias descuidadas e que acabem por fazer uma propaganda negativa da própria Igreja, fato é que há certo proveito espiritual para quem assiste às transmissões de celebrações litúrgicas. Como afirmamos, nelas há uma força evangelizadora, consoladora e animadora. Contudo, surgem questões de ordem teológico-litúrgica e pastoral que precisam ser “colocadas à mesa” da vida eclesial: quem assiste à transmissão de uma celebração litúrgica, participa dela? Assistir às transmissões equivale ou substitui a reunião em um ambiente físico para celebrar? O ambiente digital amplia e estende a noção de assembleia litúrgica? E aqui não se trata, simplesmente, de perguntar como o(a) fiel “se sente” ao assisti-las, mas de discernir, de uma perspectiva objetiva, que tipo de experiência se dá ali e o lugar que ela ocupa na vida espiritual dos batizados e batizadas. São perguntas que dizem respeito à compreensão eclesiológica e sacramental das celebrações litúrgicas transmitidas. Nessa direção, o posicionamento do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais assinalou importantes considerações:

A realidade virtual não substitui a Presença Real de Cristo na Eucaristia, a realidade ritual dos outros sacramentos e o culto compartilhado no seio de uma comunidade humana feita de carne e de sangue. Na Internet não existem sacramentos; e até mesmo as experiências religiosas nela possíveis pela graça de Deus, são insuficientes, dado que se encontram separada das da interação do mundo real com outras pessoas na fé. (PCCS, 2002, n. 9).

A afirmação acima encontrará, nos capítulos seguintes, elementos que permitirão compreender com maior precisão seu alcance e razão teológica. Os conteúdos que serão refletidos ajudarão a perceber que essas transmissões e outras experiências no ambiente digital, embora possuam valor pastoral e evangelizador, não configuram, em sentido pleno, participação litúrgico-sacramental, mas podem favorecer uma experiência espiritual legítima quando corretamente compreendidas e integradas à vida eclesial.

2 LITURGIA E CIBERESPAÇO: REALIDADES, DINÂMICAS E LINGUAGENS

A aproximação entre Liturgia e ciberespaço exige, antes de tudo, um olhar capaz de reconhecer que não lidamos com dois mundos paralelos, mas com dimensões coexistentes da experiência humana contemporânea. O ambiente digital integra o modo como compartilhamos a realidade comum, não como um fenômeno que apenas acrescenta camadas artificiais ao real. Se a experiência humana hoje se move entre fluxos informacionais, ambientes digitais e outras formas de presença, então também a reflexão teológico-litúrgica é chamada a considerar seriamente esses âmbitos, sem ingenuidade, mas também sem nostalgia por um suposto mundo analógico puro. Isso porque “para as reflexões teológicas, na realidade, já não há mais sentido supor ou assumir a existência de um mundo *offline* incontaminado, no qual o mundo *online* teria penetrado e tornado tudo mais difícil, quando não arruinado tudo”¹.

A questão também não é se o virtual existe ou não, pois, como veremos, ele existe. O ponto é investigar como essa realidade configura a experiência humana e como interfere na percepção do tempo, do espaço e do corpo nas ações simbólico-rituais. No entanto, reconhecer essa realidade e sua dinâmica não significa diluir as categorias próprias da Liturgia. Em sua natureza mais profunda, a Liturgia age por atualização, isto é, pela realização sacramental do Mistério de Cristo, eficaz e concretamente, no hoje da celebração eclesial. Conseguiria a realidade digital operar dessa forma?

Por isso, antes de interrogar os limites, riscos e possibilidades do ambiente digital, torna-se indispensável retornar ao núcleo teológico da ação litúrgica: sua sacramentalidade. Somente compreendendo a natureza simbólico-sacramental das ações litúrgicas e como nelas se dá a atualização do Mistério Pascal de Cristo, será possível avaliar o alcance e os limites das mediações digitais no âmbito celebrativo. É a partir dessa base que o diálogo entre Liturgia e ciberespaço pode avançar com precisão teológica e discernimento pastoral.

¹ [...] *per le riflessioni teologiche in realtà non ha più senso supporre o assumere che ci sia un mondo offline incontaminato, in cui il mondo online è penetrato e ha reso tutto più difficile, se non ha rovinato tutto.* GELDHOF, Joris. *Homo adorans* in tempi di digitalizzazione? Prospettive teologiche su un’antropologia liturgica per il futuro. In: JURCZAK, Dominik; SARR, Olivier-Marie; TYMISTER, Markus. *Liturgia “virtuale”?* Atti del XII Congresso Internazionale di Liturgia. Napoli: Editrice Domenicana Italiana (EDI), 2022, p. 40, tradução nossa.

2.1 A realidade sacramental da Liturgia

Para a reflexão sobre a realidade sacramental da Sagrada Liturgia, é oportuno partir da compreensão fundamental que o *Catecismo da Igreja Católica* (CIC) oferece, ao afirmar que a obra redentora de Cristo continua a agir na Igreja pelos sacramentos:

Sentado à direita do Pai e derramando o Espírito Santo sobre o seu corpo que é a Igreja, Cristo age agora pelos sacramentos, instituídos por Ele para comunicar sua graça. Os sacramentos são sinais sensíveis (palavras e ações), acessíveis à nossa humanidade atual. Realizam eficazmente a graça que significam, em virtude da ação de Cristo e pelo poder do Espírito Santo (CIC, n. 1084).

Essa afirmação situa a Liturgia no coração do Mistério Pascal de Cristo, já consumado e, ao mesmo tempo, permanentemente atualizado nas celebrações da Igreja. Uma vez que a Ascensão do Senhor integra nossa profissão de fé, reconhecemos que o acesso à presença e à ação salvífica de Cristo não se dá mais pela convivência histórica com Jesus de Nazaré, mas pela mediação sacramental experimentada nas celebrações litúrgicas da Igreja. É nesse sentido que a Liturgia se apresenta como ação privilegiada de Cristo, tornando presente e eficaz sua obra redentora.

A tradição patrística reconheceu essa continuidade entre a ação histórica de Cristo e a ação sacramental da Igreja. A *Antologia Litúrgica*, que recolhe textos patrístico-litúrgicos do primeiro milênio, nos brinda com a feliz afirmação de São Leão Magno (séc. V): “O que na vida do nosso Redentor era visível passou para os ritos sacramentais”².

Essa perspectiva evidencia que a sacramentalidade não constitui uma substituição empobrecida da presença histórica de Cristo, mas o modo próprio pelo qual a salvação por Ele oferecida continua a alcançar os fiéis no tempo da Igreja. Aquilo que foi vivido, visto e tocado na carne do Verbo encarnado torna-se acessível, agora, por meio dos sinais sacramentais experimentados nas celebrações litúrgicas. A salvação é comunicada por meio de sinais sensíveis, concretos, que não apenas remetem à realidade da graça redentora, mas a realizam eficazmente (cf. SC, n. 7). Essa dinâmica comunicacional da salvação, realizada através de sinais sensíveis, denomina-se sacramentalidade.

Tal compreensão conduz à ampliação do olhar para além dos sacramentos considerados isoladamente, permitindo perceber a sacramentalidade da Liturgia como um todo orgânico.

² LEÃO MAGNO. Sermão para a Ascensão 2. In: CORDEIRO, José de Leão (Org). *Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do Primeiro Milênio*. 2.ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 1207.

Cada sacramento se estrutura como uma ação ritual complexa, composta por múltiplos sinais que se articulam entre si. O Batismo, por exemplo, não se reduz ao sinal da água, mas envolve a passagem ritual por ela, fecundada pela Palavra proclamada, acompanhada da fórmula trinitária, da ação do ministro que age em nome de Cristo, do espaço celebrativo, da assembleia reunida e de outros ritos, como a unção, a profissão de fé e a entrega da vela acesa no Círio Pascal. Todos esses elementos compõem a linguagem simbólico-sacramental por meio da qual a Liturgia comunica, “por ritos e preces” (SC 48), a graça salvífica aos que dela participam. Como aponta Vagaggini:

Essas ideias foram autenticadas com grande força pelo Concílio Vaticano II quando, colocando-se na perspectiva da encarnação, fez ver a liturgia como lugar por excelência no qual os fiéis podem vivamente experimentar o mistério de Cristo e a genuína natureza da Igreja [...]³.

O fundamento dessa eficácia sacramental encontra-se no Mistério da Encarnação. O Verbo de Deus assumiu a condição humana (cf. Jo 1,14), “nascido de mulher, nascido sujeito à Lei” (Gl 4,4), realizando a salvação a partir de dentro da história. Ao assumir a matéria, o tempo e o espaço, Cristo conferiu-lhes uma capacidade nova de se tornarem lugar de encontro com o Deus da vida. Como afirma Arocena:

A lei da encarnação testemunha uma misteriosa e real união entre o humano e o divino, tanto no resultado das relações entre Deus e o homem como no caminho que conduz a este resultado. [...] Ali onde Deus quer se dar ao homem para salvá-lo, ali existe uma realidade, uma mediação cuja estrutura será inevitavelmente sacramental, simbólica⁴.

Nessa direção, o *Catecismo*, indo às fontes patrísticas e citando Tertuliano (séc. II-III), recorda: “‘*Caro salutis est cardo*’ (A carne é o eixo da salvação). Cremos em Deus, que é o criador da carne; cremos no Verbo feito carne para redimir a carne; cremos na ressurreição da carne, consumação da criação e da redenção da carne” (CIC, n. 1015). A Liturgia, por sua realidade sacramental, alcança o ser humano em sua atualidade histórica. Pela ação do Espírito Santo, os eventos salvíficos do passado tornam-se presentes no “hoje” de cada celebração. Ainda com o *Catecismo*:

³ VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 274.

⁴ *La ley de la encarnación testimonia una misteriosa y real unión entre lo humano y lo divino tanto en el resultado de las relaciones entre Dios y el hombre, como en el camino que conduce a este resultado. [...] Allí donde Dios quiere darse al hombre para salvarlo, allí existe una realidad, una mediación cuya estructura será inevitablemente sacramental, simbólica.*
AROCENA, Félix María. *La celebración de la palabra: teología y pastoral*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2005, p. 62, tradução nossa.

A liturgia cristã não somente recorda os acontecimentos que nos salvaram, como também os atualiza, torna-os presentes. O mistério pascal de Cristo é celebrado, não é repetido; o que se repete são as celebrações; em cada uma delas sobrevém a efusão do Espírito Santo que atualiza o único mistério (CIC, n. 1104).

A força do Espírito assume as malhas do tempo (*chronos*) e do espaço, fazendo de cada celebração litúrgica o momento histórico da salvação (*kairós*). Impulsionada por Ele, a assembleia celebrante é introduzida no evento pascal: é colocada aos pés da cruz no calvário e à porta do túmulo vazio da ressurreição⁵. A atualização sacramental, portanto, é obra do Espírito Santo e supõe a participação concreta e imediata dos fiéis, situando-se no horizonte da sacramentalidade e não da simples mediação comunicacional.

A compreensão da realidade sacramental da Liturgia é crucial para o discernimento das experiências espirituais que se desenvolvem no ambiente digital quando colocadas em relação com as celebrações litúrgicas. Não se trata, por um lado, de negar ou desqualificar outras formas de mediação espiritual que emergem no ciberespaço, nem de ignorar os contextos concretos nos quais elas se apresentam como possibilidade real de sustento da fé. Por outro lado, tampouco se pode prescindir da gramática própria da Liturgia, que não é traduzível integralmente para outros códigos, uma vez que sua sacramentalidade está intrinsecamente vinculada à verdade de seus sinais sensíveis, à corporeidade, à reunião física da assembleia e à ação ritual por ela performada.

É precisamente essa tensão, entre a fidelidade à lógica encarnatória e sacramental da Liturgia e os novos modos de mediação característicos do ambiente digital, que exige um discernimento teológico atento, capaz de reconhecer limites sem absolutizá-los e possibilidades sem idealizá-las. A Liturgia, enquanto ação sacramental, não pode simplesmente ser transposta para o ambiente digital sem sofrer alterações em sua estrutura simbólica e ritual. Convém insistir que essa constatação não nega a realidade do ciberespaço nem sua relevância espiritual, mas estabelece uma distinção necessária entre a lógica sacramental da Liturgia e as dinâmicas próprias da mediação digital. Com essa consciência, torna-se possível abordar, com responsabilidade, os desafios colocados à experiência litúrgica no espaço digital, sem reduzi-la a um conteúdo a ser consumido nem ignorar as interpelações que a digitalização apresenta à Igreja.

⁵ GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo*: tratado mistagógico sobre a eucaristia. São Paulo: Loyola, 2003, p. 91.

2.2 A realidade virtual do ciberespaço

A reflexão sobre o ciberespaço e sua relação com a experiência humana exige um esclarecimento acerca do que se entende por virtualidade. Parte significativa das incompreensões que cercam o debate sobre a fé no ambiente digital nasce de uma oposição apressada entre real e virtual, como se este último fosse sinônimo de irrealidade ou uma espécie de simulacro. Tal leitura, contudo, mostra-se conceitualmente frágil e incapaz de dar conta da complexidade das experiências mediadas pelas tecnologias digitais que hoje atravessam a comunicação, a construção de vínculos e também as práticas religiosas.

Para evitar esse tipo de reducionismo, tomamos como ponto de partida a reflexão do filósofo e sociólogo francês, Pierre Lévy, não por considerá-lo o intérprete definitivo do fenômeno digital, nem por supor que sua abordagem esgote o tema, mas porque seu pensamento oferece instrumentos conceituais particularmente úteis para estabelecer distinções fundamentais entre real, virtual, atual e potência. Trata-se, portanto, de um ponto de partida, assumido com consciência crítica de seus limites, mas importante para delimitar o campo da reflexão e estabelecer uma base conceitual minimamente consistente para o diálogo com a teologia litúrgico-sacramental.

Ao refletir sobre o que é o virtual, Lévy afirma: “Não se trata, de modo algum, de um mundo falso ou imaginário. Ao contrário, a virtualização é a dinâmica mesma do mundo comum, é aquilo através do qual compartilhamos uma realidade”⁶. Lévy adverte que o problema não reside na existência do virtual enquanto tal, mas nas concepções equivocadas que dele se fazem. Por isso, afirma: “A escolha não é entre a nostalgia de um real datado e um virtual ameaçador ou excitante, mas entre diferentes concepções do virtual”⁷. Essa afirmação desloca o debate de um plano emocional ou ideológico para um plano propriamente ontológico-filosófico. Não se trata, assim, de defender nem de condenar o ciberespaço, mas de buscar compreender qual é o seu modo específico de existência e como ele se insere na experiência humana e espiritual.

Para clarear essas concepções, Lévy introduz uma distinção decisiva, capaz de reordenar o debate e de oferecer um critério mais rigoroso para pensar o estatuto da virtualidade. Para ele, “[...] o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes”⁸. Essa distinção é fundamental. O virtual existe de modo real, porém

⁶ LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011, p. 148.

⁷ LÉVY, 2011, p. 118.

⁸ LÉVY, 2011, p. 15.

não como acontecimento plenamente realizado no aqui e agora. Ele existe como potência, como campo de possibilidades, como conjunto de tendências que podem ou não ser atualizadas. Dessa forma, o virtual não é uma ficção nem uma ilusão, mas uma dimensão real da existência que permanece em estado de potência, à espera de atualização. Essa compreensão permite reconhecer que as experiências vividas no ciberespaço possuem realidade, mas uma realidade que não se confunde com a atualização concreta e sensível própria do encontro físico e da experiência litúrgico-sacramental, mas tampouco pode ser descartada como inexistente ou meramente imaginária.

Um dos principais elementos da virtualidade, segundo Lévy, é o “desprendimento do aqui e agora”⁹. O virtual relativiza as coordenadas tradicionais de tempo e espaço, permitindo que relações, comunicações e experiências ocorram fora da copresença física. No ciberespaço, pessoas se encontram sem compartilhar o mesmo lugar físico; interagem sem dividir o mesmo tempo cronológico; constroem vínculos que não dependem da proximidade corporal imediata. Esse deslocamento, contudo, não implica a eliminação do corpo da experiência digital. O ambiente virtual não é um espaço sem corpo, mas um espaço em que o corpo está presente de modo diverso. O utente do ciberespaço permanece um sujeito corporal, situado, sensível e historicamente condicionado. Ele acessa o ambiente digital a partir de um corpo concreto, por meio de gestos, posturas, olhares, respiração, atenção e fadiga. Como afirma Antonio Spadaro: “[...] enquanto lugar, existe de verdade, é real. Os encontros que ali se produzem são efetivos, entre pessoas de verdade. Esse espaço digital não é inautêntico, alienado, falso ou aparente, mas constitui uma extensão do nosso espaço vital cotidiano [...]”¹⁰.

A mediação tecnológica não suprime o corpo, mas o reorganiza, selecionando e privilegiando determinadas dimensões da corporeidade em detrimento de outras. Isso porque o corpo está presente, mas não em sua totalidade expressiva. O olhar e a escuta são intensificados, de modo que a voz e a imagem ganham foco. Em contrapartida, o tato, o olfato, o paladar, o compartilhamento do espaço e a densidade sensorial da copresença física permanecem ausentes ou apenas representadas digitalmente. Essa presença digital, portanto, não é ausência pura, mas tampouco é presença plena. Trata-se de uma presença mediada.

Essa reconfiguração da presença corporal não é apenas um efeito técnico da mediação digital, mas responde a motivações antropológicas mais profundas, ligadas ao modo como o ser

⁹ LÉVY, 2011, p. 19.

¹⁰ [...] *en cuanto lugar, existe de verdad, es real. Los encuentros que se producen son efectivos, entre personas verdaderas. Es espacio digital no es inauténtico, alienado, falso o aparente, sino que es una extensión de nuestro espacio vital cotidiano* [...]. SPADARO, Antonio. *Compartir a Dios en la red*. Barcelona: Herder, 2016, p. 26, tradução nossa.

humano lida com seus limites e sua exposição ao mundo. Lévy observa que a virtualização responde a tais motivações: “A virtualização, em geral, é uma guerra contra a fragilidade, a dor, o desgaste. Em busca da segurança e do controle, perseguimos o virtual porque nos leva para regiões ontológicas que os perigos ordinários não mais atingem”¹¹. O ambiente virtual, nesse sentido, oferece um modo de reduzir a exposição direta do corpo e da vida cotidiana às suas limitações mais imediatas. Essa busca não surge por acaso, mas expressa a tentativa humana de encontrar formas de presença e relação menos exigentes e mais controláveis.

A virtualidade, no entanto, não deve ser compreendida nem como uma solução redentora para as fragilidades da experiência humana, nem como uma ameaça à vida pessoal, social ou religiosa. Pensá-la como solução redentora implicaria atribuir-lhe, por si mesma, a capacidade de suprir carências humanas fundamentais. Interpretá-la apenas como ameaça significaria ignorar a complexidade dos processos em curso e as possibilidades reais de ampliação das experiências humanas que ela comporta. Nesse sentido, afirma Lévy: “Enquanto tal, a virtualização não é nem boa, nem má, nem neutra”¹². Trata-se, portanto, de uma realidade com potencialidades concretas de comunicação e acesso, mas também de riscos de empobrecimento das relações e ilusão de autossuficiência. Tudo depende do modo como a virtualidade é integrada à vida concreta e às relações humanas.

Essas considerações tornam-se particularmente relevantes quando se trata da experiência religiosa e, de modo específico, da Liturgia da Igreja. As transmissões de celebrações litúrgicas, por exemplo, como vimos no capítulo anterior, não podem ser classificadas simplesmente como irrealis ou fictícias. Elas veiculam uma realidade efetiva: imagens, palavras, gestos e sons que remetem a uma celebração verdadeiramente realizada em outro lugar. O fiel que acompanha uma celebração pela interface de uma tela o faz com seu corpo, com sua atenção, com sua escuta e com sua disposição interior. Há, portanto, uma experiência real, ainda que mediada. Nesse sentido, afirma o teólogo chileno Rosas Díaz:

Sua “realidade” não é igual à de uma liturgia presencial e, para aqueles que a recebem por meio de uma tela, essa realidade permanece mediada pela tecnologia que permite ver e escutar uma liturgia celebrada em outro lugar e, às vezes, em outro tempo. Contudo, tudo isso não a torna uma liturgia irreal, mas apenas uma liturgia com uma realidade diversa ou limitada¹³.

¹¹ LÉVY, 2011, p. 79.

¹² LÉVY, 2011, p. 11-12.

¹³ *Su ‘realidad’ no es igual a la de una liturgia presencial, y para sus receptores por pantalla, esa realidad queda mediada por la tecnología que permite ver y escuchar una liturgia celebrada en otro lugar y, a veces, en otro tiempo. Pero todo ello no la hace una liturgia no real, sino sólo una liturgia con una realidad diversa o limitada.* ROSAS DÍAZ, Guillermo. ¿Participación virtual – asamblea virtual? In: JURCZAK, Dominik; SARR, Olivier-

A Liturgia transmitida não deixa de ser real, mas sua realidade não coincide com a da celebração presencial, na qual a assembleia se reúne corporalmente, partilha o mesmo espaço e tempo e participa, de modo sensível e comunitário, da ação ritual. Essa distinção é decisiva para o percurso deste trabalho. Reconhecer a realidade do ciberespaço e das experiências nele vividas não implica atribuir-lhes automaticamente o mesmo estatuto da experiência litúrgica. Trata-se de realidades diferentes, organizadas segundo lógicas distintas, ainda que ambas sejam reais. O ambiente digital reconfigura a experiência, deslocando-a para um regime de mediação que possui possibilidades e limites, que serão abordados no último capítulo deste trabalho.

2.3 Linguagem ritual e linguagem digital

A Liturgia se expressa por meio de uma linguagem complexa, na qual gesto, forma, corpo e símbolos convergem para constituir uma experiência de fé que não se limita ao entendimento racional, mas envolve a totalidade da pessoa e da comunidade nos ritos. Nesse sentido, a pergunta do professor Andrea Grillo permanece fundamental para todo esforço teológico que busque compreender a experiência ritual cristã: “Que papel têm os ritos na constituição da experiência de fé eclesial?”¹⁴.

A resposta não pode ser reduzida à comunicação de conteúdos doutrinários, porque o rito não apenas *diz* algo, mas *faz* algo: organiza o corpo, estrutura a memória, inscreve a fé em gestos repetidos e, sobretudo, cria uma forma que precede e molda a vivência dos participantes. Por isso, compreender o rito implica reconhecer sua gramática própria, que é sensível e performativa. Como afirma Bonaccorso: “[...] o rito é a modalidade com que a humanidade realiza a interconexão entre religião e corpo”¹⁵.

A linguagem digital, por outro lado, estrutura a experiência de modo diverso. Ela opera pela mediação técnica, pela codificação de dados. É uma linguagem construída sobre a lógica da transmissão e da conectividade, diferentemente da linguagem ritual, estruturada por uma performatividade corpóreo-sensorial. Nesse encontro entre ritualidade e digitalização, surgem

Marie; TYMISTER, Markus. *Liturgia “virtuale”?* Atti del XII Congresso Internazionale di Liturgia. Napoli: Editrice Domenicana Italiana (EDI), 2022, p. 49, tradução nossa.

¹⁴ *Che ruolo hanno i riti nel costituirsi dell’esperienza di fede ecclesiale?* GRILLO, Andrea. La partecipazione attiva, tema strategico della Riforma Liturgica: dalla discussione preconciare e conciliare alla problematica post conciliare. In: GIRARDI, Luigi (Org.). *Liturgia e Partecipazione: forme del coinvolgimento rituale*. Padova: Edizioni Messaggero, 2013, p. 112, tradução nossa.

¹⁵ BONACCORSO, Giorgio. *Rito*. São Paulo: Loyola, 2024, p. 104.

tensões que não são meramente funcionais, mas estruturais, sobretudo quando se trata da relação entre a forma ritual e os processos de virtualização.

A reflexão de Pierre Lévy também é útil aqui para a compreensão deste ponto. Ao analisar o virtual e distingui-lo do atual, ele o define como um campo de possibilidades que não é irreal, mas ainda não acontecido:

Problemático por essência, o virtual é como uma situação subjetiva, uma configuração dinâmica de tendências, de forças, de finalidades e de coerções que uma atualização resolve. A atualização é um acontecimento, no sentido forte da palavra. Efetua-se um ato que não estava predefinido em parte alguma e que modifica por sua vez a configuração dinâmica na qual ele adquire uma significação. A articulação do virtual e do atual anima a própria dialética do acontecimento, do processo, do ser como criação¹⁶.

O virtual existe, o atual acontece. Essa distinção ajuda a compreender a linguagem ritual, pois o rito é precisamente esse processo de *fazer acontecer*, realizando ou atualizando, de modo concreto e sensível, o que existe ou existiu. Pode-se pensar, por analogia, no gesto de alguém que oferece flores à pessoa amada. O amor, enquanto realidade profunda e anterior ao gesto, existe. A escolha e a entrega das flores não são ações neutras, mas compõem um rito humano carregado de intenção e significado. Ao tocar as pétalas e senti-las entre os dedos, quem as recebe experimenta o afeto inscrever-se no próprio corpo; no perfume das flores, o olfato é envolvido; no abraço e no beijo, o encontro se completa no toque. Esses gestos não apenas expressam o amor, mas o performam, fazendo com que ele aconteça no próprio ato que o manifesta. Nada disso cria o amor do nada, mas tudo isso o atualiza no aqui e agora da relação. De modo semelhante, o rito litúrgico não inventa a salvação, mas a atualiza eficazmente por meio de sinais sensíveis, gestos corporais e ações simbólico-rituais dotadas de performatividade, permitindo que aquilo que é real se comunique e seja experimentado no corpo da assembleia celebrante.

Dizer que a Liturgia atualiza o Mistério de Cristo na concretude dos ritos e orações celebrados pela Igreja significa afirmar que ela não opera no campo das possibilidades, mas no das realizações/acontecimentos. A atualização sacramental constitui, assim, o modo próprio de ser da Liturgia. Partindo dessa compreensão, é preciso cautela ao relacionar a Liturgia com os processos de virtualização, pois enquanto a dinâmica ritual das celebrações litúrgicas realiza a atualização do mistério salvífico no hoje da celebração, a virtualização permanece no registro da potência e do deslocamento simbólico. Por isso, virtualizar a Liturgia, em regra, é deslocá-

¹⁶ LÉVY, 2011, p. 137.

la de sua forma própria, que é a ação ritual atual. Não por acaso, o próprio Lévy adverte que “[...] é justamente porque o atual é tão precioso que devemos com a maior urgência pensar e aclimatar a virtualização que o desestabiliza”¹⁷, o que reforça a necessidade de discernimento ao articular processos de virtualização com os processos rituais que se enraízam na atualidade sacramental.

A virtualização pode ser útil e até inevitável em determinados contextos, mas ela nunca é neutra. Ela carrega riscos que precisam ser discernidos teologicamente. Um deles aparece no alerta: “[...] a colocação em comum, que é a operação característica da virtualização, oscila muito frequentemente entre o confisco e a exclusão”¹⁸. A virtualização da fé, especialmente aplicada à Liturgia, pode criar uma experiência eclesial paradoxal: aparentemente acessível a todos, mas na prática confiscada por mediações técnicas que retiram dos fiéis a participação ritual-eclesial, transformando-os em espectadores.

Outro risco mais profundo surge quando Lévy afirma que “[...] a força e a velocidade da virtualização contemporânea são tão grandes que exilam as pessoas de seus próprios saberes, expulsam-nas de sua identidade [...]”¹⁹. Aplicado ao campo litúrgico, esse exílio pode significar uma perda da identidade ritual da comunidade, a qual é formada eminentemente pelo fazer comum dos ritos, pela repetição simbólica e pela memória corporal compartilhada. Quando a experiência litúrgica passa a ser compreendida predominantemente segundo a lógica da linguagem digital, a identidade comunitária corre o risco de se diluir em fluxos de conteúdo religioso consumidos individualmente. Não se trata de negar que Deus possa agir através de mediações digitais, mas de reconhecer que a forma ritual é indispensável para que a Liturgia seja o que é. O professor do Instituto de Liturgia da Universidade da Santa Cruz, em Roma, Juan Rego Bárcena, percebe e aponta bem o lugar do debate:

[...] A redução do problema das ações sacramentais digitais ao problema da santificação parece um *revival* dos debates entre teólogos dos sacramentos e teólogos liturgistas de quase setenta anos atrás. A falácia dessa argumentação está em perguntar se Deus pode ou não doar a sua graça através de um meio digital, esquecendo que uma pergunta mais sensata seria indagar se tais celebrações são ou não coerentes com a lógica da revelação, isto é, com aquela modalidade histórica pela qual Deus, livremente, decidiu salvar-nos. Em outras palavras, o problema não é uma questão da *graça*, mas de *forma*. É certo que Deus pode infundir o seu Espírito quando e como Ele julgar oportuno. Contudo, a revelação cristã fala-nos de uma *lógica* divina que, com a encarnação, nos oferece a garantia necessária para afirmar que a forma ritual cristã sempre respeita o modo humano do encontro com Deus. Nesse sentido, uma das questões fundamentais do debate recai sobre a qualidade do humano nas experiências

¹⁷ LÉVY, 2011, p. 147.

¹⁸ LÉVY, 2011, p. 149.

¹⁹ LÉVY, 2011, p. 149.

rituais digitais. A essa questão soma-se a pergunta acerca da coerência dessas experiências com as modalidades de encontro com Deus reveladas em Jesus Cristo²⁰.

A ação ritual é memória corporificada, gesto herdado, significação que depende da ação corporal. Como afirma Schechner: “Rituais são memórias em ação, codificadas em ações”²¹. Quando o rito é deslocado para o ambiente digital, o risco não é apenas técnico, mas antropológico: a substituição do fazer pelo ver, da ação comum pelo consumo individual. O problema não é que o digital seja incapaz de simbolizar, mas que ele tende a simbolizar limitando o corpo e sua sensorialidade, elementos constitutivos da linguagem ritual e da própria humanidade. Não sem razão, afirma o liturgista espanhol Adolfo Ivorra Robla: “A *desritualização* com a qual às vezes se relê o cristianismo é, no fim das contas, uma desumanização”²².

Contudo, há ainda um corpo no digital que não desaparece, mas sobrevive limitado, privado da plenitude de sua potência sensorial e simbólica. Dito de outro modo, desconsiderando a corporeidade e a sensorialidade que a performance ritual exige, as experiências espirituais no ambiente digital podem induzir os fiéis a prescindirem da mediação ritual. Nesse deslocamento, o desafio consiste em discernir até que ponto a mediação digital preserva ou fragiliza a dimensão performativa do rito, sua capacidade de envolver o corpo, os sentidos e a ação comum na experiência espiritual e litúrgica.

²⁰ [...] *la riduzione del problema delle azioni sacramentali digitali al problema della santificazione sembra un revival dei dibattiti fra i teologi sacramentari e i teologi liturgisti di quasi settant'anni fa. La fallacia dell'argomentazione si trova nel domandarsi se Dio possa o non possa donare la sua grazia tramite un medio digitale, dimenticando che una domanda più sensata sarebbe chiedersi se tali celebrazioni sono coerenti o meno con la logica della rivelazione, cioè con quella modalità storica con cui Dio liberamente ha deciso di salvarci. In altre parole, il problema non è un problema di 'grazia', bensì di 'forma'. Certo che Dio può infondere il suo Spirito quando e come Egli ritenga opportuno. Tuttavia, la rivelazione cristiana ci parla di una 'logica' divina che, con l'incarnazione, ci offre la garanzia necessaria per affermare che la forma rituale cristiana è sempre rispettosa del modo umano dell'incontro con Dio. In questo senso uno degli interrogativi fondamentali del dibattito versa sulla qualità dell'umano delle esperienze rituali digitali. A tale quesito si aggiunge la domanda sulla coerenza di tali esperienze con le modalità di incontro con Dio rivelate in Gesù Cristo.* REGO BÁRCENA, Juan. Celebrare i sacramenti e i sacramentali: tra materialità e virtualità? In: JURCZAK, Dominik; SARR, Olivier-Marie; TYMISTER, Markus. *Liturgia "virtuale"?* Atti del XII Congresso Internazionale di Liturgia. Napoli: Editrice Domenicana Italiana (EDI), 2022, p. 61, tradução nossa.

²¹ SCHECHNER, Richard. Ritual. In: LIGIÉRO, Zeca (Org.). *Performance e Antropologia de Richard Schechner*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012, p. 49.

²² *La 'desritualización' con que a veces se relee el cristianismo es, a la postre, una deshumanización.* IVORRA ROBLA, Adolfo. La transmisión de la liturgia en la actualidad. In: ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE PROFESORES DE LITURGIA. *Liturgia y sociedad actual*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica (CPL), p. 65, tradução nossa.

3. LIMITES DO CIBERESPAÇO PARA A EXPERIÊNCIA LITÚRGICA

O discernimento teológico a respeito da relação entre Liturgia e ambiente digital deve partir da constatação, explicitada pelos estudiosos contemporâneos, de que o fenômeno litúrgico, ao ser confrontado com as tecnologias digitais, revela tanto possibilidades quanto fragilidades. Não por acaso, “a ciência litúrgica está em processo de avaliar como lidar com as novas possibilidades, mas também de apontar seus limites”²³. Essas afirmações, longe de serem meras advertências metodológicas, situam o debate em seu horizonte próprio, já que a Liturgia, enquanto acontecimento sacramental, não pode ser pensada apenas pela ótica das mediações digitais, mas a partir das condições antropológicas e teológicas que a constituem. A tarefa consiste, assim, em compreender como as tecnologias tensionam dimensões estruturantes da ação ritual, como corpo, sentidos, assembleia, tempo, espaço e participação.

Se a pesquisa litúrgica tem diante de si o desafio de reconhecer o valor espiritual das mediações digitais enquanto identifica seus limites, então é necessário analisar com precisão quais dimensões da Liturgia são afetadas pelo seu deslocamento para o ciberespaço. Os tópicos que se seguem aprofundarão três frentes críticas: a limitação corpóreo-sensorial, a alteração das coordenadas espaço-temporais e o impacto sobre a participação plena dos fiéis. Cada uma delas representa não apenas um problema técnico ou insuficiência tecnológica, mas uma interrogação antropológico-teológica fundamental para a sacramentalidade, pois dizem respeito à corporeidade, à reunião física da assembleia, à mediação e à performance ritual, elementos que não podem ser plenamente reproduzidos no ciberespaço. Delinear esses limites não implica resistência cultural à digitalização, mas fidelidade à natureza sacramental da Liturgia, discernindo onde a mediação digital pode servir e onde, ao contrário, desfigura a forma ritual que a Igreja recebeu e conserva como lugar privilegiado da atualização do Mistério Pascal de Cristo.

²³ [...] *liturgical scholarship is in the process of evaluating how to deal with the new possibilities, but also of pointing out their limits.*
 TYMISTER, Markus. Presentation. In: JURCZAK, Dominik; SARR, Olivier-Marie; TYMISTER, Markus. *Liturgia “virtuale”?* Atti del XII Congresso Internazionale di Liturgia. Napoli: Editrice Domenicana Italiana (EDI), 2022, p. 24, tradução nossa.

3.1 Limitação corpóreo-sensorial

A condição humana, em suas múltiplas interfaces, exige a corporeidade como via essencial de conhecimento e de relação. O Magistério da Igreja recorda, em profunda consonância com essa constatação, que “[...] o espírito humano não opera sua modalidade normal de conhecimento sem o corpo” (*Antiqua et Nova*, n. 1). É por meio dos sentidos que experimentamos o mundo, conhecemos a realidade e reconhecemos a presença do outro. Sem corpo, o intelecto se torna abstrato e a experiência se empobrece. O professor de Sociologia, David Le Breton, explicita essa perspectiva ao afirmar: “O corpo é profusão do sensível. Ele é incluído no movimento das coisas e se mistura a elas com todos os sentidos”²⁴. O ser humano não apenas possui um corpo, mas é um corpo. Essa dimensão, contudo, é profundamente alterada pela mediação tecnológica, onde a presença imediata e sensível cede espaço à representação e à distância. Pierre Lévy assim descreve esse fenômeno:

De fato, a transparência (televisada) substitui a aparência do olhar direto, a aparência sensível dos objetos sofre a transmutação da teleobservação e da telecomunicação dos dados da imagem, de uma imagem globalizante, que visa suplantando definitivamente as percepções imediatas, com os riscos de perturbação iconológica que isto implica²⁵.

O corpo, em sua unidade sensível e simbólica, é o lugar por excelência onde o ser humano se torna capaz de celebrar e de responder ao dom de Deus. Toda linguagem, todo gesto e toda relação derivam dessa base corporal que antecede e sustenta a experiência de fé. Nesse horizonte antropológico, afirma Le Breton:

O corpo é a condição humana do mundo, este lugar onde o fluxo incessante das coisas se detém em significações precisas ou em ambiências, metamorfoseia-se em imagens, em sons, em odores, em texturas, em cores, em paisagens etc. O homem participa do vínculo social não só por sua sagacidade e suas palavras, por seus empreendimentos, mas também por uma série de gestos, de mímicas que concorrem à comunicação, pela imersão no seio dos incontáveis rituais que escandem a cotidianidade. Todas as ações que formam a trama da existência, mesmo as mais imperceptíveis, engajam a interface do corpo²⁶.

A experiência litúrgica, em sua natureza mais profunda, é uma realidade encarnada, tecida pela presença concreta dos corpos e pela participação dos sentidos. A Liturgia cristã não é apenas uma ideia ou uma recordação mental da salvação manifestada no Mistério Pascal de

²⁴ LE BRETON, David. *Antropologia dos sentidos*. Petrópolis: Vozes, 2016b, p. 11.

²⁵ LÉVY, Pierre. *O espaço crítico*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2014, p. 28.

²⁶ LE BRETON, 2016, p. 13.

Cristo, mas seu prolongamento sensível. Nesse sentido, toda tentativa de transpor a experiência litúrgica para ambientes digitais ou metaversais, exige um discernimento teológico-litúrgico cuidadoso, pois embora ali também haja presença humana, trata-se de uma corporeidade limitada, empobrecida em sua dimensão sensível, comunitária e sacramental. Como afirma Romano Guardini: “O ser humano por inteiro se incumbe do agir litúrgico. A alma também, mas na medida em que anima o corpo. A interioridade, sim, mas na medida em que se manifesta no corpo”²⁷.

O cristianismo é, em si, a religião do corpo. Deus não se revelou por ideias, mas “se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). A encarnação do Verbo inaugurou uma teologia dos sentidos, pois neles o mistério da fé nos é comunicado. Como aponta o escritor e pastor batista, Alessandro Rocha:

Todo o nosso corpo deve ser comprometido na prática de nossa fé. Essa é a grande novidade do Cristianismo: Deus assumiu nosso corpo. Em Cristo todos os sentidos humanos ganham caráter sagrado: o toque, a visão, o paladar, a audição e o olfato transformam-se em canais do cuidado e do carinho de Deus²⁸.

Pensar o corpo na experiência litúrgica é, portanto, pensar o coração da fé cristã. Se na Liturgia o corpo celebra e torna visível o mistério da salvação, é porque ele mesmo foi assumido, redimido e glorificado por Cristo, com Cristo e em Cristo. A encarnação do Verbo não apenas confirma o valor do corpo humano, mas o eleva à condição de *locus theologicus* (lugar teológico), onde a graça se comunica e a dignidade humana encontra seu fundamento. É o que bem expressa outro pastor batista, professor de Teologia em Niterói, Jonathan Bahia Vieira, ao afirmar que:

E essa é a maravilhosa notícia que a fé cristã celebra ao afirmar a encarnação do Cristo: ao assumir o corpo humano, Jesus de Nazaré cumpriu em si toda a dignidade com que o ser humano foi criado. Pensar o corpo a partir de Cristo e sua dignidade por certo é um grande desafio. A encarnação do Verbo dá novo significado à questão e lugar do corpo nos sentidos humanos. A afirmação da dignidade humana pelo corpo, em contraposição a cada vez mais indignidade que é marca deste tempo, é ação fundamental numa sociedade que, por um lado, absolutiza o corpo, transformando-o em espetáculo, com valor mercadológico, com status de divindade. Por outro, o rebaixa, violenta de todas as formas possíveis o corpo próprio, corpo do outro, corpo da criação. Faz-se urgente tal atenção²⁹.

²⁷ GUARDINI, Romano. *Formação litúrgica*. Curitiba: Carpintaria, 2023, p. 58.

²⁸ ROCHA, Alessandro. *Celebração dos sentidos: itinerário para uma espiritualidade integradora*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 24.

²⁹ VIEIRA, Jonathan. Corpo, lugar de encontro. In: PEDROSA-PÁDUA, Lúcia; PEREIRA, Gerson. *Mística, corpo e arte: e Deus se fez sensibilidade*. São Paulo: Paulus, 2022, p. 16.

A Liturgia é a continuação sacramental da encarnação. Cada celebração é um prolongamento dos gestos de Cristo, que anuncia, ensina, toca, cura, olha, escuta, partilha etc. É um evento que envolve a totalidade da pessoa humana, em comunhão com os irmãos e irmãs. Desse modo, “o caráter sério da estrutura simbólico-corpórea da Liturgia reclama a totalidade do corpo da pessoa, em continuidade com a estrutura simbólico-corpórea da revelação em Cristo”³⁰. O corpo não é mero suporte da fé, mas o lugar onde ela se expressa e se comunica. O fiel crê com os olhos, com os ouvidos, com as mãos, com o olfato e com o paladar, pois através dos sentidos a presença de Deus se torna realidade atual. O corpo é o sacramento primeiro, pois é nele e para ele que a graça se destina. Por isso, é preciso reconhecer que “a insubstituibilidade da liturgia presencial se deve à riqueza das linguagens que são convocadas para uma experiência que envolve todos os sentidos do corpo no encontro pessoal e comunitário com o Senhor”³¹.

Pierre Lévy afirma: “Um movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação, mas também os corpos [...]”³². Ao reconhecer que a virtualização atinge a própria experiência corporal, Lévy aponta para uma mutação antropológica em curso: o corpo não desaparece, mas é reconfigurado. O ambiente digital reconfigura os modos de presença e corporeidade, deslocando o eixo da experiência sensível para o domínio da representação.

O corpo e sua sensorialidade constituem a mediação originária de toda experiência humana. A virtualidade, porém, introduz uma nova camada de mediação, que não é uma irreabilidade, mas uma realidade mediada por outros códigos e formas de presença, tornando-se, assim, uma mediação da mediação, que não suprime a experiência, mas a limita. O encontro com o Senhor continua possível, embora filtrado e reduzido em densidade sensorial, insuficiente para uma plena experiência litúrgica. O que antes se dava em contato direto, desloca-se para o plano da representação, onde a mediação originária se reduz a, basicamente, imagem, som e toque em uma tela ou *mouse*. Essa transposição, ao interpor uma camada tecnológica entre os corpos, altera a própria estrutura da experiência religiosa, pois se por um lado pode ampliá-la, por outro pode reduzi-la. Lévy afirma:

³⁰ *Il caso serio della struttura simbolico-corporea della liturgia richiede la totalità del corpo della persona in continuità con la struttura simbolico-corporea della rivelazione in Cristo.* REGO BÁRCENA, Juan. Celebrare i sacramenti e i sacramentali: tra materialità e virtualità? In: JURCZAK, Dominik; SARR, Olivier-Marie; TYMISTER, Markus. *Liturgia “virtuale”?* Atti del XII Congresso Internazionale di Liturgia. Napoli: Editrice Domenicana Italiana (EDI), 2022, p. 71, tradução nossa.

³¹ [...] *l’insostituibilità della liturgia in presenza è data dalla ricchezza dei linguaggi che vengono convocati per una esperienza che coinvolge tutti i sensi del corpo nell’incontro personale e comunitario con il Signore.* TOMATIS, Paolo. Liturgia registrata e trasmessa. In: JURCZAK, Dominik; SARR, Olivier-Marie; TYMISTER, Markus. *Liturgia “virtuale”?* Atti del XII Congresso Internazionale di Liturgia. Napoli: Editrice Domenicana Italiana (EDI), 2022, p. 80, tradução nossa.

³² LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011, p. 11.

O desequilíbrio crescente entre a informação direta e a informação indireta, fruto do desenvolvimento de diversos meios de comunicação, tende a privilegiar indiscriminadamente toda informação mediatizada em detrimento da informação dos sentidos, fazendo com que o *efeito de real pareça suplantar a realidade imediata*³³.

No ciberespaço, o corpo humano é progressivamente inscrito em uma rede de conexões que o ultrapassa. Já não se trata apenas de comunicar-se com o outro, mas de integrar-se a um fluxo contínuo de dados digitais que atravessam as distâncias. Surge, assim, uma espécie de organismo coletivo, uma corporalidade expandida, onde as fronteiras entre o pessoal e o global se tornam porosas. É nesse horizonte que Lévy descreve o advento de um novo corpo, formado pela trama planetária das redes digitais:

Cada corpo individual torna-se parte integrante de um imenso hipercorpo híbrido e mundializado. Fazendo eco ao hipercórtex que expande hoje seus axônios pelas redes digitais do planeta, o hipercorpo da humanidade estende seus tecidos quiméricos entre as epidermes, entre as espécies, para além das fronteiras e dos oceanos, de uma margem a outra do rio da vida³⁴.

Esse “hipercorpo” oferece uma forma de conexão, mas não substitui a densidade do encontro físico, pleno de sensorialidade, reclamado pela Liturgia. A diferença pode ser comparada, por exemplo, entre estar fisicamente em um show e assistir a ele pela televisão ou pela internet. Quem está lá, completamente presente, é envolvido por um complexo sensorial: o som que vibra no peito, o calor dos corpos, o toque de pessoas que jamais se viram e se abraçam diante do palco, partilham suor, lágrimas e entusiasmo, cantam juntas, experimentando a unidade em torno de uma admiração comum. Assistir a tudo isso através das telas, ainda que com outras pessoas, é uma forma de se sentir presente, mas objetivamente limitada, privada em grande parte da gama de texturas, aromas e toques. A Liturgia pertence a essa ordem de experiência que envolve o corpo inteiro, convocando todos os sentidos. É um evento que exige densidade sensorial e participação concreta: sentir o cheiro do incenso, escutar a Palavra proclamada, sentir a vibração das vozes que cantam na assembleia, saborear o pão e o vinho consagrados, tocar o irmão para desejar-lhe a paz, sentir a água aspergida sobre nós, o óleo penetrando em nossa pele e contemplar todas as ações rituais com a nossa visão. Por isso, bem explicou o Papa Francisco sobre a necessária transição do *like* ao amém:

A imagem do corpo e dos membros recorda-nos que o uso da *social web* é complementar do encontro em carne e osso, vivido através do corpo, do coração, dos olhos, da contemplação, da respiração do outro. Se a rede for usada como

³³ LÉVY, 2014, p. 20.

³⁴ LÉVY, 2011, p. 31.

prolongamento ou expectativa de tal encontro, então não se atraiçoa a si mesma e permanece um recurso para a comunhão. Se uma família utiliza a rede para estar mais conectada, para depois se encontrar à mesa e olhar-se olhos nos olhos, então é um recurso. Se uma comunidade eclesial coordena a sua atividade através da rede, para depois celebrar juntos a Eucaristia, então é um recurso³⁵.

Contra a antiga tendência de dissociar o humano, reduzindo o corpo a mero instrumento da mente ou suporte da consciência, tanto a antropologia quanto a teologia buscam recuperar sua centralidade como eixo da experiência espiritual e lugar primordial da Revelação. Como observa Le Breton: “Essa visão do mundo que isola o corpo e suspende o homem como uma hipótese secundária e decerto negligenciável, hoje depara com uma resistência social e com um questionamento ético generalizado”³⁶. A teologia acompanha esse pensamento:

Durante muito tempo foi dada grande importância à parte intelectual e à espiritual do ser humano; o corpo era sempre ‘o primo pobre’, a matéria era considerada inferior e para muitos era o lugar da tentação e do pecado. Porém isto mudou, e ultimamente vem sendo dada grande importância à corporeidade, que também é dada à mente e ao espírito, pois eles estão estreitamente ligados, de modo que é impossível separar uma parte da outra³⁷.

Ao concluir sua reflexão sobre a virtualização, Pierre Lévy faz uma confissão pessoal que, embora provenha de outro horizonte teórico, estabelece um diálogo fecundo com a perspectiva aqui desenvolvida:

Gosto do que é frágil, evanescente, único e carnal. Aprecio os seres e os lugares singulares, insubstituíveis, as atmosferas ligadas para sempre a situações e a momentos. Estou convencido de que parte essencial da moral consiste simplesmente em aceitar existir no mundo, em não fugir, em *estar presente* para os outros e para si. Mas o assunto deste livro era a virtualização. Tratei, portanto, da virtualização³⁸.

Lévy reconhece, com lucidez poética, o valor do concreto, do efêmero e do sensível, ou seja, tudo aquilo que faz da existência uma experiência única. Sua confissão final não é uma negação do digital, mas o reconhecimento de que há na experiência sensível algo insubstituível. A limitação sensorial do ambiente virtual apenas revela, por contraste, essa verdade fundamental: a plenitude da experiência humana não se dá fora do corpo, mas nele. E é justamente essa consciência que o cristianismo leva ao seu ápice ao contemplar a *kenosis* do

³⁵ FRANCISCO. *Mensagem para o 53º Dia Mundial das Comunicações Sociais*: “Somos membros uns dos outros” (Ef 4, 25): das comunidades de redes sociais à comunidade humana. 24 jan. 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20190124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 14 out. 2025.

³⁶ LE BRETON, David. *Adeus ao corpo*: Antropologia e sociedade. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 223.

³⁷ OVERBECK, Carmita. *O corpo, sacramento do amor de Deus*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 147.

³⁸ LÉVY, 2011, p. 147.

Verbo, que “existindo em forma divina, não considerou um privilégio ser igual a Deus, mas esvaziou-se, assumindo a forma de servo e tornando-se semelhante ao ser humano” (Fp 2,6-7). Em Cristo, a fragilidade tornou-se glória; o efêmero, espaço da eternidade; o corpo, lugar da divindade. A fé cristã celebra o Deus que desceu até nós, que se fez corpo, carne, sangue, suor, lágrimas, pão partilhado e vinho derramado.

3.2 Limitação espaço-temporal

A tentativa de deslocar a Liturgia para o ambiente digital torna sensível a questão das coordenadas de tempo e espaço que estruturam a experiência ritual. Isso porque a mediação digital, ao mesmo tempo que parece ampliar as possibilidades de reunião e de presença para além das limitações espaço-temporais ordinárias, pode implicar experiências de distanciamento. Trata-se, como já apontado, de uma característica do ciberespaço, no qual os mesmos dispositivos que permitem novas modalidades de conexão e presença também podem, paradoxalmente, gerar dispersão ou afastamento. Isso porque, no ambiente digital, o *aqui* tende a multiplicar-se e o *agora* pode fracionar-se, reconfigurando a experiência da presença comum. O espaço pode acabar fragilizado enquanto lugar de convergência, passando a operar sob uma dinâmica de dispersão, na qual diferentes lugares coexistem sem necessariamente constituírem um mesmo campo experiencial.

De modo análogo, no ambiente digital, a simultaneidade técnica instaura uma configuração temporal particular, na qual o *agora* também já não se impõe como referência necessariamente convergente. Isso ocorre porque tal simultaneidade não integra as diferenças que atravessam a experiência do tempo cósmico. Assim, uma celebração litúrgica inscrita nessa dinâmica marcada pela coexistência de distintas referências temporais, faria emergir uma tensão em relação à unidade experiencial do rito no próprio tempo litúrgico, incluindo sua organização ao longo do ano litúrgico. É o que se poderia verificar, por exemplo, na transmissão ao vivo da Missa da manhã do Domingo de Páscoa, celebrada em Sydney, na Austrália, caso fosse acompanhada por fiéis situados em cidades como Vancouver, no Canadá, ou Los Angeles, nos Estados Unidos, onde em razão do fuso horário, ainda se viveria a tarde do Sábado Santo. Nessa situação, a simultaneidade temporal se daria apenas no âmbito digital, pois, embora os espectadores estivessem tecnicamente vinculados ao mesmo acontecimento celebrado, permaneceriam situados, cósmica e liturgicamente, em referências temporais distintas.

A análise de Pierre Lévy sobre a virtualização oferece categorias fundamentais, mas que precisam ser cuidadosamente aplicadas, sobretudo quando o objeto em questão é a Liturgia,

cuja natureza é inseparável de coordenadas sensíveis, corporais e comunitárias. Para Lévy, virtualizar significa retirar algo da “presença”, separando-o do aqui e agora sensível. Ele afirma: “Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam ‘não-presentes’, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinário da temporalidade do relógio do calendário”³⁹.

O autor descreve a virtualização como um processo de desterritorialização que retira pessoas, ações e informações do aqui e agora sensível, afetando “as modalidades do estar junto, a constituição do ‘nós’ [...]”⁴⁰. É nesse contexto que ele também afirma que “[...] a virtualização acaba às vezes por desqualificar o atual”⁴¹, sugerindo que o virtual pode relativizar ou reconfigurar a força da presença imediata. O “estar junto”, que para a Liturgia é constitutivo, passa por uma espécie de teste estrutural quando mediado por dispositivos que desterritorializam pessoas, ações e informações, retirando-as do lugar físico e do tempo ordinário nos quais se inscrevem.

A virtualização, assim, promoveria um deslocamento radical das referências tradicionais de tempo e espaço. Esse diagnóstico é relevante para o campo litúrgico, pois, se o rito é uma ação corporificada realizada por um povo reunido sob coordenadas comuns, a desterritorialização e a destemporalização colocam em risco dimensões centrais da própria ritualidade e da realidade sacramental. Não é de surpreender que Lévy reconheça que a virtualização produz uma “[...] unidade de tempo sem unidade de lugar [...]”⁴², algo que, aplicado à Liturgia, constitui um problema estrutural: a simultaneidade temporal permanece, mas o espaço torna-se difuso, múltiplo, fragmentado. O risco de uma ruptura entre sensível e inteligível é apontado de modo contundente quando Lévy analisa as tecnologias de mediação que descentram a percepção direta:

[...] A noção de dimensão física perde progressivamente seu sentido, seu valor analítico enquanto decupagem, desmontagem da realidade perceptiva, em benefício de outras fontes de avaliação eletrônica do espaço e do tempo [...] A partir de agora assistimos (ao vivo ou não) a uma COPRODUÇÃO da realidade sensível na qual as percepções diretas e mediatizadas se confundem para construir uma representação instantânea do espaço, do meio ambiente. Termina a separação entre a realidade das distâncias (de tempo, de espaço) e a distanciamento das diversas representações (videográficas, infográficas). A observação direta dos fenômenos visíveis é substituída por uma teleobservação na qual o observador não tem mais contato imediato com a realidade observada. Se este súbito distanciamento oferece a possibilidade de abranger as mais vastas extensões jamais percebidas (geográficas ou planetárias), ao mesmo tempo revela-se arriscado, já que a ausência da percepção

³⁹ LÉVY, 2011, p. 21.

⁴⁰ LÉVY, 2011, p. 11.

⁴¹ LÉVY, 2011, p. 149.

⁴² LÉVY, 2011, p. 21.

imediatamente da realidade concreta engendra um desequilíbrio perigoso entre o sensível e o inteligível, que só pode provocar erros de interpretação tanto mais fatais quanto mais os meios de teledetecção e telecomunicação forem performativos, ou melhor: videoperformativos⁴³.

Diante desse quadro traçado por Lévy, no qual a virtualização provoca deslocamentos significativos nas condições habituais de presença, importa considerar a leitura que Moisés Sbardelotto faz do ambiente digital. Sua perspectiva não nega os processos de desterritorialização descritos por Lévy, mas evidencia que, no caso específico da internet, tais processos não podem ser compreendidos como um afastamento definitivo da presença, e sim como parte de uma dinâmica mais complexa, marcada pela constante possibilidade de atualização.

A rede, para Sbardelotto, não é apenas o lugar da ausência, mas sobretudo o lugar da transição entre virtualidade e atualidade, o que revela um movimento contínuo entre potencialidade e efetivação. Essa nuance aparece com clareza quando ele analisa a configuração espaço-temporal da vida *online*:

Portanto, o espaço-tempo online é indefinidamente fracionado em muitos lugares/instantes por meio das mídias. Vivemos hoje um paradoxo espaço-temporal, pois, conectados à internet, temos acesso, onde quer que estejamos, a informações/eventos que se encontram a uma grande distância de nós ou que ocorreram em outros momentos⁴⁴.

Sbardelotto apresenta seu contraponto direto à abordagem de Lévy, mostrando que a filosofia da virtualização, aplicada de modo estrito, não explica adequadamente a natureza processual da internet. Enquanto Lévy trabalha numa lógica que separa virtual e atual, Sbardelotto rejeita essa separação rígida, insistindo na processualidade da rede, na passagem constante entre virtualidade e atualização. Seu argumento é articulado no trecho em que revisita a conceituação de virtual desenvolvida por Lévy:

Assim, nesse sentido, cremos que a conceituação de virtual de Lévy não nos possibilita compreender a internet e suas processualidades. Segundo o autor, “o virtual existe sem estar presente”, e nisso ele é devedor da linha filosófica. Porém, para ele, justamente por isso, a internet é virtual, pelo fato de não poder ser fixada em nenhuma coordenada espacial-temporal. Porém, o que o autor não percebe é que a internet, sim, pode ser considerada virtual quando o indivíduo está, por exemplo, descansando no campo, longe de um computador conectado. Nesse momento, a internet, para ele, é virtual. Contudo, assim que ele a acessa e interage com a rede, ela já a atualiza, a presentifica, poderíamos dizer. Passa-se do virtual ao atual. Por isso, mesmo que a

⁴³ LÉVY, 2014, p. 26.

⁴⁴ SBARDELOTTO, Moisés. *E o Verbo se fez bit: a comunicação e a experiência religiosa na Internet*. Aparecida, SP: Santuário, 2012, p. 140.

informação da internet esteja “virtualmente presente em cada ponto da rede onde seja pedida”, ela se atualiza, fisicamente até, em algum lugar, em determinado momento, em determinado suporte⁴⁵.

O ponto decisivo dessa crítica está na ênfase que Sbardelotto dá ao momento da atualização. A internet, para ele, não permanece no estado de “não-presença” descrito por Lévy, pois ela constantemente se atualiza, reocupa um tempo e um espaço concretos, ainda que mediados e distribuídos. A virtualização, portanto, não elimina a presença, mas a desloca, a redistribui e a reinscreve em novos suportes e coordenadas. Não se trata apenas de perda ou esvaziamento do “estar junto”, mas de uma multiplicidade de presenças atualizadas que, embora diferentes da presença física, não podem ser reduzidas simplesmente à ausência. O ambiente digital, portanto, oferece uma modalidade própria de presença, real, porém distinta, onde ao mesmo tempo em que amplia o acesso e a comunicação, tensiona a forma como a comunidade se entende reunida diante do mistério celebrado.

“A assembleia litúrgica tem como característica a simultaneidade espaço-temporal: a comunidade está reunida em um mesmo lugar e ao mesmo tempo”⁴⁶. A Liturgia *online*, portanto, pode preservar a simultaneidade temporal, como em transmissões ao vivo ou em reuniões virtuais via Google Meet, mas não mantém a simultaneidade físico-espacial. O resultado é uma assembleia conectada digitalmente, porém não reunida fisicamente. Trata-se de uma reunião que, embora real, não recompõe plenamente a corporeidade coletiva que sustenta a dinâmica ritual e a constituição da assembleia celebrante. Essa fragmentação torna-se ainda mais radical quando não há sequer simultaneidade temporal, como ocorre no acesso às celebrações gravadas. Como afirma Rosas Días: “A desagregação é mais radical quando a liturgia não é ‘em tempo real’ ou ‘ao vivo’, mas diferida no tempo. Nesse caso, ela afeta não apenas a simultaneidade espacial, mas também a temporal”⁴⁷.

Nesse ponto, além da dispersão espacial, emerge uma questão relacionada à temporalidade litúrgica. O rito deixa de ser experiência compartilhada para se tornar conteúdo disponível, consumível, manipulável, arrastável com o dedo ou com o cursor, algo profundamente incentivado pela lógica das plataformas digitais. O fiel passa a interagir com o

⁴⁵ SBARDELOTTO, 2012, p. 140.

⁴⁶ *A asamblea litúrgica “tiene como característica la simultaneidad espacio-temporal: la comunidad está reunida en un mismo lugar y al mismo tiempo.* ROSAS DÍAZ, Guillermo. ¿Participación virtual – asamblea virtual? In: JURCZAK, Dominik; SARR, Olivier-Marie; TYMISTER, Markus. *Liturgia “virtuale”?* Atti del XII Congresso Internazionale di Liturgia. Napoli: Editrice Domenicana Italiana (EDI), 2022, p. 51, tradução nossa.

⁴⁷ *Más radical es la disgregación cuando la liturgia no es ‘en tiempo real’ o ‘en directo’, sino diferida en el tiempo. Entonces afecta no sólo a la simultaneidad espacial, sino también a la temporal.* ROSAS DÍAS; JURCZAK; SARR; TYMISTER, 2022, p. 51, tradução nossa.

rito como com qualquer outro vídeo, submetendo-o ao próprio ritmo e controle, de modo que “[...] a tentação de passar as imagens adiante, como se fosse um episódio de uma série de TV, confirma o quanto o tempo litúrgico pode ser afetado pelos traços individualistas e controláveis do tempo digital”⁴⁸.

É preciso perceber que a questão não é meramente técnica. O modo próprio de participação na Liturgia, fundado na entrega ao tempo do rito, é relativizado quando o fiel assume para si o comando sobre pausas, avanços, recuos e cortes. Essa transformação afeta inclusive a qualidade simbólica da temporalidade litúrgica, que não é apenas cronológica, mas ritual, marcada por uma suspensão qualitativa do cotidiano. Assim:

Na fruição individual da liturgia gravada, está em jogo não tanto a questão da contemporaneidade, mas também a questão da qualidade temporal da experiência litúrgica. Como já se disse a propósito da escuta em *podcast*, na fruição de um rito previamente celebrado, perde força uma característica fundamental da temporalidade litúrgica, que é aquela da liminaridade, entendida como um “demorar-se simbólico” que libera o tempo e o abre para uma dimensão supratemporal. Tal característica é ameaçada por uma experiência individual que, de fato, aspira à eternidade, isto é, a uma percepção supratemporal do tempo presente, mas retendo firmemente o tempo em suas próprias mãos, sob o próprio controle. A experiência da liturgia, ao contrário, é a de um tempo que se abre e se entrega, aceitando perder o controle e respeitando a indisponibilidade e a transcendência da realidade celebrada⁴⁹.

A transformação da experiência do tempo, marcada pelo controle individual e pela fragmentação, desemboca no plano relacional. O ambiente digital amplia o acesso e a comunicação, mas o faz, frequentemente, à custa da qualidade dos vínculos e da experiência compartilhada. Como aqui já afirmado, trata-se de um quadro paradoxal: mais acesso, mas também mais isolamento; mais vínculos, mas também mais dispersão. Nesse sentido, concluiu o Documento Final do Sínodo sobre a Sinodalidade:

A difusão da cultura digital, particularmente evidente entre os jovens, está também a alterar profundamente a percepção do espaço e do tempo, influenciando as atividades quotidianas, as comunicações e as relações interpessoais, incluindo a fé. As

⁴⁸ [...] la tentazione di scorrere le immagini in avanti, come se si trattasse di un episodio de una serie-tv, conferma di quanto il tempo liturgico possa fare le spese dei tratti individualistici e controllabili del tempo digitale. TOMATIS; JURCZAK; SARR; TYMISTER, 2022, p. 79, tradução nossa.

⁴⁹ Nella fruizione individuale della liturgia registrata, è in gioco non soltanto la questione della contemporaneità, ma pure la questione della qualità temporale dell'esperienza liturgica. Come si è detto a proposito dell'ascolto in podcast, nella fruizione individuale di un rito precedentemente celebrato perde di forza una caratteristica fondamentale della temporalità liturgica, che è quella della liminalità, intesa come “indugio simbolico” che libera il tempo e lo apre ad una dimensione sovratemporale. Tale caratteristica è minacciata da un'esperienza individuale che aspira sì all'eternità, cioè ad una percezione sovratemporale del tempo presente, ma trattenendo saldamente il tempo nelle proprie mani, sotto il proprio controllo. L'esperienza della liturgia, invece, è quella di un tempo che si apre e si consegna, accettando di perdere il controllo, e rispettando l'indisponibilità e la trascendenza della realtà celebrata. TOMATIS; JURCZAK; SARR; TYMISTER, 2022, p. 77-78, tradução nossa.

possibilidades oferecidas pela rede reconfiguram relações, laços e fronteiras. Embora hoje estejamos mais ligados do que nunca, sentimos frequentemente a solidão e a marginalização (Documento Final da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, n. 113).

Essa ambiguidade precisa ser integrada à reflexão litúrgica. A congregação do povo fisicamente reunido para celebrar é a expressão de uma antropologia sacramental que exige corpos reunidos para que o “nós” aconteça. Contudo, seria ingênuo negar que a internet cria formas reais, embora qualitativamente distintas, de presença e de vínculo. Nesse sentido, a observação de Lévy adquire relevância pastoral: “Ao se virtualizar, o corpo se multiplica”⁵⁰. Essa multiplicação pode, de fato, gerar dispersão, mas pode também possibilitar que alguém, por sua idade avançada ou enfermidade, acompanhe a comunidade, mantenha laços afetivos e cultive formas complementares de pertença. O que não substitui, contudo, a presença física da Igreja que, através de seus ministros, vai até elas para com elas celebrar. No entanto, como afirma o Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil: “[...] o fiel em condições de tomar parte das celebrações deve fazê-lo, pois essa participação presencial permite o envolvimento integral da pessoa em sua comunidade” (DCIB, n. 123).

O desafio, portanto, não é simplesmente determinar se a Liturgia digital reúne ou fragmenta. Em plataformas como Meet, Zoom etc., embora os corpos não dividam o mesmo espaço físico, as vozes se interpelam, os olhares se cruzam pela tela, há alguma sincronia gestual. Isso não recria a corporeidade comum do rito, mas tampouco pode ser reduzido à irrelevância. A fragmentação tecnológica, somada à possibilidade de moldar o tempo litúrgico ao gosto pessoal, compromete simbolicamente aquilo que o rito busca realizar, que é a formação de um corpo comum, reunido no mesmo espaço e no mesmo tempo, entregue a um ritmo próprio.

Em síntese, não se trata de escolher entre presença física e presença digital, mas de reconhecer que cada uma opera segundo lógicas distintas. A Liturgia pertence estruturalmente à primeira; a pastoral, necessariamente, atravessa as duas. O ambiente digital, portanto, não deve ser visto como ameaça, mas como campo que exige discernimento sério e contínuo, capaz de integrar suas possibilidades sem negligenciar suas limitações.

⁵⁰ LÉVY, 2011, p. 33.

3.3 Limitação à participação dos fiéis

Nos primeiros séculos, a participação dos fiéis na Liturgia era natural, viva e integral, como expressão da fé de um corpo unido em torno do mistério celebrado. Com o tempo, à medida em que as formas rituais se tornaram mais complexas e o clero assumiu maior protagonismo, o povo de Deus foi sendo lentamente afastado da ação litúrgica, tornando-se dela espectador. O que era celebração comum, converteu-se em uma espécie de espetáculo sagrado. A assembleia, antes sujeito celebrante, tornou-se plateia. Esse deslocamento histórico e o consequente deslocamento do fiel do centro da ação litúrgica já foram anteriormente considerados, bastando aqui recordá-los como pano de fundo para compreender a relevância da reforma litúrgica levada a cabo pelo Concílio Vaticano II. Nele, os padres conciliares ergueram suas vozes para convocarem toda a Igreja a reencontrar o sentido autêntico da celebração e a devolver aos fiéis a participação no Mistério de Cristo pelos ritos e orações da Liturgia da Igreja (cf. SC, n. 48).

A Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* exprimiu esse anseio de forma admirável ao afirmar que “é desejo ardente da Mãe Igreja” (SC, n. 14) e “direito e dever” (SC, n. 14) de todo batizado(a) participar da Liturgia de maneira “ativa, consciente e frutuosa” (SC, n. 11), “plena” (SC, n. 14), “perfeita” (SC, n. 17), “interna e externa” (SC, n. 19), “comunitária” (SC, n. 21), “atual” (SC, n. 26), “piedosa” (SC, n. 48) e “fácil” (SC, n. 79). Não se trata, portanto, de uma participação meramente formal, mas de uma adesão vital, que envolve o corpo inteiro. A assembleia não assiste à Liturgia, mas a realiza. É sujeito da ação ritual e corpo celebrante. Por isso o Concílio insistiu, vigorosamente, para que os cristãos “não entrem neste mistério de fé como estranhos ou espectadores mudos, mas participem na ação sagrada [...]” (SC, n. 48). Mais de sessenta anos depois, contudo, a Igreja ainda se vê diante de uma tensão semelhante àquela que o Concílio procurou sanar. Em um mundo mediado pelas telas e pelas redes digitais, a participação litúrgica enfrenta novos desafios. A difusão das transmissões de celebrações e pretensas celebrações virtuais no metaverso, impulsionada por circunstâncias excepcionais, como a pandemia da Covid-19, trouxeram à tona perguntas instigantes, como por exemplo: é possível falar em participação no ciberespaço?

O ambiente digital não é neutro. Ele transforma o modo de perceber, de estar e de se relacionar. Ao mesmo tempo que conecta e concentra, também dispersa e fragmenta. Por isso, a Teologia Litúrgica contemporânea tem insistido em discernir com cuidado o que se ganha e o que se perde quando a celebração é transposta para o ciberespaço. No XII Congresso Internacional de Liturgia, promovido em 2021 pelo Pontifício Instituto Litúrgico Santo

Anselmo, em Roma, se afirmou: “A liturgia *online* apresenta várias dificuldades, mais ou menos sérias, à participação da assembleia; todas relacionadas com a sua desagregação”⁵¹. A palavra “desagregação” é decisiva, pois não designa apenas o distanciamento físico, mas uma ruptura do laço sacramental que sustenta a ação comum. Quando o corpo eclesial se dispersa, o mistério perde densidade. “A desagregação afeta o caráter comunitário e dificulta muito — e na maioria dos casos impede de todo — a participação exterior dos que estão conectados à liturgia *online*”⁵².

Dentre as modalidades de participação elencadas pelo Concílio Vaticano II, há uma que se impõe com especial destaque e que aqui merece ser retomada: a “participação plena” (SC, n. 14). Ela indica uma intensidade total da presença que supere toda espécie de fragmentariedade. A plenitude da participação implica unidade interior e exterior, adesão total da pessoa aos ritos que manifestam o Mistério de Cristo, restituindo à assembleia sua inteireza como corpo eclesial celebrante. E para tanto, a “[...] participação plena necessita do corpo, por meio do qual se realiza, com sinais e palavras, *per ritus et preces*. Sem matéria, sem corpo, sem humanidade, não há sacramentalidade”⁵³. Em outras palavras, para uma “participação plena”, exige-se “plenitude do corpo”. E isso porque “o nosso corpo não é apenas um meio de comunicação, mas também lugar de participação”⁵⁴.

O problema não está apenas na mediação técnica, mas na lógica que ela reintroduz no tecido eclesial. A linguagem audiovisual tende a colocar o fiel no lugar de espectador, e não de participante. Como observa Bonaccorso: “A explosão das linguagens audiovisuais e cinéticas acabam por se configurar como uma grande estratégia de persuasão, menos interessada nos conteúdos e na efetiva participação do espectador ou do crente”⁵⁵. O risco é claro: fazer novamente da ação litúrgica algo para se assistir e, conseqüentemente, transformar a assembleia

⁵¹ *La liturgia en línea presenta varias dificultades, más o menos serias, a la participación de la asamblea, todas relacionadas con su disgregación.* ROSAS DÍAZ, Guillermo. ¿Participación virtual – asamblea virtual? In: JURCZAK, Dominik; SARR, Olivier-Marie; TYMISTER, Markus. *Liturgia “virtuale”?* Atti del XII Congresso Internazionale di Liturgia. Napoli: Editrice Domenicana Italiana (EDI), 2022, p. 52, tradução nossa.

⁵² *La disgregación afecta el carácter comunitario y dificulta mucho, y en la mayoría de los casos impide del todo, la participación exterior de quienes están conectados a la liturgia en línea.* ROSAS DÍAS; JURCZAK; SARR; TYMISTER, 2022, p. 51, tradução nossa.

⁵³ [...] *participación plena necesita del cuerpo, por medio del cual se realiza, con signos y palabras, per ritus et preces. Sin materia, sin cuerpo, sin humanidad, no hay sacramentalidad.* ROSAS DÍAS; JURCZAK; SARR; TYMISTER, 2022, p. 54, tradução nossa.

⁵⁴ *Il nostro corpo non è solo mezzo di comunicazione, bensì luogo di partecipazione.* REGO BÁRCENA; JURCZAK; SARR; TYMISTER, 2022, p. 70, tradução nossa.

⁵⁵ *L’esplosione dei linguaggi audiovisivi e cinetici finisce per configurarsi come una grande strategia della persuasione, interessata meno ai contenuti che alla effettiva partecipazione dello spettatore o del credente.* BONACCORSO, Giorgio. La televisione e il rito. In: BONACCORSO, Giorgio; GRILLO, Andrea. *La fede e il telecomando: televisione, pubblicità e rito.* Assisi: Cittadella Editrice, 2001, p. 107-108, tradução nossa.

em plateia, restituindo à Liturgia o mesmo tipo de passividade que o Concílio desejou ardentemente superar (cf. SC, n. 14).

Para ilustrar melhor a questão, sobretudo quando se trata das transmissões de celebrações litúrgicas, em especial a Missa, uma metáfora pode ser útil: quem assiste à transmissão de uma partida de futebol, não está jogando, está assistindo. Do mesmo modo, quem assiste à transmissão de uma celebração litúrgica não está celebrando, está assistindo à celebração. Pode torcer, vibrar e se emocionar, mas sua experiência é limitada. É o mesmo que ocorre com quem joga futebol por meio de um videogame, pois ainda que haja algum envolvimento, habilidade e até emoção, objetivamente permanece no plano da simulação. O contato não é efetivo, e a experiência, ainda que interativa, não substitui o jogo vivido no corpo e no espaço concreto.

A experiência ritual da Liturgia é, em si mesma, uma forma de mediação do encontro com o mistério, ou melhor dizendo, é a mediação por excelência. Isso porque o rito constitui esse espaço de mediação concreta entre o humano e o divino, no qual o mistério é celebrado e, de modo privilegiado, comunicado e atualizado. A transmissão, porém, sobrepõe à mediação ritual outra mediação que altera a estrutura da experiência. Aquilo que já é mediação simbólico-ritual torna-se objeto de outra mediação técnica e virtual, deslocando o fiel do âmbito da ação ritual para o da assistência. Contudo, é preciso constatar que a presença física, por si só, não garante a participação plena. Alguém pode estar fisicamente reunido a outras pessoas, em um mesmo tempo e lugar, porém encontrar-se fragmentado, disperso ou, como popularmente se diz, apenas “de corpo presente”. Por vezes, os narradores de futebol, para dizerem que determinado atleta não jogou bem e não contribuiu com o time, dizem que o jogador “não entrou em campo”, ou seja, sua presença ali foi indiferente. Assim também, na celebração litúrgica, há quem se porte com automatismo ou mesmo indiferença à ação ritual que se desenrola. A materialidade, por si mesma, não garante a plenitude da participação, mas é *conditio sine qua non* para alcançá-la.

Estar fisicamente presente, partilhando o mesmo ambiente celebrativo, cria uma disposição mais favorável e convidativa à plena participação, pois permite o envolvimento integral da pessoa e de seus sentidos. A reunião orgânica propicia uma comunhão concreta, uma correspondência real entre os corpos que o ambiente digital simplesmente não é capaz de reproduzir. Se mesmo nesse contexto, onde a presença é concreta e o corpo pode corresponder instantaneamente aos ritos, a participação pode falhar, tanto mais risco há no ambiente digital.

O que está em jogo, portanto, é o próprio conceito e alcance da participação litúrgica, que não pode simplesmente se restringir à interioridade devocional nem à intenção subjetiva,

mas envolve o ser humano inteiro. Trata-se de uma mudança paradigmática em relação à *Mediator Dei*, de Pio XII, que privilegiava a dimensão subjetiva e interior da participação, centrada na disposição interna e na intenção pessoal do fiel. *Sacrosanctum Concilium*, ao contrário, compreende a Liturgia como ação sagrada que se realiza objetivamente, “*per ritus et preces*” (SC, n. 48), isto é, na concretude ritual que envolve todo o corpo. Por isso, a mesma Constituição Litúrgica afirmou que a participação deve ser “interna e externa” (SC, n. 19), superando o intimismo. Nessa direção, Papa Francisco afirmou: “O encontro com Deus não é fruto de uma busca interior individualista por Ele [...]” (DD, n. 24). Se assim o fosse, haveria o risco da retomada de um perigoso gnosticismo que “reduz a fé cristã a um subjetivismo que fecha o indivíduo ‘na imanência da sua própria razão ou dos seus sentimentos’ (EG, n. 94)” (DD, n. 17).

Como expressão frequentemente associada ao subjetivismo intimista e sentimentalista que reduz a participação litúrgica apenas à adesão interna, pode-se mencionar a denominada “comunhão espiritual”. Evocada recorrentemente sobretudo em transmissões de celebrações eucarísticas, essa categoria revela limites teológicos quando compreendida no interior da dinâmica da participação litúrgico-sacramental. Se, por um lado, exprime o louvável desejo de união com Cristo, por outro, a Liturgia não se funda somente nesse desejo ou na intenção subjetiva, mas na adesão integral, interna e externa, aos ritos e às preces da Igreja. Além disso, a própria denominação “comunhão espiritual” pode introduzir uma estranha ambiguidade ao sugerir a existência de duas modalidades distintas de comunhão eucarística: uma física e outra “espiritual”. Tal distinção mostra-se teologicamente problemática, pois a comunhão do pão e do vinho eucaristizados é, por excelência, realidade espiritual, precisamente porque são consagrados pela ação do próprio Espírito Santo. Não se trata, portanto, de contrapor o material ao espiritual, mas de reconhecer que é no comer e no beber dos dons apresentados, consagrados e distribuídos a partir da mesma mesa, o altar, que a comunhão se realiza sacramentalmente. Assim, a prática da “comunhão espiritual” situa-se no âmbito da devoção pessoal, distinguindo-se da ação litúrgica em sentido próprio, uma vez que, conforme ensina o Concílio: “As ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da Igreja, ‘sacramento da unidade’. São, pois, ações de todo o corpo da Igreja (SC, n. 26). Como também afirmou o Papa Francisco, com singular intensidade e sem espaço para suavizações:

A Liturgia não diz “eu”, mas “nós”, e qualquer limitação da amplitude desse “nós” é sempre demoníaca. A Liturgia não nos deixa sozinhos na busca de um presumido conhecimento individual do mistério de Deus, mas nos leva pela mão, juntos, como assembleia, para nos conduzir ao mistério que a Palavra e os sinais sacramentais nos revelam. Faz isso em coerência com o agir de Deus, seguindo o caminho da

Encarnação, pela linguagem simbólica do corpo, que se estende às coisas, ao espaço e ao tempo (DD, n. 19).

Ainda sobre o deslocamento da primazia da interioridade subjetiva para a objetividade da ação ritual-ecclesial, o professor Andrea Grillo afirma tratar-se de uma verdadeira mudança paradigmática: “[...] a passagem decisiva consiste em assumir o rito como ‘linguagem comum da Igreja’, que não deixa ninguém de fora e que não tolera nenhum espectador”⁵⁶. Participar, portanto, é integrar-se a essa linguagem comum, que une interioridade e expressão externa, intenção e gesto, tornando o corpo da Igreja, que é o Corpo de Cristo, o lugar visível de sua comunhão. Nesse sentido, afirma Borobio:

E isso é o que está implicado nos ritos, gestos, sinais e símbolos da Liturgia, pelos quais se suscitam os sentidos, a comunicação, a contemplação. Frente a um racionalismo imperante, propõe-nos o sensitivo evocativo. Tudo isso tem uma finalidade primordial na Liturgia: alimentar a fé e conduzir-nos a uma participação e a uma experiência do mistério. O que exige que os ritos e sinais sintonizem com a sensibilidade e com a cultura do povo concreto⁵⁷.

O Concílio Vaticano II reconheceu que “a sagrada Liturgia não esgota toda a ação da Igreja” (SC 9). O encontro, a evangelização e o testemunho ultrapassam as fronteiras do rito. Contudo, quando se fala em participação litúrgica, é preciso ser fiel ao horizonte conciliar. Se ela é chamada a ser “plena”, “ativa” e “consciente”, qualquer forma de participação fragmentada, parcial ou limitada corre o risco de contrariar a reforma litúrgica. Mesmo após mais de 60 anos do Concílio, ainda lutamos por uma participação plena, de modo que cogitar uma participação limitada ou a suficiência de uma participação mínima, poderia contrariá-lo, não recepcioná-lo. Como recorda Vagaggini, para “[...] realizar e conservar na Liturgia o encontro entre o povo e Cristo [...] não basta uma presença qualquer e uma participação qualquer na ação litúrgica”⁵⁸. Bem aponta o liturgista beneditino François Cassingena-Trévedy: “O encontro incorpora um elemento de contato físico, o gesto acrescenta principalmente a ideia

⁵⁶ [...] *il passaggio decisivo consiste nell’assumere il rito come ‘linguaggio comune della Chiesa’, che non lascia nessuno all’esterno e che non sopporta alcuno spettatore.*

GRILLO, Andrea. La partecipazione attiva, tema strategico della Riforma Liturgica: dalla discussione preconciare e conciliare alla problematica post conciliare. In: GIRARDI, Luigi (Org.). *Liturgia e Partecipazione: forme del coinvolgimento rituale*. Padova: Edizioni Messaggero, 2013, p. 117, tradução nossa.

⁵⁷ BOROBIO, Dionisio. *A dimensão estética da liturgia: arte sagrada e espaços para celebração*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 16-17.

⁵⁸ VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 712-713.

de uma ‘assunção’ concreta, uma forma e um movimento sensível, apreensível [...] o encontro e, mais ainda, o gesto dependem claramente do âmbito do sensível”⁵⁹.

Por isso, cogitar uma extensão da participação litúrgica ao ambiente digital pode parecer, à primeira vista, um progresso, mas corre-se o risco de constituir um retrocesso. A história da Liturgia conhece bem o preço da passividade. Foram séculos em que os fiéis assistiam, como “estranhos ou espectadores mudos” (SC 48), ao mistério celebrado *diante deles e para eles*, mas não *com eles e por eles*. Recuperar e, de certo modo, endossar essa forma de presença limitada e incompleta implica o risco de transformar novamente o fiel em mero receptor de um conteúdo sagrado, podendo indicar uma renúncia ao dom maior que o Concílio nos restituiu: a possibilidade da participação ativa e plena nas celebrações litúrgicas.

O reconhecimento dos limites então apresentados não conduz a uma rejeição simplista do ambiente digital para a experiência litúrgica, mas impõe à reflexão teológica a tarefa de discernir com maior precisão os níveis, alcances e modalidades nos quais o ciberespaço pode favorecer autênticas experiências espirituais. Se, em sentido pleno, no âmbito da participação litúrgica estrita e do ponto de vista sacramental, a Liturgia exige mediações que não se deixam substituir integralmente pela digitalização, isso não impede que outras formas de vivência da fé, enraizadas na própria Liturgia da Igreja, encontrem no ambiente digital um campo fecundo de expressão. É precisamente no rumo da distinção, e não de oposição, que se torna possível avançar para a consideração das possibilidades do ciberespaço para a espiritualidade litúrgica.

⁵⁹ *El encuentro incorpora un elemento de contacto físico, el gesto añade principalmente la idea de una “asunción” concreta, una forma y un movimiento sensible, aprehensible. [...] el encuentro y, más todavía, el gesto dependen claramente del ámbito de lo sensible.*

CASSINGENA-TRÉVEDY, François. *La belleza de la liturgia*. Salamanca: Sígueme, 2008, p. 22, tradução nossa.

4 POSSIBILIDADES DO CIBERESPAÇO PARA A ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA

Como afirmado nos capítulos anteriores, a Liturgia celebrada ocupa um lugar central e insubstituível na vida da Igreja, pois é nela que o Verbo de Deus ressoa de modo pleno e a ação sacramental se realiza em sua forma própria, na assembleia fisicamente reunida. Essa centralidade, no entanto, não esgota as formas pelas quais a fé se alimenta no cotidiano. Ao longo da história, a Igreja sempre reconheceu e cultivou práticas orantes que brotam da Liturgia, a ela conduzem e dela recebem sentido. No ambiente digital, essas práticas encontram novas possibilidades, que pedem discernimento pastoral e atenção às condições concretas em que os fiéis vivem. O critério que orienta esse discernimento consiste na capacidade dessas práticas de conduzir os fiéis ao encontro sacramental com Cristo na assembleia reunida, sem substituí-la, empobrecê-la, relativizá-la ou desfigurá-la. Nessa direção seguirá a reflexão sobre as possibilidades do ciberespaço para a espiritualidade litúrgica.

O Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil oferece uma indicação clara ao afirmar: “É necessária a devida sensibilidade pastoral para fomentar outras práticas litúrgicas, já enraizadas na vida comunitária, como a *Lectio Divina*, o Ofício Divino das Comunidades, os Círculos Bíblicos, dentre outros, também no ambiente digital” (DCIB, n. 103). Partindo dessa orientação, este capítulo abordará experiências que, sem substituir a Liturgia celebrada em uma assembleia fisicamente reunida, podem prepará-la, acompanhá-la e prolongá-la na vida dos fiéis. Trata-se de reconhecer que, também no ciberespaço, a escuta da Palavra, a Liturgia das Horas e as diversas orações em reuniões pastorais podem e devem continuar a plasmar a espiritualidade do povo de Deus.

4.1 Sacramentalidade da Sagrada Escritura

A reflexão sobre as possibilidades do ciberespaço para a espiritualidade litúrgica encontra na Sagrada Escritura um campo fecundo. Como vimos, a experiência litúrgico-sacramental plena reclama a reunião física da assembleia e a materialidade sensível dos sinais. É na Liturgia celebrada da comunidade eclesial, fisicamente reunida, que se faz a escuta privilegiada do Verbo de Deus (cf. VD, n. 52). Contudo, é preciso reconhecer que a Sagrada Escritura, como aquela que comunica a vida do Verbo, goza de uma força salvífica própria, ou seja, de uma sacramentalidade que precede e se derrama sobre todos os sinais sacramentais das celebrações litúrgicas.

A Escritura não pode ser considerada apenas como fonte de instrução, mas lugar de encontro com o Deus que nos fala e, pela sua Palavra, que é Cristo, nos interpela e nos convoca à conversão. Pensar a experiência bíblica no ambiente digital, portanto, não significa restringi-la a um plano meramente informativo, doutrinador, moralizante ou devocional, mas investigar de que modo a Palavra, através dos textos sagrados, enquanto realidade sacramental primeira que é, pode ali exercer sua força vivificadora, pois que comunica o evangelho da Páscoa (cf. *Dei Verbum*, n. 4).

Essa abordagem exige, antes de tudo, uma ampliação do horizonte teológico-litúrgico no qual se compreende a sacramentalidade. Assim afirma o liturgista belga Joris Geldhof: “O ampliamiento do conceito de sacramentalidade é um outro elemento central de uma antropologia litúrgica para o futuro em tempos de digitalização”¹. Não se trata de diluir o conceito, mas de reencontrar sua densidade original, ligada à lógica da encarnação do Verbo. Isso porque não se pode pensar a sacramentalidade apenas como uma categoria funcional restrita a determinados ritos, mas como uma qualidade que atravessa toda a economia da salvação.

Essa compreensão permite reconhecer que a Sagrada Escritura, enquanto sinal, ocupa um lugar especial nesse sistema sacramental ampliado, pois não apenas remete a Cristo, mas torna presente sua ação salvífica no hoje da vida de quem o escuta. Como afirma o liturgista brasileiro, Ademilson Tadeu Quirino: “Pela escuta, a comunidade cristã se conecta ao Mistério de Cristo. Essa conexão é articulada pelo silêncio acolhedor de cada pessoa que se coloca inteiramente à escuta do Senhor [...]”². Nessa linha, a sacramentalidade deve ser compreendida como uma dimensão que se estende à vida, à cultura e às várias mediações humanas, sem perder sua referência cristológica e eclesial:

A sacramentalidade é uma qualidade que pode ser atribuída a realidades mais amplas, como a vida, o mundo, a Igreja e, por que não, a cultura. Consequentemente, podemos compreender a sacramentalidade, a partir de uma perspectiva cristã e litúrgica, como toda realidade, toda pessoa ou todo acontecimento que, ao menos potencialmente, contribui para a adoração de Deus e para a santificação do mundo, ou para a saúde do Corpo de Cristo e para o seu crescimento no Espírito. Evidentemente, os meios digitais não podem ser excluídos *a priori* desses fins³.

¹ *L'ampliamento del concetto di sacramentalità è un altro elemento centrale di un'antropologia liturgica per il futuro in tempi di digitalizzazione. Prospettive teologiche su un'antropologia liturgica per il futuro.* In: JURCZAK, Dominik; SARR, Olivier-Marie; TYMISTER, Markus. *Liturgia “virtuale”? Atti del XII Congresso Internazionale di Liturgia.* Napoli: Editrice Domenicana Italiana (EDI), 2022, p. 43, tradução nossa.

² QUIRINO, Ademilson Tadeu. *Teologia da escuta.* São Paulo: Paulus, 2024, p. 9-10.

³ *La sacramentalità è una qualità che può essere attribuita a entità più grandi, come la vita, il mondo, la Chiesa e, perché no, la cultura. [...] Di conseguenza, possiamo intendere la sacramentalità da una prospettiva cristiana e liturgica come ogni cosa, ogni persona o ogni evento che almeno potenzialmente contribuisce all'adorazione di Dio e alla santificazione del mondo, o alla salute del corpo di Cristo e alla sua crescita nello Spirito. Evidentemente, i media digitali non possono essere esclusi a priori da questi scopi.*

Essa afirmação é relevante para a reflexão aqui desenvolvida, pois impede tanto uma sacralização ingênua do ambiente digital quanto sua exclusão automática do horizonte sacramental, isto é, da ação salvífica de Deus. Se os meios digitais são hoje parte constitutiva da cultura e do cotidiano humano, também podem tornar-se espaço de escuta e experiência com Cristo, Verbo eterno do Pai. Como tratamos no primeiro capítulo, a Liturgia tem a primazia e é o ambiente privilegiado para o diálogo com o Senhor, mas ela “não esgota toda a ação da Igreja” (SC, n. 9), porque não esgota a ação salvífica de Deus.

A Tradição cristã sempre compreendeu a Palavra de Deus como fundamento da economia sacramental. A Escritura, que nos coloca em contato com a Palavra, não é exterior à Liturgia, nem um simples prólogo intelectual às ações rituais. Ao contrário, ela é um sinal especial pelo qual Deus se comunica eficazmente com seu povo. Assim afirma Félix María Arocena: “Na realidade, trata-se de contemplar a Palavra de Deus em seu contexto próprio, que é a economia sacramental e, nela, captá-la como ‘sacramento’, no sentido de realidade salvífica transmissora de potência e de graça, comunicadora de verdades e de preceitos.”⁴

A compreensão sacramental da Sagrada Escritura encontra, nela mesma, sólidos fundamentos. Desde o princípio, quando “Deus disse” e a realidade veio à existência (cf. Gênesis 1,3-30), a Palavra revela-se como força criadora e vivificadora, dinâmica que culmina na afirmação profética de que ela jamais retorna vazia, mas realiza aquilo para o qual foi enviada (cf. Is 55,10-11). Essa Palavra é fonte de vida e sustento para o ser humano, mais necessária que o pão (cf. Dt 8,3), capaz de dar esperança (cf. Sl 119/118,50) e de fazer existir aquilo que proclama (cf. Sl 33/32,6.9). No Novo Testamento, essa eficácia assume claramente uma dimensão salvífica: a fé nasce da escuta da Palavra de Cristo (cf. Rm 10,17), pela qual Deus gera um povo novo (cf. Tg 1,18) e regenera os crentes como semente incorruptível (cf. 1Pd 1,23). Ela é viva, eficaz e penetrante, capaz de tocar o íntimo do ser humano (cf. Hb 4,12), porque nela ressoa a própria voz daquele que é a Palavra feita carne (cf. Jo 1,14), cujas palavras são “espírito e vida” (Jo 6,63).

Como destaque da Patrística, Santo Agostinho percebeu que a Palavra atua como sinal eficaz que se realiza na escuta operosa, em analogia com os sinais visíveis da economia sacramental. Recorda Maldonado: “Santo Agostinho designa a Palavra de Deus como

GELDHOF; JURCZAK; SARR; TYMISTER, 2022, p. 43, tradução nossa.

⁴ *En realidad, se trataría de contemplar la Palabra de Dios en su contexto propio, que es la economía sacramental y, en ella, captarla como ‘sacramento’ en el sentido de realidad salvífica transmisora de potencia y de gracia, comunicadora de verdades y preceptos.* AROCENA, Félix María. *La celebración de la palabra: teología y pastoral*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2005, p. 86, tradução nossa.

sacramentum audibile, indicando-nos, assim, esta sua característica de sinal verbal ou oral, que acontece na vida dos fiéis par a par com outros sinais mais visuais e visíveis (...)”⁵. Essa força própria da Palavra nos faz concordar com o teólogo André Luiz Benedito: “[...] a Palavra de Deus proclamada é um acontecimento salvífico e, portanto, é um evento sacramental”⁶. Trata-se, portanto, de uma iniciativa do Pai, pela ação do seu Espírito, que acontece no tempo e na história de quem escuta seu Filho amado.

A Sagrada Escritura não pode ser compreendida como uma revelação passada, mas como lugar atual da manifestação do Verbo vivo e vivificante, no qual Deus continua a falar/salvar seu povo. É bem verdade, como vimos, que na assembleia litúrgica o Verbo de Deus ressoa com especial densidade, como eminente acontecimento que convoca, interpela, transforma e salva. No entanto, para além das celebrações litúrgicas, Cristo-Palavra permanece operante. Sempre que escutada na fé obediente que assimila o *modus vivendi* de Jesus, seja no recolhimento silencioso da oração pessoal, seja nas modalidades de escuta experimentadas no ambiente digital, a Sagrada Escritura anuncia, comunica e atualiza a vida de Cristo em quem a escuta. Por isso mesmo torna-se, em todo tempo e lugar, “Palavra da Salvação”.

Importa destacar como essa compreensão ilumina as experiências orantes no ambiente digital. Grupos *online* de reflexão bíblica ou *Lectio divina*, por exemplo, possibilitam que fiéis, muitas vezes impedidos de participar presencialmente da vida comunitária nos dias de semana, mantenham uma relação viva e constante com a Escritura. Em contextos de pastoral urbana, marcados pela necessidade de longos deslocamentos, pelas agendas lotadas e pelo cansaço, frutos do frenético ritmo cotidiano, o ambiente digital facilita e se torna um refúgio para o descanso no Senhor, que nos convida: “Vinde a mim, todos vós que estais cansados e carregados de fardos, e eu vos darei descanso” (Mt 11,28).

Recorde-se, ainda, as pessoas enfermas, idosas, bem como as que se encontram sozinhas, angustiadas, atravessando algum tipo de sofrimento. Especialmente para elas, a escuta da Sagrada Escritura pode favorecer uma releitura da própria realidade, oferecendo novas chaves de compreensão para a tribulação enfrentada. Aqui, para além dos grupos de reflexão bíblica, as transmissões de celebrações litúrgicas ocupam um lugar relevante. Ainda que não proporcionem uma participação plena, elas possibilitam a audição das leituras proclamadas, da homilia que as articula e das preces que lhes correspondem, ajudando a reinterpretar o sofrimento e a encontrar forças para enfrentá-lo. Como nos lembra o Apóstolo: “Tudo o que

⁵ MALDONADO, Luis. *A ação litúrgica: sacramento e celebração*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 79-80.

⁶ BENEDITO, André Luiz. *A sacramentalidade da Palavra de Deus: uma aproximação entre a mistagogia de Ambrósio de Milão e a Constituição Sacrosanctum Concilium*. São Paulo: Paulus, 2022, p. 54.

outrora foi escrito, foi escrito para nossa instrução, para que, pela constância e consolação que nos dão as Escrituras, sejamos firmes na esperança” (Rm 15,4). Nesse mesmo sentido, afirmou Bento XVI: “A Sagrada Escritura contém numerosas páginas de conforto, amparo e cura, que se devem à intervenção de Deus” (VD, n. 61).

Trata-se, assim, do caráter performático da Palavra de Deus, ou seja, da força de realizar aquilo que anuncia. Ela ilumina situações concretas, reorienta escolhas e fortalece a esperança, não apenas explicando a vida, mas a reconstruindo à luz do Mistério Pascal de Cristo. Ainda Bento XVI: “Quando se educa o Povo de Deus para descobrir o caráter performativo da Palavra de Deus na Liturgia, ajudamo-lo também a perceber o agir de Deus na história da salvação e na vida pessoal de cada um dos seus membros” (VD, n. 53). Por excelência, essa performance se dá na Liturgia celebrada, mas nos parece que, nesse tocante, ela transborda e, de alguma forma, alcança mesmo os que assistem sua transmissão.

A Liturgia é o “[...] âmbito privilegiado onde Deus nos fala [...]” (VD, n. 52), mas não se pode ignorar a força espiritual das experiências digitais com a Sagrada Escritura. Reconhecer sua sacramentalidade implica admitir que ela continua a gerar vida, consolo e conversão também nas novas linguagens do ciberespaço. Como bem sintetiza o padre André Luiz Benedito: “A Palavra nos ajuda a trazer o sentido do mistério para o nosso cotidiano, de maneira que toda a nossa vida seja também uma história da salvação, onde Deus nos fala, nos consola, nos corrige e, enfim, nos conduz a uma existência de acordo com o projeto de Cristo”⁷. Assim, as experiências digitais em torno da Sagrada Escritura podem tornar-se espaços reais de escuta e transformação, desafiando a Igreja a discernir, acompanhar e integrar essas práticas no horizonte mais amplo de sua missão evangelizadora.

4.2 Liturgia das Horas

Na esteira da reflexão sobre as possibilidades do ambiente digital para a espiritualidade litúrgica, a Liturgia das Horas se apresenta como uma opção particularmente significativa. Se a Palavra de Deus, enquanto realidade sacramental primeira, é lugar de encontro com Ele, que fala e nos interpela, o Ofício Divino constitui o modo ritual pelo qual essa Palavra estrutura o tempo, atravessando o cotidiano do orante e conformando sua vida ao Mistério Pascal de Cristo. Ocupando um lugar especial na tradição litúrgica, afirmou o papa Paulo VI:

⁷ BENEDITO, 2022, p. 351.

O cântico de louvor, que ressoa eternamente nas moradas celestes, e que Jesus Cristo, Sumo Sacerdote, introduziu nesta terra de exílio, foi sempre repetido pela Igreja, durante tantos séculos, constante e fielmente, na maravilhosa variedade de suas formas (*Laudis Canticum*, não paginado).

Como celebração litúrgica que é, a Liturgia das Horas não depende simplesmente da espontaneidade de quem a celebra. Ao rezar os salmos e as leituras distribuídas ao longo do dia e do ano litúrgico, o fiel não escolhe o que rezar, mas se deixa conduzir por uma oração que o precede e o ultrapassa. A Oração das Horas, nesse sentido, educa para uma fé que não se mede pelo sentimento, apenas, mas pela fidelidade ao ritmo da Igreja, pois trata-se de uma espiritualidade recebida, e não inventada; objetiva, e não arbitrária; eclesial-comunitária, e não privada. Essas características são decisivas para pensar, como citado acima, a “maravilhosa variedade de suas formas”, incluindo, podemos acrescentar, a forma digital.

Diferentemente de muitas práticas espirituais *online* que, como vimos, são marcadas pela fragmentação e pelo consumo rápido de conteúdos, a Liturgia das Horas impõe uma forma, um tempo e uma certa disciplina espiritual. Ela resiste, por sua própria natureza, à lógica do imediatismo que estrutura grande parte da experiência digital, convocando quem a celebra a interromper o fluxo contínuo de estímulos para entrar em um ritmo que exige atenção-concentração e permanência-constância. Como bem aponta o padre jesuíta, Robert Taft:

Nenhuma outra forma de oração está tão enraizada nos mistérios da história da salvação à medida que eles se desdobram dia a dia no ciclo anual da Igreja. Por meio dessa dieta constante da Sagrada Escritura, Deus não apenas fala sua Palavra para nós, não apenas contemplamos continuamente os mistérios centrais da salvação, mas nossa própria vida é gradualmente sintonizada com esse ritmo, e meditamos repetidamente sobre essa história de Israel, recapitulada em Jesus, que é também a saga da nossa própria odisseia espiritual⁸.

A Liturgia das Horas integra, de modo exemplar, a dimensão cultural da existência cristã. Ao marcar as horas do dia com o louvor, a meditação da Palavra e a oração, ela manifesta que a vida inteira pode tornar-se uma oblação. Como afirma Benedito: “Cada hora do ofício divino é um momento em que brilha o sinal sacramental da vida ofertada em sacrifício permanente, pois toda a existência cristã está imbuída do aspecto cultural”⁹. Não se trata de acrescentar momentos de oração a uma vida já organizada, mas de permitir que o próprio tempo da vida seja progressivamente santificado pela oração.

⁸ TAFT, Robert. *A Liturgia das Horas no Oriente e no Ocidente: as origens do Ofício Divino e seu significado hoje*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2024, p. 412.

⁹ BENEDITO, 2022, p. 31.

A peculiaridade da Liturgia das Horas que, enquanto oração litúrgica, pode ser celebrada legitimamente mesmo de forma individual, abre um campo fecundo para pensar suas possibilidades no ambiente digital. Diferentemente da Celebração Eucarística, como vimos, cuja estrutura exige a assembleia fisicamente reunida, o Ofício Divino, mesmo quando celebrado por um único fiel, permanece intrinsecamente eclesial. A própria Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas recorda: “Mesmo a oração no quarto, a portas fechadas, sempre necessária e recomendável, os membros da Igreja a fazem por Cristo, no Espírito Santo [...] (IGLH, n. 9). Assim, quem reza a Liturgia das Horas não o faz em nome próprio, mas em comunhão com a *Ecclesia orans*, unindo sua voz à oração contínua da Igreja espalhada pelo mundo e assumindo o louvor perene a Deus no tempo, fazendo do *chronos* um *kairós*. Essa compreensão impede que a Liturgia das Horas, ainda que celebrada a sós, seja percebida como devoção privada. Trata-se sempre de uma oração pública da Igreja, que ultrapassa o indivíduo e alcança a universalidade eclesial. Como recorda Paulo VI:

Antes de tudo, a oração cristã é a oração da família humana inteira, que Cristo associa a si. Celebrando essa oração, cada um é participante nela própria do Corpo todo. Por isso, funde-se a voz da esposa dileta de Cristo com os desejos e votos de todo o povo cristão, com as súplicas e petições em prol das necessidades de toda a humanidade (*Laudis Canticum*, não paginado).

Assentado o entendimento de que a Liturgia das Horas pode ser celebrada legitimamente de modo individual, sem perder seu caráter de oração pública da Igreja, abre-se um horizonte concreto para refletir sobre sua celebração no ambiente digital. A Constituição *Sacrosanctum Concilium* reconhece que o Ofício não está restrito à celebração comunitária, ainda que essa permaneça sua forma privilegiada: “Recomenda-se que os leigos recitem o Ofício Divino, em comum com os sacerdotes, entre si ou mesmo sozinhos” (SC, n. 100). Desse modo, a celebração individual da Liturgia das Horas no ambiente digital, por exemplo, por meio de um canal do YouTube que apresente fielmente o mesmo conteúdo do ritual, poderia ser reconhecida como uma ação litúrgica. Não se trata de consumir um conteúdo religioso ou de assistir passivamente a uma produção audiovisual, mas de participar de uma forma ritual já dada, assumindo os textos, os tempos e a estrutura da oração da Igreja. A mediação digital, nesse caso, não nos parece um empecilho para que o fiel se insira na oração objetiva da Igreja, assim como não é um obstáculo quando, rezando sozinho, se utiliza um livro impresso.

Ainda, quando a celebração individual se realiza com o auxílio de salmos e hinos cantados em aplicativos ou canais da internet, pode-se falar, sob certos aspectos, de uma experiência litúrgica até mais qualificada do que aquela limitada à recitação seca dos textos.

Sem a música, corre-se o risco de se tornar uma prática mecânica, automática, pouco envolvente e sem vida, especialmente fora de um ambiente comunitário. O canto, ao contrário, restitui à Liturgia das Horas sua forma própria: impõe um ritmo, educa a escuta, envolve os ouvidos e a voz, favorecendo a interiorização da Palavra de Deus. Não se trata de buscar maior emoção, mas de preservar a musicalidade do Ofício, impedindo que ele se transforme em mera leitura fria.

Importa retomar e aprofundar a distinção, em termos de requisitos constitutivos, entre a Liturgia das Horas e a Celebração Eucarística. Diferentemente da Liturgia das Horas, na celebração da Eucaristia a reunião física da assembleia é elemento constitutivo do próprio ato litúrgico e configura seu sinal sacramental primordial. Afirma Gelineau: “A assembleia litúrgica, pequena ou grande, é um sinal (o primeiro de toda a celebração), quando cada um se encontra com os outros [...]”¹⁰. O povo reunido em torno do altar, o exercício dos diversos ministérios, os gestos comuns e, como ponto culminante, a recepção dos alimentos eucaristizados, pertencem à natureza mesma da Celebração Eucarística, como apresentado nos capítulos anteriores. Por isso, a presença física não é um elemento secundário ou circunstancial, mas pertence à própria estrutura sacramental da Liturgia. Qualquer forma de mediação à distância, ainda que possa oferecer frutos espirituais, rompe a integralidade desse sinal sacramental. Já a Liturgia das Horas não exige a copresença física dos fiéis para se realizar como ação da Igreja, porque seu sinal litúrgico não se constitui exclusivamente a partir da assembleia reunida em um mesmo espaço físico, mas a partir da inserção subjetiva na objetividade da oração da Igreja que se estende no tempo.

Essa distinção estrutural não implica, contudo, qualquer relativização da dimensão comunitária da Liturgia das Horas. Embora não exija a copresença física dos fiéis para se realizar como ação litúrgica da Igreja, o Ofício encontra na celebração em comum sua expressão plena na medida em que a oração comunitária torna mais visível a natureza eclesial da ação ritual. Como afirma a Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas: “A oração da comunidade tem dignidade especial, já que o próprio Cristo disse: ‘Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou ali, no meio deles’” (IGLH, n. 9). Essa primazia da forma comunitária, entretanto, não transforma a celebração individual em uma experiência litúrgica necessariamente deficiente, mas indica uma hierarquia de formas no interior de uma mesma ação litúrgica, todas elas objetivamente inseridas na oração pública da Igreja.

¹⁰ GELINEAU, Joseph. Quando os homens se reúnem. In: ALDAZÁBAL, José; LLIGADAS, Josep (orgs.). *A Assembleia litúrgica e a sua presidência*. Prior Velho: Paulinas, 2010, p. 31.

Feita essa distinção, torna-se possível avançar para a reflexão sobre a celebração comunitária da Liturgia das Horas em grupos reunidos no ambiente digital, em plataformas como o Google Meet, Microsoft Teams, Zoom etc. Se a comunhão própria do Ofício se realiza primariamente no tempo partilhado e na assunção comum da oração da Igreja, então a reunião simultânea de fiéis, ainda que fisicamente separados, pode constituir uma forma legítima de celebração comunitária. Não se trata de simular uma assembleia litúrgica presencial, mas de assumir uma prática orante comum, marcada pela escuta da mesma Palavra, pela meditação dos salmos, pelas preces, dentre outros elementos.

Evidentemente, essa modalidade digital de celebração não está isenta de limites. As dificuldades técnicas relacionadas à simultaneidade das vozes no canto comum ou alternado, à latência das conexões e os *delays* exigem adaptações concretas. Trata-se de limites que, ao nosso ver, não invalidam a experiência litúrgica, mas pedem discernimento na organização e na distribuição das funções. Assim, as salmodias, os hinos e os cânticos bíblicos podem ser executados por uma pessoa, enquanto as demais se associam pela escuta orante ou mesmo pelo canto, mas com o microfone mutado para não gerar ruídos. Quando isso não for possível, a escuta comum dos salmos, dos hinos e dos cânticos bíblicos por meio de roteiros digitais que os apresentam em forma cantada, unido aos tempos de silêncio, às leituras e às preces, permite preservar a estrutura do Ofício sem forçar uma execução incompatível com o meio.

Para além dessas dificuldades de ordem técnica, acrescenta-se outro limite, relacionado à coincidência temporal. Como já indicado na reflexão sobre a limitação espaço-temporal, as plataformas digitais permitem a conexão simultânea dos participantes, mas essa simultaneidade técnica não implica necessariamente coincidência na realidade objetiva do tempo cósmico. Caso um grupo queira celebrar o Ofício com participantes situados em fusos horários distintos, poderá surgir uma dissociação entre a hora litúrgica rezada e o tempo cósmico em curso. A simultaneidade técnica da reunião não garante, portanto, a coincidência temporal efetiva dos orantes. Como celebrar as *Laudes* quando, para alguns, já seria tarde ou mesmo noite? Haveria, nesse ponto, uma espécie de curto-circuito na própria temporalidade que estrutura a Liturgia das Horas.

Reconhecidos esses limites, importa perceber como a Oração das Horas no ciberespaço adquire particular relevância nos contextos urbanos, marcados por ritmos acelerados de trabalho, com longos e demorados deslocamentos. Nesses cenários, insistir que os fiéis se desloquem até as igrejas para a celebração regular do Ofício Divino, sem considerar essas condições concretas de vida, configura uma abordagem pastoral ingênua e pouco sensível à realidade das grandes cidades. Não se trata de relativizar ou diminuir a importância da reunião

física, mas de reconhecer que para a Liturgia das Horas ser reinserida no cotidiano dos fiéis, faz-se necessário o uso de mediações capazes de dialogar com o contexto em que vivem. Soma-se a isso o fato de que são ainda muito poucas as comunidades eclesiais que oferecem, de modo regular, a celebração do Ofício. Se essas questões não forem consideradas, a Liturgia das Horas tende a permanecer uma “ilustre desconhecida”, restrita a ambientes clericais e religiosos, sem impacto real na vida do laicato. Assim, grupos que se reúnem *online* para rezar a Liturgia das Horas tornam possível sua experiência em contextos nos quais a reunião física se mostra difícil.

Sobre facilitar e promover a Liturgia das Horas, no contexto brasileiro, um paralelo significativo encontra-se na experiência do Ofício Divino das Comunidades, expressão fecunda de inculturação, cujos elementos próprios, como a “recordação da vida”, por exemplo, também podem ser experimentados no ambiente digital. Também essa modalidade permaneceria atravessada por limites semelhantes aos já indicados para a Liturgia das Horas. Ainda assim, tais experiências digitais podem contribuir para que o Ofício deixe de ocupar um lugar marginal e passe a integrar de modo mais efetivo a vida espiritual dos fiéis.

Desse modo, a reflexão sobre a Liturgia das Horas no ambiente digital conduz a uma compreensão mais ampla de suas possibilidades de vivência na Igreja hoje. Permanecendo fiel à sua natureza de oração pública, ritual e eclesial, o Ofício mostra-se particularmente apto a inculturar-se no ciberespaço sem perder sua espiritualidade litúrgica. Assim, o ambiente digital pode favorecer não apenas o acesso, mas também a redescoberta da Liturgia das Horas como eixo estruturante da espiritualidade pascal cotidiana.

4.3 Indicações pastorais

Neste último ponto, à luz do que refletimos ao longo do trabalho, queremos avançar para proposições concretas que auxiliem a prática eclesial, sobretudo no que diz respeito às reuniões pastorais, aos grupos de oração, às dinâmicas formativas e às experiências de espiritualidade que acontecem *online*. Trata-se de apontar possibilidades que qualifiquem espiritualmente esses encontros, evitando o improvisado, a superficialidade, a frieza e o automatismo.

Uma primeira constatação pastoral diz respeito ao caráter meramente protocolar dos momentos orantes que abrem reuniões de conselhos, pastorais, movimentos ou ministérios realizados no ambiente digital. Não raras vezes, a oração inicial reduz-se a fórmulas breves e repetitivas, utilizadas mais por obrigação institucional do que como verdadeira experiência espiritual, capaz de iluminar o sentido e o objetivo da reunião. O recurso quase automático a

orações como “Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis...”, evidencia, muitas vezes, não uma fé árida, mas a ausência de formação litúrgica e sensibilidade pastoral que ajudem a perceber o valor espiritual do momento orante, ainda que breve.

É preciso reconhecer que a supracitada fragilidade não é exclusiva dos encontros realizados *online*, mas apresenta-se também em reuniões no ambiente físico, revelando uma dificuldade mais profunda de integrar a oração como verdadeiro princípio espiritual do agir pastoral. O meio digital, portanto, não cria o problema, mas o torna mais visível. Portanto, o ciberespaço pode oportunizar a requalificação da oração comunitária. Se bem conduzidos, esses momentos *online* de espiritualidade podem tornar-se verdadeiras experiências de escuta e de preparação para o discernimento e a ação pastoral, além de incentivar momentos orantes que sejam o ponto forte também das reuniões em ambiente físico.

Se a oração não deve ser reduzida a uma mera formalidade da pauta pastoral, mas reconhecida como fundamento da própria ação eclesial, torna-se necessário indicar caminhos concretos que qualifiquem a experiência orante das reuniões também no ambiente digital. Desponta, como oração privilegiada, a Liturgia das Horas, sendo a possibilidade mais consistente e adequada. A *Instrução Geral da Liturgia das Horas* prevê:

Os grupos de leigos, em qualquer lugar em que se encontrem reunidos, são convidados a cumprir essa função da Igreja, celebrando parte da Liturgia das Horas, seja qual for o motivo pelo qual se reuniram: oração, apostolado ou qualquer outra razão (IGLH, n. 27).

A possibilidade de celebrar a Liturgia das Horas em encontros com diferentes finalidades mostra como ela se insere na vida comunitária em suas diversas expressões, oferecendo-lhe um fundamento espiritual comum. A oração de uma hora média ou mesmo de um salmo com antífona e oração conclusiva, quando bem preparada e bem conduzida, faz com que os fiéis bebam dessa fonte espiritual e nela encontrem inspiração para o próprio objeto da reunião, também no ambiente digital.

Uma outra indicação é a realização de uma reunião *online* destinada à preparação espiritual para a celebração dominical, proposta em um dia da semana com a meditação das leituras bíblicas e das orações litúrgicas do domingo seguinte. Desse modo, os fiéis poderão constituir a assembleia celebrante já familiarizados com os textos que serão proclamados e rezados, participando mais plenamente da celebração dominical, que é o centro da vida espiritual cristã-católica. Trata-se de uma *lectio liturgica*, na qual os textos bíblicos e eucológicos do domingo são lidos, meditados, rezados e contemplados de modo que

desemboquem na ação cotidiana. Dessa maneira, a assembleia celebra melhor e permite que a oração da Igreja continue a plasmar a vida, conformando a *lex vivendi* à *lex orandi*.

Do ponto de vista pastoral, essa prática contribui para superar uma vivência fragmentada da fé, na qual a celebração dominical permanece isolada do cotidiano. O ambiente digital, nesse sentido, pode funcionar também como espaço de ressonância da celebração passada, ajudando a prolongar sua força formativa e espiritual. Ao favorecer a continuidade entre celebração e vida, essa prática ajuda os fiéis a reconhecerem o Domingo não como um momento apartado da vida corriqueira, mas como fonte que sustenta e inspira toda a semana. Como disse Papa Francisco: “De domingo em domingo, a Palavra do Ressuscitado ilumina a nossa existência, querendo realizar em nós aquilo para que foi mandada (cf. Is 55, 10-11)” (DD, n. 65), ou seja, ser para nós “Palavra da Salvação”.

Além das reuniões pastorais e dos encontros formativos, a experiência recente de confinamento em razão da Covid-19 evidenciou que o ambiente digital pode incentivar e dinamizar momentos de espiritualidade nas famílias. Se, por diversas razões, a vida doméstica foi progressivamente esvaziada de práticas orantes comuns, a oferta de momentos espirituais acessíveis no ciberespaço revelou-se, em não poucos casos, um estímulo concreto para a retomada da oração nos lares. É importante reconsiderar o lugar da casa como espaço essencial de escuta da Palavra, recuperando a noção de que o âmbito doméstico sempre foi um lugar legítimo de vivência da fé. E é aí, nessa redescoberta, que o ambiente digital pode em muito contribuir.

Para além do uso do material que já se encontra disponível, torna-se cada vez mais oportuno que canais das diversas plataformas digitais ofereçam roteiros claros e diretamente utilizáveis para a oração doméstica. Não apenas material para a preparação individual, mas propostas pensadas para que a família possa acessar, reunir-se e rezar, ainda que de forma simples, a partir das leituras bíblicas do dia, por exemplo. Tais roteiros poderiam conduzir a oração passo a passo: cantos, orações, leituras, tempo de silêncio, reflexão, preces partilhadas, ação de graças etc. Desse modo, o ambiente digital deixa de funcionar apenas como espaço de acesso a materiais religiosos e passa a oferecer uma oportunidade concreta de oração, facilitando que famílias rezem juntas tanto quando estão no mesmo espaço físico como quando se encontram geograficamente separadas. Pais e filhos, irmãos, avós e netos podem, assim, conectar-se em um mesmo horário, seguir um mesmo roteiro e reconhecer-se unidos na escuta da Palavra e na oração comum, mesmo à distância.

Nessa linha, mais uma vez a Liturgia das Horas apresenta-se como uma excelente possibilidade para a oração em família. A disponibilização de roteiros digitais cantados, como

apontado anteriormente, pode facilitar que uma ou mais horas do Ofício sejam rezadas entre os membros da família que coabitam a mesma casa ou em diferentes lugares. Ao experimentar a oração da Igreja no cotidiano doméstico, essa proposta pode ajudar a inserir a vida familiar no ritmo do tempo litúrgico, tornando-se “[...] oportunidade de destacar o valor eclesial da casa familiar, a ‘caseidade’ da liturgia, que a reconduz às suas origens na primitiva *domus ecclesiae*”¹¹. Trata-se, portanto, menos de uma inovação pastoral e mais da atualização de uma intuição fundamental da Tradição cristã: a casa-família como Igreja doméstica. Em um tempo marcado pela fragmentação da vida e pela dispersão geográfica, rezar juntos fortalece a unidade das famílias em suas diversas configurações.

Merece atenção, ainda, a prática das transmissões de celebrações, sobretudo no que diz respeito ao risco de se concentrarem quase exclusivamente na transmissão da Missa. Trata-se de uma preocupação presente desde a década de 1970, no já citado volume 33 da coleção “Estudos da CNBB”, que advertia para essa questão ao afirmar que “seria necessário não ficarmos presos à celebração eucarística de Rádio e TV” (Estudos da CNBB 33, n. 17) e que “é importante que se abra a porta para outros tipos de celebração de Rádio e TV que não seja a Missa” (Estudos da CNBB 33, n. 7). Essa mesma advertência aplica-se às transmissões realizadas pela internet, nas diversas plataformas digitais. O risco é reduzir a compreensão da vida litúrgica da Igreja, limitando-a a um único de seus sacramentos, ainda que central. Tal enfoque pode obscurecer a riqueza e a diversidade das formas celebrativas por meio das quais o povo de Deus é nutrido espiritualmente e educado na fé. Além disso, pode induzir o fiel a se perceber como participante pleno da celebração, o que pode levá-lo a restringir a própria compreensão da experiência litúrgica à assistência de um rito que acontece *para ele* ou *diante dele*, mas não *com ele* e *por ele*.

Assim, transmissões de celebrações da Palavra, da Liturgia das Horas, celebrações penitenciais, vigílias, bênçãos, entre outros, podem enriquecer a vida espiritual e evitar uma compreensão redutiva da experiência litúrgica, favorecendo o reconhecimento da diversidade de formas celebrativas e abrindo a possibilidade de maior integração e familiaridade com essas modalidades que, embora aconteçam por excelência na reunião física da assembleia, podem também ser aproveitadas no ambiente digital. Desse modo, “a vida litúrgica e comunitária

¹¹ [...] *oportunidad de destacar el valor eclesial de la casa familiar, la ‘caseidad’ de la liturgia, que la vuelve a poner en sus orígenes, en la primitiva domus ecclesiae.* ROSAS DÍAZ, Guillermo. ¿Participación virtual – asamblea virtual? In: JURCZAK, Dominik; SARR, Olivier-Marie; TYMISTER, Markus. *Liturgia “virtuale”?* Atti del XII Congresso Internazionale di Liturgia. Napoli: Editrice Domenicana Italiana (EDI), 2022, p. 54-55, tradução nossa.

também pode ser enriquecida com o recurso ao ambiente digital, mediante oportunidades de oração, meditação, preparação aos Sacramentos e partilha da Palavra de Deus na internet, nas redes digitais e em aplicativos móveis” (DCIB, n. 249).

CONCLUSÃO

A modesta reflexão desenvolvida ao longo deste trabalho nos permite afirmar, com serenidade teológica e discernimento pastoral, que o ambiente digital, embora não possa promover uma experiência litúrgica plena, constitui um espaço real de vivência espiritual e, em certa medida, sacramental (considerando a compreensão ampliada de sacramentalidade apresentada). Trata-se de uma afirmação que evita tanto a idealização ingênua do ciberespaço quanto sua demonização. A cultura digital não é um fenômeno marginal ou passageiro, como vimos, mas um ambiente estrutural da contemporaneidade, no qual o ser humano vive, se expressa, constrói vínculos, busca sentido e, também, busca a Deus e é por Ele encontrado.

Particularmente provocadora é a constatação de que a digitalização parece, em certa medida, ocupar um espaço na tessitura social que antes era desempenhado pela religião. Como aponta Geldhof: “Uma observação instigante, contudo, é que a digitalização da cultura parece efetivamente realizar aquilo que a religião já não é mais capaz de fazer, isto é, estar em toda parte, no sentido de ter a ver com todos os aspectos e dimensões da nossa vida”¹².

Essa constatação convida a uma autocritica teológica necessária. Isso porque em diversos âmbitos eclesiais, a digitalização ainda é demonizada em razão de um certo “ciúme”, na medida em que se percebe no mundo digital uma forte capacidade de penetrar e transformar o modo de ser e de agir das pessoas, algo que a própria Igreja já não consegue realizar com tanta intensidade. Como vimos, as dinâmicas do ciberespaço, bem ou mal e com espantosa velocidade, moldam hábitos, reconfiguram relações, alteram percepções de tempo, espaço e identidade, implicando a vida concreta das pessoas.

Reconhecer essa força performativa do ambiente digital não significa admitir que, em algum momento, ele absorverá inteiramente a experiência religiosa, mas assumir, com honestidade, que os âmbitos nos quais a fé se expressa foram ampliados. A vida espiritual, hoje, não acontece apenas nos espaços tradicionalmente reconhecidos como religiosos, mas também nas interfaces e nos fluxos das linguagens digitais. E é a partir dessa afirmação que se assentou a questão (ainda aberta!) de fundo deste trabalho, que não pode ser evitada pela Teologia Litúrgico-Sacramental atual e futura: “De que modo os aplicativos, as telas, os dispositivos, as

¹² *Un’osservazione stimolante, tuttavia, è che la digitalizzazione della cultura in corso sembra realizzare effettivamente ciò che la religione non è più in grado di fare, cioè essere ovunque, nel senso di avere a che fare con tutti gli aspetti e dimensioni della nostra vita.* GELDHOF, Joris. *Homo adorans* in tempi di digitalizzazione? Prospettive teologiche su un’antropologia liturgica per il futuro. In: JURCZAK, Dominik; SARR, Olivier-Marie; TYMISTER, Markus. *Liturgia “virtuale”?* Atti del XII Congresso Internazionale di Liturgia. Napoli: Editrice Domenicana Italiana (EDI), 2022, p. 36, tradução nossa.

mensagens fugazes, as redes e as conexões favorecem a vida no Espírito? Como alimentam e promovem hoje uma vida litúrgica e uma identidade cristã, entendida em sentido amplo?”¹³.

A pergunta não é retórica. Ela exige um esforço de escuta da realidade e de abertura do olhar teológico, capaz de reconhecer tanto as potencialidades quanto os limites do ambiente digital para a experiência litúrgica. Longe de possuir respostas prontas ou modelos acabados, “[...] os teólogos liturgistas são convidados a explorar novos modos de pensar e avaliar”¹⁴. Explorar não significa abandonar os fundamentos, mas aprofundá-los à luz das realidades atuais. Reafirmar os pilares da sacramentalidade, da corporeidade e da assembleia não implica fechar-se à realidade digital, mas dialogar com ela a partir de critérios teológico-litúrgicos sólidos. Por isso, afirma Rego Bárcena: “É urgente recuperar a pluralidade e o sentido amplo do sistema sacramental, tanto no nível da reflexão teológica quanto no da prática pastoral.”¹⁵. Foi o que buscamos fazer no percurso aqui empreendido.

É importante reafirmar que a evangelização e o encontro com Cristo não se esgotam na materialidade sacramental, porque a própria “Liturgia não esgota a ação da Igreja” (SC, n. 9). A espiritualidade e a ação evangelizadora, embora encontrem na Liturgia seu cume e sua fonte (cf. SC, n. 10), sempre se manifestaram em várias outras mediações histórico-culturais, como por exemplo as artes e a piedade popular. O ambiente digital inscreve-se, assim, nesse conjunto mais amplo de lugares onde a fé pode e deve ser anunciada e nutrida. Por isso, “[...] é errado, enganoso e, sobretudo, pouco sábio sustentar que o ciberespaço está matando a liturgia cristã”¹⁶. O que está em jogo não é o declínio da Liturgia, mas a necessidade de continuar a discernir com lucidez o seu lugar, sua identidade e seus limites em uma cultura profundamente marcada pela digitalização.

Pelo mistério da encarnação do Verbo, Deus quis revelar seu amor salvífico fazendo-Se próximo no tempo, na carne e nas relações humanas. Daí é que a Liturgia não pode ser

¹³ *In che modo le app, gli schermi, i dispositivi, i messaggi fuggitivi, le reti e le connessioni favoriscono la vita nello Spirito? Come alimentano e promuovono una vita liturgica, un'identità cristiana, considerata in senso lato, oggi?*

GELDHOF; JURCZAK; SARR; TYMISTER, 2022, p. 44, tradução nossa.

¹⁴ *[...] i teologi liturgisti sono invitati a esplorare nuovi modi di pensare e valutare.* GELDHOF; JURCZAK; SARR; TYMISTER, 2022, p. 41, tradução nossa.

¹⁵ *È urgente recuperare la pluralità e il senso dell'ampio sistema sacramentale, sia a livello di riflessione teologica, sia a livello di prassi pastorale.* REGO BÁRCENA, Juan. Celebrare i sacramenti e i sacramentali: tra materialità e virtualità? In: JURCZAK, Dominik; SARR, Olivier-Marie; TYMISTER, Markus. *Liturgia “virtuale”?* Atti del XII Congresso Internazionale di Liturgia. Napoli: Editrice Domenicana Italiana (EDI), 2022, p. 68, tradução nossa.

¹⁶ *[...] è errato, fuorviante e, soprattutto, poco saggio sostenere che il cyberspazio sta uccidendo la liturgia cristiana.*

GELDHOF; JURCZAK; SARR; TYMISTER, 2022, p. 35, tradução nossa.

plenamente digitalizada sem perder aquilo que a constitui em sua essência: a atualização sacramental do Mistério Pascal de Cristo “*per ritus et preces*” (SC, n. 48). Afirmar isso não implica a imposição de limites ao Espírito Santo, que “sopra onde quer” (Jo 3,8), mas reconhecer que eles recaem sobre a contingência mesma da condição humana, sempre situada, mediada, histórica, corpórea, sensível, relacional e finita. Também não significa restringir a ação da graça aos limites da copresença física, mas reconhecer que a lógica sacramental da fé cristã, mesmo quando se serve de mediações outras, tende à corporeidade do encontro, como forma privilegiada de sua expressão. Por isso, reforça Geldhof: “Não se pode sustentar, de modo significativo, que a cultura digital represente tudo aquilo que se opõe à sacramentalidade e ao culto cristão”¹⁷.

A temática desenvolvida, ao recolher e articular reflexões teológico-litúrgicas tradicionais e atuais, reforça e se sintetiza na feliz afirmação do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais:

Não obstante a realidade virtual do espaço cibernético não possa substituir a comunidade interpessoal concreta, a realidade da encarnação dos sacramentos e a liturgia, ou a proclamação imediata e direta do Evangelho, contudo pode completá-las, atraindo as pessoas para uma experiência mais integral da vida de fé e enriquecendo a vida religiosa dos utentes (PCCS, 2002, n. 5).

Reconhecendo-se que as experiências no ciberespaço não são regidas pela lógica da substituição, mas da complementação e da orientação, ele poderá melhor despertar, sustentar ou reacender o desejo de uma participação mais integral na vida eclesial, especialmente na Liturgia. Trata-se de um dinamismo já intuído pelo Concílio Vaticano II que, no decreto *Inter Mirifica*, apontou: “Promovam-se, com diligência, as transmissões católicas, que devem levar os ouvintes e espectadores a participarem da vida da Igreja e a se aprofundarem nas verdades religiosas” (IM, n. 14). Embora formulada no contexto do rádio e da televisão, essa orientação revela-se hoje extensível a outras experiências no ambiente digital, que devem ter como finalidades primeiras a promoção e a qualificação do encontro de carne e osso.

Esse movimento de orientação ao encontro remete a uma dimensão antropológica fundamental, que é a necessidade humana da relação pela copresença sensível. A questão, com a respectiva resposta, formulada pela teóloga Alzirinha de Souza, é decisiva nesse ponto: “A pergunta que nos faremos em algum momento é: esse mundo virtual supre a necessidade

¹⁷ *Non si può significativamente sostenere che la cultura digitale rappresenti tutto ciò che si oppone alla sacramentalità e al culto cristiani.*

GELDHOF; JURCZAK; SARR; TYMISTER, 2022, p. 44, tradução nossa.

ontológica de afeto e socialização que trazemos conosco? [...] A resposta é não”¹⁸. A experiência digital não substitui a densidade relacional da presença corporal, que envolve os sentidos, a vulnerabilidade e a reciprocidade imediata de afeto. Esse é, por exemplo, o curso natural de um relacionamento humano iniciado no ambiente digital. A troca de mensagens, imagens, palavras e confidências pode nutrir o afeto, criar intimidade e aprofundar o vínculo. Contudo, chega um momento em que a relação, se for autêntica, clama pelo encontro. O amor, de qualquer natureza que seja, tende ao corpo. Quem ama deseja tocar, abraçar, ouvir a voz sem mediações, partilhar o mesmo espaço e o mesmo tempo. Uma relação indefinidamente confinada ao ambiente digital corre o risco de se esvaziar ou de se transformar em um simulacro.

Essa realidade pode iluminar, por analogia, a relação dos fiéis com Cristo. Assim como acontece nos vínculos humanos, também na vida espiritual é possível alimentar o amor no ambiente digital pela escuta da Palavra, pela oração, pelo envolvimento em iniciativas pastorais *online*, mas “a proximidade da experiência corporal e dos signos que a manifestam aos outros, a partilha comum dos ritos que constituem a sociabilidade são as condições que tornam possível a comunicação, a constante transmissão do sentido no interior de uma sociedade dada”¹⁹. A Liturgia é precisamente esse lugar privilegiado onde o amor a Cristo é experimentado no encontro, no corpo da comunidade celebrante, nos ritos que tornam sensível o mistério de seu amor salvífico por nós.

A principal contribuição desta pesquisa reside na proposição de critérios teológico-litúrgicos para o discernimento pastoral das mediações digitais em sua interface com a experiência litúrgica cristã-católica, evitando tanto posturas de rejeição indiscriminada quanto a assimilação acrítica dessas mediações. Ao reafirmar a centralidade da sacramentalidade, da corporeidade e sua sensorialidade, da participação ativa e plena, da gramática própria da ritualidade e da copresença da assembleia fisicamente reunida como elementos constitutivos das celebrações litúrgicas, este estudo buscou evidenciar que as práticas espirituais no ciberespaço, embora incapazes de substituir essas celebrações, podem desempenhar um papel significativo em sua preparação e prolongamento. Abrem-se, assim, possibilidades de pesquisas futuras para o aprofundamento do tema, especialmente no campo da iniciação cristã, da ritualidade, da mistagogia e da formação litúrgica em contextos digitais.

Diante de toda a reflexão, podemos retomar a indagação do professor Moisés Sbardelotto, apresentada na introdução deste trabalho: “Se o ‘Verbo se fez carne’, como diz o

¹⁸ SOUZA, Alzirinha. As novas formas de presença em tempos de pandemia. In: PASSOS, João Décio (Org.). *A pandemia do Coronavírus: onde estivemos? Para onde vamos?* São Paulo: Paulinas, 2020, p. 125.

¹⁹ LE BRETON, David. *Antropologia do corpo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2016a, p. 149.

Evangelho de João, por que não poderia se fazer bit?”²⁰, e responder: o Verbo pode, sim, fazer-se bit, sem jamais perder sua referência à carne humana tocada pelo mistério da encarnação. Como comunicação da salvação à humanidade, a sacramentalidade pressupõe corpo, tempo, espaço, gesto, presença e relações sensíveis. O rito litúrgico, que por excelência manifesta essa salvação, não é um adorno ou um elemento secundário da experiência cristã, mas o lugar por excelência onde o Verbo continua a se encarnar e a habitar entre nós e em nós, cheio de graça e de verdade, para que contemplemos sua glória (cf. Jo 1,14).

²⁰ SBARDELOTTO, Moisés. *E o Verbo se fez bit: a comunicação e a experiência religiosa na Internet*. Aparecida, SP: Santuário, 2012, p. 22.

REFERÊNCIAS

- AROCENA, Félix María. *La celebración de la palabra: teología y pastoral*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2005. (Biblioteca Litúrgica, 24).
- AUGÉ, Matias. *Espiritualidade litúrgica: “Oferecei vossos corpos em sacrifício vivo, santo, agradável a Deus”*. São Paulo: Ave Maria, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BENEDITO, André Luiz. *A sacramentalidade da Palavra de Deus: uma aproximação entre a mistagogia de Ambrósio de Milão e a Constituição Sacrosanctum Concilium*. São Paulo: Paulus, 2022. (Academia Litúrgica).
- BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus Caritas Est: sobre o amor cristão*. 11.ed. São Paulo: Paulinas, 2011. (A Voz do Papa, 189).
- BENTO XVI. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sacramentum Caritatis: sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja*. 6.ed. São Paulo: Paulinas, 2010. (A Voz do Papa, 190).
- BENTO XVI. *Exortação Apostólica Verbum Domini*. São Paulo: Paulinas, 2010. (A Voz do Papa, 194).
- BERGER, Teresa. *@Worship: liturgical practices in digital worlds*. London; New York: Routledge, 2018.
- BERNARD, Charles André. *Introdução à teologia espiritual*. São Paulo: Loyola, 2008.
- BÍBLIA Sagrada. 6.ed. Brasília: Edições CNBB, 2022.
- BONACCORSO, Giorgio. La televisione e il rito. In: BONACCORSO, Giorgio; GRILLO, Andrea. *La fede e il telecomando: televisione, pubblicità e rito*. Assisi: Cittadella Editrice, 2001. (Leitourgía – Sezione Antropologica). p. 91-154.
- BONACCORSO, Giorgio. *Rito*. São Paulo: Loyola, 2024.
- BOROBIO, Dionisio. *A dimensão estética da liturgia: arte sagrada e espaços para celebração*. São Paulo: Paulus, 2010. (Liturgia e Teologia).
- CASSINGENA-TRÉVEDY, François. *La belleza de la liturgia*. Salamanca: Sígueme, 2008. (Verdad e Imagen, 23).
- CASTELLANO, J. *Liturgia e Vida Espiritual*. São Paulo: Paulinas, 2008. (Liturgia Fundamental).
- CATECISMO da Igreja Católica. 9.ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Ave-Maria; Loyola; Paulinas; Paulus, 2009.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum: constituição dogmática sobre a revelação divina*. 14.ed. São Paulo: Paulinas, 2007. (A Voz do Papa, 37).

CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*: constituição pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje. 17.ed. São Paulo: Paulinas, 2011. (A Voz do Papa, 41).

CONCÍLIO VATICANO II. *Inter Mirifica*: decreto sobre os meios de comunicação social. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2022. p. 87-100.

CONCÍLIO VATICANO II. *Sacrosanctum Concilium*: constituição sobre a sagrada liturgia. 8.ed. São Paulo: Paulinas, 2007. (A Voz do Papa, 26).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*. 4.ed. atualizada. Brasília: Edições CNBB, 2023. (Documentos da CNBB, 99).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Liturgia de rádio e televisão*. São Paulo: Paulinas, 1982. (Estudos da CNBB, 33).

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Diretório sobre piedade popular e liturgia*: princípios e orientações. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2005. (Documentos da Igreja, 12).

CONGREGAÇÃO PARA OS SACRAMENTOS E O CULTO DIVINO. *Inaestimabile Donum*. Disponível em: <https://www.veritatis.com.br/inaestimabile-donum/>. Acesso em: 5 set. 2025.

DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO. *Rumo à presença plena*: uma reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais. Brasília: Edições CNBB, 2023. (Documentos da Igreja, 70).

DICASTÉRIO PARA A CULTURA E A EDUCAÇÃO; DICASTÉRIO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Antiqua et nova*: nota sobre a relação entre a inteligência artificial e a inteligência humana. Brasília: Edições CNBB, 2025. (Documentos da Igreja, 77).

FRANCISCO. *Carta Apostólica Desiderio Desideravi*: sobre a formação litúrgica do povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2022. (Voz do Papa, 214).

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013. (Voz do Papa, 198).

FRANCISCO. *Mensagem para o 53º Dia Mundial das Comunicações Sociais*: “Somos membros uns dos outros” (Ef 4,25): das comunidades de redes sociais à comunidade humana. Vaticano, 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20190124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 10 out. 2025.

GELINEAU, Joseph. Quando os homens se reúnem. In: ALDAZÁBAL, José; LLIGADAS, Josep (orgs.). *A Assembleia litúrgica e a sua presidência*. Prior Velho: Paulinas, 2010. p. 24-33.

GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo*: tratado mistagógico sobre a eucaristia. São Paulo: Loyola, 2003. (Theologica, 10).

GRILLO, Andrea. La partecipazione attiva, tema strategico della Riforma Liturgica: dalla discussione preconciare e conciliare alla problematica post conciliare. In: GIRARDI, Luigi

(Org.). *Liturgia e Partecipazione: forme del coinvolgimento rituale*. Padova: Edizioni Messaggero, 2013. (Caro Salutis Cardo, 27). p. 107-130.

GUARDINI, Romano. *Formação litúrgica*. Curitiba: Carpintaria, 2023.

IGREJA CATÓLICA. *Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas*. Comentários de José Aldazábal. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2011. (Coleção Comentários).

IVORRA ROBLA, Adolfo. La transmisión de la liturgia en la actualidad. In: ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE PROFESORES DE LITURGIA. *Liturgia y sociedad actual*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica (CPL), 2017. (Culmen et Fons). p. 49-75.

JAMES, Samuel. *Digital Liturgies: rediscovering christian wisdom in an online age*. Wheaton, IL: Crossway, 2023.

JURCZAK, Dominik; SARR, Olivier-Marie; TYMISTER, Markus (Orgs.). *Liturgia “virtuale”?* Atti del XII Congresso Internazionale di Liturgia. Napoli: Editrice Domenicana Italiana (EDI), 2022. (Ecclesia Orans – Studi e Ricerche, 5).

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. 5.ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.

LE BRETON, David. *Antropologia do corpo*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2016a.

LE BRETON, David. *Antropologia dos sentidos*. Petrópolis: Vozes, 2016b.

LEÃO MAGNO. Sermão para a Ascensão 2. In: CORDEIRO, José de Leão (Org). *Antologia Litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. 2.ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 1207.

LEMBKE, Anna. *Nação dopamina: por que o excesso de prazer está nos deixando infelizes e o que podemos fazer para mudar*. São Paulo: Vestígio, 2025.

LÉVY, Pierre. *O espaço crítico*. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2014.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

MALDONADO, Luis. *A ação litúrgica: sacramento e celebração*. São Paulo: Paulus, 1998. (Liturgia e Teologia).

OVERBECK, Carmita. *O corpo, sacramento do amor de Deus*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

PARANHOS, Washington. *O contexto litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica*. São Paulo: Paulus, 2022.

PAULO VI. Constituição Apostólica *Laudis Canticum*. In: IGREJA CATÓLICA. *Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas*. Comentários de José Aldazábal. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 15-23.

PIO X. *Tra le sollecitudini*. Vaticano, 1903.

PIO XI. *Divini Cultus Sanctitatem*. Vaticano, 1928.

PIO XII. *Mediator Dei*. Vaticano, 1947.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. *Igreja e Internet*. Vaticano, 2002. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20020228_church-internet_po.html. Acesso em: 2 out. 2025.

QUIRINO, Ademilson Tadeu. *Teologia da escuta*. São Paulo: Paulus, 2024. (Teologia Hoje).

ROCHA, Alessandro. *Celebração dos sentidos: itinerário para uma espiritualidade integradora*. São Paulo: Paulinas, 2009. (Viver como Protagonista).

SBARDELOTTO, Moisés. *E o Verbo se fez bit: a comunicação e a experiência religiosa na internet*. Aparecida, SP: Santuário, 2012.

SCHECHNER, Richard. Ritual. In: LIGIÉRO, Zeca (Org.). *Performance e Antropologia de Richard Schechner*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

SILVA, José Ariovaldo da. O mistério celebrado no segundo milênio da era cristã: panorama histórico geral. In: BUYST, Ione; SILVA, José Ariovaldo da. *O mistério celebrado: memória e compromisso I*. 2.ed. Valência: Siquem; São Paulo: Paulinas, 2006. (Teologia Litúrgica, 9). p. 43-61.

SÍNODO DOS BISPOS. *Documento Final da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos: por uma Igreja sinodal - comunhão, participação e missão*. Brasília: Edições CNBB, 2024. (Documentos da Igreja, 75).

SOUZA, Alzirinha. As novas formas de presença em tempos de pandemia. In: PASSOS, João Décio (Org.). *A pandemia do Coronavírus: onde estivemos? Para onde vamos?* São Paulo: Paulinas, 2020. p. 113-119.

SPADARO, Antonio. *Compartir a Dios em la red*. Barcelona: Herder, 2016.

TAFT, Robert. *A Liturgia das Horas no Oriente e no Ocidente: as origens do Ofício Divino e seu significado hoje*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2024.

VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009.

VIEIRA, Jonathan. Corpo, lugar de encontro. In: PEDROSA-PÁDUA, Lúcia; PEREIRA, Gerson (Orgs.). *Mística, corpo e arte: e Deus se fez sensibilidade*. São Paulo: Paulus, 2022. p. 15-32.